



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Diogo Dutra de Souza

**Representações, práticas e usos do espaço urbano por estudantes
de uma escola pública na Baixada Fluminense: a experiência do
CIEP 397 – Paulo Pontes, em São João de Meriti (RJ)**

Duque de Caxias

2024

Diogo Dutra de Souza

Representações, práticas e usos do espaço urbano por estudantes de uma escola pública na Baixada Fluminense: a experiência do CIEP 397 – Paulo Pontes, em São João de Meriti (RJ)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Letícia de Luna Freire

Duque de Caxias

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

S729 Tese	Souza, Diogo Dutra de Representações, práticas e usos do espaço urbano por estudantes de uma escola pública na Baixada Fluminense: a experiência do CIEP 397 – Paulo Pontes, em São João de Meriti (RJ). / Diogo Dutra de Souza; orientação Profa. Dra. Letícia de Luna Freire. - 2024. 132 f. Orientador(a): Letícia de Luna Freire. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1. Baixada Fluminense - Teses. 2. Espaço urbano - Teses. 3. Escola pública – Teses. 4. Percorso comentado – Teses. I. Freire, Letícia Luna de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título. CDU 37:911.375
--------------	---

Bibliotecária: Ana Paola Araujo – CRB7/6387

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Diogo Dutra de Souza

**Representações, práticas e usos do espaço urbano por estudantes de uma
escola pública na Baixada Fluminense: a experiência do CIEP 397 – Paulo
Pontes, em São João de Meriti (RJ)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre ao Programa
de em Educação, Cultura e Comunicação em
Periferias, da Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Área de concentração: Educação,
Cultura e Comunicação em Periferias.

Aprovada em 20 de setembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Letícia de Luna Freire (Orientador)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof.^a Dra. Cleonice Puggian
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

Prof.^a Dra. Maíra Machado Martins
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2024

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, José Farias, por todo suporte que me foi dado ao longo da vida. *In memoriam*

A Eluan Lemos, pela amizade e companheirismo. *In memoriam*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que, apesar dos percalços da vida me ofereceram todo suporte necessário ao longo de toda a minha trajetória escolar e acadêmica. Obrigado por tudo!

Agradeço a Alexandre Galdino e Riva Nepomuceno pelo incentivo ao ingresso no curso de mestrado e pelas conversas frutíferas que de certa forma contribuíram para reflexões entorno dos temas que contemplam esta pesquisa.

Agradeço a todos os estudantes do CIEP 397 Paulo Pontes (antigos e atuais) que ao longo de minha trajetória profissional tornaram possível o amadurecimento de minha prática docente. A estes, agradeço todo o carinho, respeito e consideração para com a minha pessoa.

Um especial agradecimento aos estudantes que participaram diretamente da pesquisa. Obrigado por cada fala, relato e por terem compartilhado um pouco da experiência de vida de vocês. Obrigado pela consideração, respeito e confiança.

Agradeço aos profissionais de apoio do CIEP 397, que também sendo moradores de São João de Meriti (por vezes do bairro), foram fundamentais para o estreitamento de laços com o lugar. A estes profissionais, todo respeito e consideração a um trabalho que é tão importante para o funcionamento das escolas...

Agradeço à equipe diretiva do CIEP 397 pelas contribuições durante todo o processo da pesquisa que envolveu a coleta e produção de dados empíricos. Agradeço o apoio.

Agradeço à Dona Valdete (87) pela disponibilidade e boa vontade que, com todas as limitações impostas pela idade avançada, ainda assim se deslocou até a escola para participar da entrevista. (*in memoriam*)

Agradeço à Heloísa Simões (antiga diretora geral da escola), pela disponibilidade para realização da entrevista e pelo suporte profissional que me foi dado ao longo de minha trajetória no CIEP 397...

Agradeço ao seu Jorge, morador do bairro pelas breves conversas durante as paradas em sua barraca de doces na rua da escola, e que me permitiram maior aproximação com o bairro e suas questões.

Agradeço à Nadja (68), moradora do bairro e que atuou trabalhando na portaria da escola por mais de 20 anos. Também o contato com ela foi fundamental enquanto

professor/pesquisador, pois permitiu o estreitamento dos laços com a comunidade escolar.

Agradeço à Edna Rodrigues, professora (aposentada) que atuou na escola desde 1994. Sempre muito querida e carinhosa, aceitou o convite para participar da entrevista. Muito obrigado.

Agradeço aos colegas do Núcleo de Pesquisa Educação e Cidade (NUPEC) pelas discussões frutíferas durante as reuniões do grupo, pelo companheirismo e união. Obrigado!

Agradeço à professora e orientadora Letícia Freira por todo suporte, respeito e credibilidade durante o processo, sempre considerando a autonomia e o *fazer pesquisa* respeitando as individualidades e o tempo de cada um.

O principal elemento que salta aos olhos quando paramos para observar a cidade é a heterogeneidade entre os modos de vida, formas de morar, uso dos terrenos da cidade por várias atividades econômicas. Os contrastes podem chocar.

Ana Fani Carlos

RESUMO

SOUZA, Diogo Dutra de. **Representações, práticas e usos do espaço urbano por estudantes de uma escola pública na Baixada Fluminense**: a experiência do CIEP 397 – Paulo Pontes, em São João de Meriti (RJ). 2024. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

Esta pesquisa teve como propósito investigar e analisar as experiências urbanas de jovens estudantes de uma escola pública em São João de Meriti, Baixada Fluminense. Por suas características históricas e geográficas, ao longo das décadas foram construídas representações entorno deste espaço. Ainda, a produção do espaço urbano neste contexto foi marcada pela fragmentação espacial produzindo zonas periféricas deficientes em infraestrutura urbana e demais serviços. Considerando a função educadora da cidade, e a escola como agência decisiva para o direito à cidade, tomamos como inspiração a metodologia de percurso comentado, desenvolvida por Jean Paul Thibaud, que busca captar as experiências sensoriais dos cidadãos considerando as ambiências do espaço construídos, para a realização de caminhadas pelo bairro. Foram selecionados 12 estudantes considerando a origem e a trajetória escolar. Buscamos verificar se o aumento da demanda pela escola pública nos últimos anos seria capaz de provocar desigualdades no contexto escolar, bem como desigualdades de experiências dos jovens com e na cidade, assim como diferentes representações de seus espaços vividos, considerando o bairro e a escola. As análises sugerem que as representações, práticas e usos do espaço urbano no contexto mencionado tem como pano de fundo diferenças socioeconômicas, raciais e de gênero, produzindo assimetrias na forma como estes jovens representam a cidade, o bairro e a escola.

Palavras-chave: Baixada Fluminense. Espaço urbano. Escola pública. Percurso comentado.

ABSTRACT

SOUZA, Diogo Dutra de. **Representations, practices and uses of urban space by students at a public school in Baixada Fluminense**: the experience of CIEP 397 – Paulo Pontes, in São João de Meriti (RJ). 2024. 133 f. Dissertation (Master in Education, Culture and Communication) - Faculty of Education of Baixada Fluminense, State University of Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

This research aimed to investigate and analyze the urban experiences of young students at a public school in São João de Meriti, Baixada Fluminense. Due to its historical and geographical characteristics, representations were built around this space over the decades. Furthermore, the production of urban space in this context was marked by spatial fragmentation, producing peripheral areas deficient in urban infrastructure and other services. Considering the educational function of the city, and the school as a decisive agency for the right to the city, we took as inspiration the commented route methodology, developed by Jean Paul Thibaud, which seeks to capture the sensorial experiences of city dwellers considering the ambiances of the built space, to taking walks around the neighborhood. 12 students were selected considering their origin and school trajectory. We sought to verify whether the increase in demand for public schools in recent years would be capable of causing inequalities in the school context, as well as inequalities in young people's experiences with and in the city, as well as different representations of their lived spaces, considering the neighborhood and the school. The analyzes suggest that the representations, practices and uses of urban space in the aforementioned context have socioeconomic, racial and gender differences as a backdrop, producing asymmetries in the way these young people represent the city, the neighborhood and the school.

Keywords: Baixada Fluminense. Urban space. Public school. Commented route.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa de localização da Baixada Fluminense no contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – RMRJ.....	24
Figura 2	Mapa da Baixada geomorfológica.....	25
Figura 3	Mapa da Baixada do Estado do Rio de Janeiro.....	26
Figura 4	Mapa da letalidade violenta na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.....	33
Figura 5	Mapa do IBEU local da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – 2010.....	34
Figura 6	Mapa da evolução urbana no município de São João de Meriti, RJ.....	38
Figura 7	Mapa de São João de Meriti no contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, RMRJ.....	39
Figura 8	Mapa dos bairros de São João de Meriti.....	39
Figura 9	Mapa de São João de Meriti no contexto da conurbação metropolitana.....	40
Figura 10	Vista da igreja matriz, no centro.....	41
Figura 11	Acesso a estação ferroviária Pavuna/São João de Meriti.....	42
Figura 12	Mapa de São João de Meriti destacando o bairro de Éden.....	46
Figura 13	Localização do bairro de Éden.....	46
Figura 14	Anúncio de loteamento à venda em Éden pela empresa Parque Fluminense, 1930.....	48
Figura 15	Matéria jornalista anunciando a inauguração da estação de Éden, 1933.....	49
Figura 16	Mapa de localidades no bairro de Éden.....	51
Figura 17	Mapa da praça de Éden.	52
Figura 18	Praça de Éden.....	52
Figura 19	Mapa de localização da Praça Goiânia.....	53
Figura 20	Trecho da praça Goiânia.....	54
Figura 21	Campo do Luizinho.....	55
Figura 22	Mapa de localização do CIEP 397 Paulo Pontes.....	57
Figura 23	CIEP 397 Paulo Pontes.....	58

Figura 24	Rua Ten. Pedro Gomes Martins.....	59
Figura 25	Entroncamento com a linha férrea.....	60
Figura 26	Vista do estacionamento, CIEP 397 Paulo Pontes.....	65
Figura 27	Vista do pátio, CIEP 397 Paulo Pontes.....	66
Figura 28	Vista do refeitório, CIEP 397 Paulo Pontes.....	66
Figura 29	Corredor de acesso às salas de aula do 3º pavimento.....	67
Figura 30	Aplicação de provas.....	67
Figura 31	Biblioteca escolar, CIEP 3978 Paulo Pontes.....	68
Figura 32	Auditório, CIEP 397 Paulo Pontes.....	68
Figura 33	Vista da quadra poliesportiva, CIEP 397 Paulo Pontes.....	69
Figura 34	Laboratório de informática, CIEP 397 Paulo Pontes.....	69
Figura 35	Laboratório de ciências – CIEP 397 Paulo Pontes.....	70
Figura 36	Sala <i>maker</i> – CIEP 397 Paulo Pontes.....	70
Figura 37	Roda de conversas – Grupo I.....	81
Figura 38	Roda de conversas – Grupo II.....	82
Figura 39	Percurso proposto e percurso realizado.....	96
Figura 40	Tipologia e figuras de percurso.....	96
Figura 41	Figuras de percurso – Grupo I.....	97
Figura 42	Mapa de trajeto casa-escola - Grupo I.....	128
Figura 43	Preparação para a caminhada.....	98
Figura 44	Início da caminhada – Grupo I.....	98
Figura 45	Passagem por obstáculo – Grupo I.....	100
Figura 46	Mapa de trajeto casa-escola – Grupo I.....	129
Figura 47	Éden futebol clube.....	101
Figura 48	Travessia de obstáculo na Av. Pres. Kennedy, saída do Éden futebol clube – Grupo I.....	101
Figura 49	Parada e observação do comércio local – Grupo I.....	103
Figura 50	Parada na praça de Vila Norma.....	103
Figura 51	Parada na praça de Vila Norma.....	106
Figura 52	Mapa trajeto casa-escola – Grupo II.....	129
Figura 53	Vista da Barreira.....	108
Figura 54	Caminhada em direção ao campo do Luizinho – Grupo II.....	109
Figura 55	Caminhada em direção à Praça de Éden.....	110

Figura 56	Vista da Praça da Igreja – Grupo II.....	110
Figura 57	Aspecto do comércio local no calçadão de Éden.....	112
Figura 58	Trecho do calçadão de Éden.....	112
Figura 59	Mapa de trajeto casa-escola – Grupo II.....	132
Figura 60	Vista do campo de futebol às margens da linha férrea.....	115
Figura 61	Término da caminhada com o Grupo I – CIEP 397 – Paulo Pontes.....	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Evolução populacional da Baixada Fluminense.....	32
Gráfico 2 -	Distribuição dos estudantes, por religião/credo, 2023.....	63
Gráfico 3 -	Evolução do número de matrículas oriundas da rede privada de ensino, 2023.....	64
Gráfico 4 -	Distribuição, por cor/raça.....	84
Gráfico 5 -	Renda Familiar.....	85
Gráfico 6 -	Distribuição dos grupos, por cor/raça.....	89
Gráfico 7 -	Renda Familiar, por grupo.....	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	População total, Baixada Fluminense, Região Metropolitana e Estado do Rio de Janeiro.....	24
Tabela 2 -	População, área total e densidade demográfica: Estado do Rio de Janeiro, Região Metropolitana e Baixada Fluminense, 2022.....	31
Tabela 3 -	PIB <i>per capita</i> municipal na Baixada Fluminense, 2021.....	34
Tabela 4 -	Evolução populacional do município de São João de Meriti – RJ.....	37
Tabela 5 -	Distribuição por cor/raça, CIEP 397 Paulo Pontes, 2023.....	63
Tabela 6 -	Origem escolar.....	83
Tabela 7 -	Distribuição, por sexo.....	84
Tabela 8 -	Meio de locomoção: trajeto casa-escola – Frequência.....	86
Tabela 9 -	Circulação – Frequência.....	86
Tabela 10	Percepções sobre a Baixada Fluminense – Frequência.....	88

-

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	17
1	CONTEXTO SOCIOESPACIOAL DA PESQUISA.....	21
1.1	Baixada Fluminense: definições e sentidos.....	23
1.2	Baixada Fluminense: aspectos sociais.....	31
1.3	O município de São João de Meriti.....	35
1.3.1	<u>Histórico, formação territorial e urbanização.....</u>	<u>36</u>
1.3.2	<u>Localização e aspectos gerais.....</u>	<u>39</u>
1.3.3	<u>O Bairro de Éden.....</u>	<u>45</u>
1.4	CIEP 397 PAULO PONTES.....	56
1.4.1	<u>Localização e entorno.....</u>	<u>56</u>
1.4.2	<u>Trajetória e quadro funcional.....</u>	<u>61</u>
1.4.3	<u>Infraestrutura.....</u>	<u>65</u>
1.4.4	<u>Cotidiano e uso do espaço escolar.....</u>	<u>73</u>
1.5	Espaço, cidade e lugar: breves considerações.....	76
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	79
2.1	Escolha e definição dos procedimentos metodológicos.....	79
2.2	Definição e caracterização dos participantes da pesquisa.....	83
2.3	O Percorso comentado como possibilidade de pesquisa em educação e cidade.....	89
3	CAMINHANDO PELO BAIRRO.....	92
3.1	A escola e o bairro.....	92
3.2	Percursos propostos, percursos sugeridos e figuras de percurso.....	94
3.2.1	<u>Grupo I.....</u>	<u>97</u>
3.2.2	<u>Grupo II.....</u>	<u>106</u>
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
	REFERÊNCIAS	121
	ANEXOS.....	127

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como eixo de investigação e reflexão as experiências urbanas de jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual do Rio de Janeiro, localizada no município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense.

Propomos investigar os usos, as práticas e as representações que os jovens tem do espaço urbano no contexto da periferia metropolitana carioca, tomando como recorte empírico o bairro e a escola.

O CIEP 397 Paulo Pontes, recorte empírico desta pesquisa, está localizado no bairro de Éden, no município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Este, por sua vez, é o segundo menor município em extensão territorial da região, porém, conta com uma das maiores densidades demográficas do país, sendo por vezes denominado de “formigueiro humano”.

A ocupação e urbanização do município ocorreram de forma intensa a partir da década de 1950, quando o poder público promoveu intervenções de saneamento e infraestrutura em toda a região (Silva, 2019; Souto, 2021).

Por estar localizado nos limites com a cidade do Rio de Janeiro, o município de São João de Meriti, a exemplo de outros que compõem a região, teve seu território intensamente fragmentado e ocupado, em geral por populações de baixa renda que buscavam as vantagens de localizar-se próximo a capital (Simões, 2006).

A produção do espaço no que hoje conhecemos como Baixada Fluminense, embora com delimitações territoriais ainda imprecisas, foi acompanhada da (re)produção de representações negativas e estigmas em relação aos seus territórios e moradores, criando uma “geografia imaginativa” sobre a região (Albuquerque, 2021).

É no contexto apresentado que se localizam escola e bairro. Na função de professor docente de Geografia atuando na instituição desde 2014, o exercício da prática e observação ao longo dos anos, me permitiu conhecer melhor os estudantes que transitam entre os espaços da escola e do bairro.

Na condição de professor de Geografia, me interessavam as correlações que os estudantes traziam a respeito de temas abordados em sala de aula com suas visões de mundo e vivências. No cotidiano escolar, as conversas de corredores durante os intervalos traziam falas mais aprofundadas sobre as experiências destes jovens com o lugar onde vivem.

A partir da experiência como docente na instituição é que começo a refletir sobre como determinadas questões relacionadas ao lugar de moradia dos estudantes poderiam interferir em minha prática profissional e na relação dos mesmos com a escola.

A ideia de ausência que frequentemente era atribuída ao bairro por alguns estudantes, ao que parece reproduzia representações hegemônicas (Rocha, 2013) sobre a região tendo como recorte a escala do lugar, considerado como espaço vivido, fruto de experiências individuais e coletivas, onde se reproduz o cotidiano no contexto da cidade e da vida urbana (Carlos, 2007) e onde “o modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer e também uma cultura”. (Carlos, 2008, p.26)

A escola, por sua vez, um Centro Integrado de Educação Pública - CIEP, que teve como objetivo promover “...uma relação mais ampla com a comunidade” (Ribeiro, 1986, p.49) vem passando por significativas mudanças ao longo dos últimos anos, seja de cunho institucional ou pedagógica, influenciadas por fatores externos com o aprofundamento da crise econômica e a pandemia de Covid 19.

Neste sentido, foi possível observar que entre os anos de 2018 e 2023 ocorreram mudanças significativas no funcionamento da instituição e no perfil dos estudantes, com aumento considerado do número de matrículas de estudantes oriundos da rede privada de ensino.

Tal fato chama a atenção, pois o aumento da demanda sobre a escola ocorreu em um período de grandes mudanças na estrutura curricular de ensino, com a Reforma do Ensino Médio, acompanhados da implantação do Ensino Médio Integral com promessas de educação profissionalizante e itinerários formativos, ao mesmo tempo que, em função da crise econômica algumas escolas da rede privada localizadas no bairro decretaram falência ou tiveram o número de alunos reduzidos.

Desta forma, a escola, compreendida como espaço reprodutor de relações sociais e desigualdades (Peregrino, 2010), mas também como “agência decisiva na vida de uma cidade” (Burgos, 2022, p.23), me interessou compreender como ocorriam as experiências daqueles jovens estudantes com a cidade, considerando o contexto urbano onde escola e bairro estão inseridos.

Escola e bairro foram pensados aqui sob a perspectiva do lugar, seja como ponto e localização espacial, seja como fruto de experiências vividas pelos indivíduos na escala do bairro.

Assim, a pesquisa teve como objetivo principal investigar, analisar e refletir sobre as experiências urbanas de jovens moradores da Baixada Fluminense e estudantes do CIEP 397 – Paulo Pontes tendo como recorte o bairro e a escola.

Como objetivos específicos a pesquisa buscou:

- Identificar e analisar as práticas e usos do espaço no contexto do bairro;
- Identificar e analisar o relato dos jovens a respeito de suas experiências com o bairro e a escola;
- Investigar e analisar as representações dos jovens sobre o bairro e a escola.

Para auxiliar na elaboração dos objetivos, são questões que norteiam o desenvolvimento da pesquisa: Quais práticas e usos do espaço do bairro estão presentes no cotidiano dos estudantes? Quais suas experiências na cidade e com a cidade? Quais são as representações dos jovens em relação ao bairro e a escola? Diferenças renda, raça ou gênero interferem nas experiências desses jovens com a cidade e a escola?

A metodologia proposta teve por base levantamentos bibliográficos, documentais, produção de fotografias e mapas, observação do cotidiano escolar, trabalhos de campo e rodas de conversas.

Ainda, tomando por orientação e inspiração teórica a metodologia de percurso comentado, desenvolvida por Jean Paul Thibaud (2001), e adaptada à realidade local, foram realizadas, no ano de 2023, duas caminhadas pelo bairro com dois grupos de estudantes do Ensino Médio do CIEP 397 Paulo Pontes.

As caminhadas tiveram como objetivo captar as experiências e percepções dos jovens em relação ao bairro onde está situada a escola, o qual também é o local de moradia da maior parte dos estudantes.

Assim, a pesquisa está estruturada em três capítulos mais as considerações finais. No primeiro capítulo buscamos refletir sobre as principais definições e sentidos envolvidos processo histórico de construção da Baixada Fluminense, sua localização e definições, bem como as representações atribuídas à região.

Também no primeiro capítulo apresentamos a evolução histórica, geográfica e social do território meritiense no contexto da Baixada Fluminense e da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – RMRJ, bem como o bairro de Éden e a escola.

No segundo capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos, os instrumentos e etapas do trabalho, assim como a definição e escolha dos estudantes que participaram da pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta uma breve discussão sobre a metodologia de percurso comentado como instrumento de pesquisa envolvendo o bairro e escola. Também neste capítulo apresentamos as análises das atividades de campo realizadas pelos grupos que participaram da caminhada pelo bairro.

Assim, considerando que a escola é um espaço decisivo para a vida de uma cidade, e que o espaço urbano fragmentado e hierarquizado é capaz de produzir assimetrias ainda mais profundas nas relações entre escola, educação e cidade, o contexto urbano no qual o CIEP 397 Paulo Pontes está inserido é que justifica a elaboração e reflexão desta proposta de pesquisa.

Ainda, por ter uma função educadora, “a cidade vista como territórios educativos, deve considerar não apenas as estruturas materiais nela existentes”, mas também as relações imateriais que a sociedade estabelece com o espaço”. (Alves, 2018, p.24).

No plano da prática docente, acredito que o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa que busca refletir sobre o espaço vivido dos estudantes pode e vem contribuindo significativamente no processo de compreensão das questões que envolvem o ensino e a aprendizagem, e que não estão restritas à escola, mas ao conjunto dos elementos externos que reflete no próprio processo de ensino.

O desenvolvimento da pesquisa possibilitou a produção de uma importante fonte de informações e dados sobre o bairro e a escola, já que até o momento atual não foram encontrados trabalhos de cunho acadêmico reunindo informações sobre estes dois espaços.

1 CONTEXTO SOCIOESPACIAL DA PESQUISA.

Este capítulo tem como objetivo apresentar a Baixada Fluminense e o município de São João de Meriti no contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – RMRJ e, em seguida, o bairro e a escola nos quais fora realizadas as atividades e as observações empíricas.

O termo socioespacial presente no título deste capítulo, considera compreender o movimento da sociedade construído na dialética entre formação social e espaço. A formação social, segundo Santos (1977), ao contrário do modo de produção (capitalista), que se realiza em escala mundial, “se fazem num espaço particular e não num espaço geral... Os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço”. (Santos, 1977, p.88).

Neste sentido, consideramos iniciar a contextualização socioespacial da pesquisa a partir de três escalas geográficas¹: a regional, a local e a microlocal. Segundo Souza “diferentes escalas constituem e são constituídas através de uma estrutura histórico geográfica de interações sociais” (Souza, 2013, p. 191). Desta forma, “a escala não é uma categoria pré-existente, apenas à espera para ser aplicada, mas um modo de contextualizar concepções da realidade. (idem)

Para Pereira (2023), a categoria formação socioespacial como teoria e método, desenvolvida pelo geógrafo Milton Santos, foi elaborada com o intuito de compreender a formação de uma dada sociedade em escala nacional, porém sua aplicação também se presta a estudos regionais e de lugares, mas que sejam reconhecidos como subespaços que não possuem autonomia própria. Assim, a formação socioespacial permite analisar a unidade na diversidade.

Acreditamos que o contexto regional é importante, pois especialmente no caso da Baixada Fluminense, seu crescimento e desenvolvimento urbano estiveram ligados diretamente à expansão do modo de produção capitalista em final do século XIX e início do século XX, e tiveram grande impacto no desenvolvimento das cidades nos chamados países de terceiro mundo.

Desta maneira, a formação socioespacial seria

uma totalidade, uma mediação entre outras duas totalidades: o mundo e o lugar. A relação entre estas totalidades é dialética, e é na mediação da formação socioespacial, enquanto totalidade que se vislumbra as análises das regiões e dos lugares, estes entendidos como subespaços, o que inclui

¹ Para Souza (2013) a escala geográfica representa a dimensão espacial de um determinado fenômeno.

também, as cidades. Mundo, formação socioespacial e lugar são totalidades que se interpenetram e, portanto, não podem ser compreendidas nem analisadas de forma isolada (Pereira, 2023, p.12).

No mesmo sentido, Abreu entende que

...um trabalho que vise analisar o processo de evolução de qualquer cidade a partir de sua organização atual é, por definição, um estudo dinâmico de estrutura urbana. Para que evite cair no empirismo da mera descrição geográfica, é necessário, entretanto, que ele relacione - a cada momento - a organização interna da cidade com o processo de evolução da formação social (Abreu, 1998, p.7)

Assim, iniciamos a contextualização da pesquisa discutindo brevemente a origem do termo Baixada Fluminense, seus limites geográficos, sua constituição histórica e social, bem como sua transformação em periferia metropolitana que ao longo das últimas décadas passou a compor um quadro político e social que, como veremos adiante se destaca por sua importância histórica, econômica e cultural no Estado do Rio de Janeiro – ERJ ao ponto de, como mostra Rocha (2011) “a Baixada Fluminense se diferencia das outras áreas do estado a ponto de se firmar como uma verdade (reconhecida no senso comum), como um espaço legítimo” (Rocha, 2011, p.20) embora ainda não seja oficialmente reconhecida como unidade regional pelo IBGE.

As definições e representações sobre a região tem variado ao longo das últimas décadas, especialmente a partir da década de 1980, as representações sobre a Baixada Fluminense, sobretudo nos meios de comunicação tem evoluído positivamente, destacando os seus aspectos e atrativos econômicos e culturais, como sugere Enne, 2002. No entanto, como aponta Rocha (2009), ainda persistem as representações hegemônicas, que associam a região “à violência, à miséria e ao descaso político e social” (Rocha, 2009, p.51).

São João de Meriti faz parte da Baixada Fluminense, região com a qual possui laços históricos, econômicos e sociais. Segundo Simões (2006), as vilas de Magé, criada em 1789 e a vila de Iguassú, criada em 1833, “serão embriões dos demais municípios da Baixada” (Simões, 2006, p.141).

É no contexto de desmembramentos territoriais que surge, em 1947, por emancipação de Duque de Caxias, São João de Meriti e, assim, em função de sua posição geográfica e de sua história econômica e social, São Joao de Meriti encontra-se plenamente inserido na Baixada Fluminense.

1.1 Baixada Fluminense: Definições e sentidos.

A Baixada Fluminense é uma sub-região localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro - RMRJ². Embora não seja oficialmente reconhecida enquanto região de governo, no senso comum é frequente o uso do termo como referência ao conjunto de municípios localizados em quase sua totalidade a oeste da Baía de Guanabara.

Dos 22³ municípios que constituem a RMRJ, 13 estão localizados na Baixada Fluminense com população total de 3.857.432,00 habitantes em relação ao total da RMRJ, que é de 11.686.286, ou seja, aproximadamente 30% da população residente na região vive na Baixada Fluminense, o que torna este um espaço de expressiva relevância no contexto metropolitano e estadual.

De definição imprecisa, o termo Baixada Fluminense assume diferentes recortes históricos, geográficos e sociais, sendo uma região de significado polissêmico, como sugere Enne.

Do ponto de vista geomorfológico, o termo “baixada” designa:

áreas deprimidas em relação aos terrenos contíguos. Geralmente se designa assim as áreas próximas ao mar... Geralmente esses terrenos de pequena altura na borda do mar, de baías ou de rios, são muito extensos, como é o caso da Baixada Fluminense, Baixada da Guanabara etc (Guerra, 1993, p. 49).

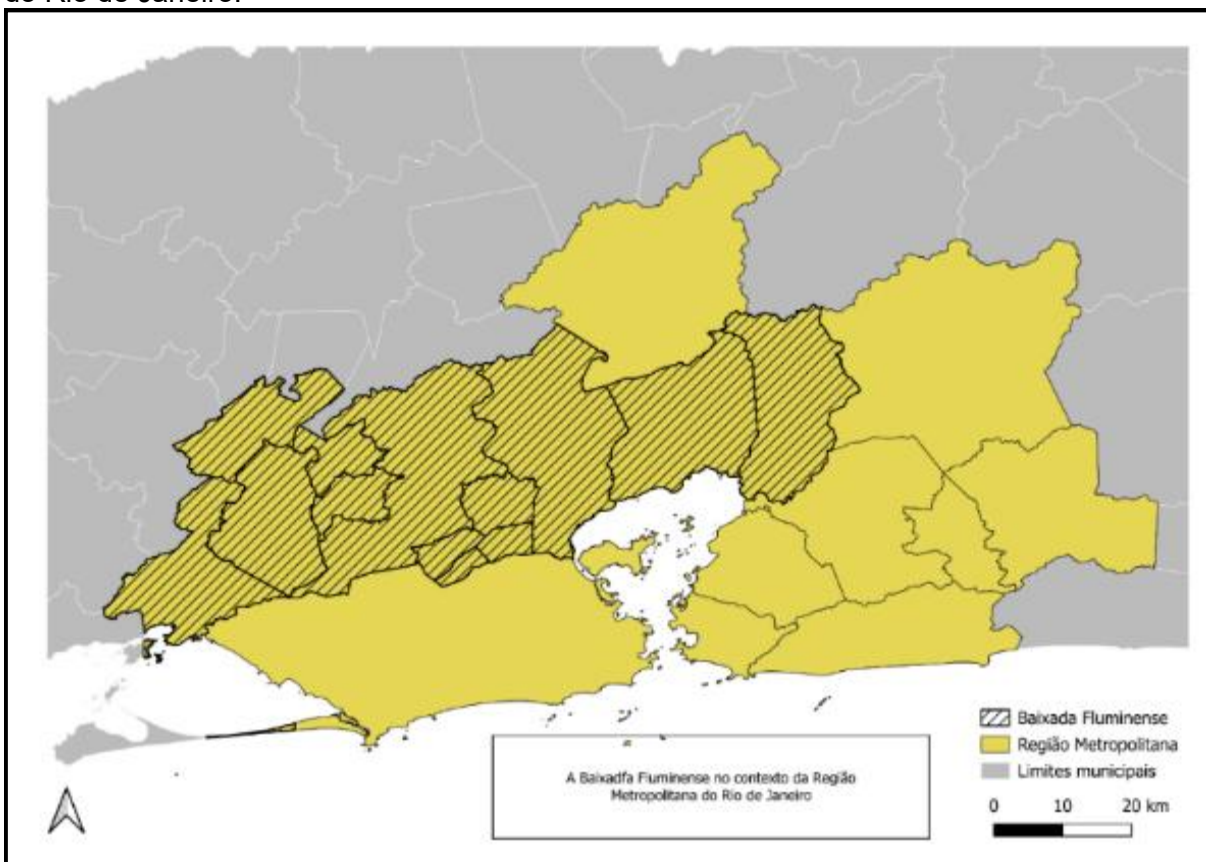
No mesmo sentido, Prado (2000) nos informa que inicialmente denominada Recôncavo da Guanabara e mais tarde Baixada Fluminense

a região compreendia as áreas entre o sopé da Serra do mar e as praias oceânicas, estendendo-se desde a foz navegável do rio Paraíba do sul até a ponta da rocha de Mangaratiba. Era uma área que cobria aproximadamente 17.000km² (Prado, 2000, p. 11).

² A Região Metropolitana do Rio de Janeiro foi criada pela Lei Complementar Federal nº 20/1974. Originalmente formada por 14 municípios, após sucessivas leis estaduais, somadas às atribuições conferidas aos estados federados pela Constituição de 1998, seus limites voltaram a se alterar passando RMRJ a incluir, hoje, 22 municípios do Estado do Rio de Janeiro, a saber: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Petrópolis, Queimados, Seropédica, São Gonçalo, São João de Meriti, Tanguá, Cachoeiras de Macacu e Rio Bonito. Disponível em: https://www.irm.rj.gov.br/formacao_rjrm. Acesso em 09 set. 2023.

³ Pela Lei Complementar 184/2018, o município de Petrópolis passou a compor a RMRJ.

Figura 1- Mapa de localização da Baixada Fluminense no contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



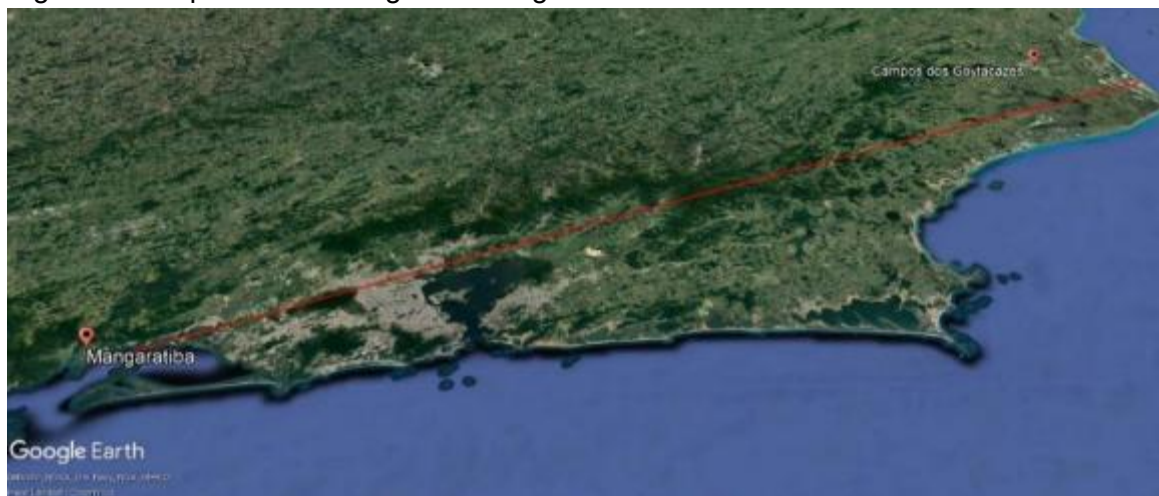
Fonte: IBGE, 2022, com intervenção do autor, 2023.

Tabela 1 - População total da Baixada Fluminense, Região Metropolitana e Estado do Rio de Janeiro.

Localização	População total
Baixada Fluminense	3.587,432
Região Metropolitana	11.686,286
Estado do Rio de Janeiro	16.054,524

Fonte: IBGE, 2022.

Figura 2 – Mapa da Baixada geomorfológica.



Fonte: GOOGLE EARTH, com intervenção do autor, 2023.

Localizada na interface entre a serra e o mar, a região ganhou importância desde o início da colonização na função de zona de produção açucareira, articulando-se por vias terrestres e flúvio-marítimas com a capital da colônia, o Rio de Janeiro, por onde escova a produção inclusive de gêneros agrícolas variados.

Com o declínio da atividade açucareira em meados do século XVIII e a posterior transferência da produção cafeeira - que outrora ocupou esparsas áreas da região - para o Vale do Paraíba, a Baixada Fluminense iniciou um processo transição de seu perfil econômico e populacional.

A situação de declínio econômico das monoculturas aliada as epidemias de doenças oriundas de vetores hídricos (malária, febre amarela...) faz com que o Estado passe a intervir neste espaço de modo a incorporá-lo novamente a dinâmica regional.

Silva (2013), aponta que no início do século XIX, baseados em interesses políticos e econômicos começam a surgir discursos sobre a necessidade de sanear a região. Neste sentido, Simões (2006) entende que ao pôr em prática políticas e intervenções de saneamento para a região, o poder público buscava recuperar o seu crescimento econômico integrando-a capital federal.

De acordo com Souto (2021), a primeira comissão estadual de saneamento definiu como Baixada do Estado do Rio de Janeiro 19 municípios costeiros, deixando de fora apenas o Distrito Federal. Nessa classificação, a região foi subdividida em quatro seções, que levavam em consideração os limites de suas bacias hidrográficas.

Figura 3 – Mapa da Baixada do Estado do Rio de Janeiro.



Legenda: Divisão aproximada da Baixada do Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Souto, 2021, p. 42.

Silva (2013) e Souto (2021), chamam a atenção em suas pesquisas para o fato de que as duas primeiras comissões de saneamentos criadas para a região pouco fizeram em termos de intervenção direta, sendo os seus trabalhos mais voltados ao levantamento de dados e reconhecimento de área.

Para Silva (2013), no entanto, as comissões teriam sido responsáveis por criar duas visões de Baixada: uma que via a região como espaço de vocação agrícola e o outra que a enxergava como espaço subalterno, o que atualmente se configura como periferia metropolitana.

Retornamos à Souto, para quem, foi em 1933, com a criação da Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense (CSBF) que o uso do termo Baixada Fluminense passa a fazer referência à toda planície costeira do estado do Rio de Janeiro. Assim

a CSBF alocou toda a planície do estado fluminense, excetuando-se a parte referente ao Distrito Federal, sob o termo Baixada Fluminense. Essa Baixada Fluminense da CFSB foi subdividida em quatro “Baixadas” : 1) Baixada da Guanabara; 2) Baixada dos Goytacazes; 3) Baixada de Araruama; e 4) Baixada de Sepetiba (Souto, 2021, p. 64).

Para Rocha (2013), com as subdivisões realizadas pela CSBF, a Baixada da Guanabara foi assim classificada em função de sua ligação com a Baía da Guanabara,

e “entre suas particularidades estavam os problemas referentes ao saneamento básico e a drenagem de áreas alagadiças” (Rocha, 2013, p.6).

Além da preocupação com a recuperação econômica da região, a proximidade com o Distrito Federal era vista como ameaçadora em função das epidemias de malária e cólera.

Retomamos a análise de Silva (2013), para quem embora a CSBF tenha classificado como Baixada da Guanabara todo o entorno da baía, incluindo sua parte leste, a história narrada pelo engenheiro em seus relatórios era a história da antiga Vila de Iguassú. Emergindo daí, um discurso sobre a região pautado na ideia de recuperação econômica e progresso, mas com a necessidade do saneamento, onde na ocasião Iguassú prosperava com a citricultura.

Como apontam Abreu (1998) Simões (2006), o saneamento para a região foi do tipo rural e pensava a transformação daquele espaço em um cinturão agrícola que atendesse ao Distrito Federal e ao exterior. Desta forma, evidencia que as primeiras políticas voltadas para o saneamento da região não consideravam os seus aspectos urbanos, tais como moradia, crescimento populacional, muito embora no início do século XX já existissem localidades que se formavam principalmente às margens das ferrovias nos limites com o Rio de Janeiro.

Sobre esta questão, Silva analisando o relatório elaborado pelo engenheiro Hildebrando Góes, aponta que “o saneamento da Baixada potencializou o processo de periferização, sem que uma palavra sobre urbanização fosse colocada no relatório de 1939” (Silva, 2019, p.115).

O que ocorreu posteriormente foi que com o declínio da citricultura e a grande disponibilidade de terras saneadas, cresceram os loteamentos na região, estimulados além disso pela eletrificação das linhas férreas.

Geiser et al., 1952, em pesquisa sobre os loteamentos na região da Baixada da Guanabara aponta que por suas características geográficas, formada em grande parte por planícies e a proximidade com o Distrito Federal teriam sido fatores responsáveis por intensificar os loteamentos voltados para usos residenciais de baixa renda.

Assim, ao mesmo tempo em que cresciam os loteamentos na região agravavam-se os problemas de infraestrutura, principalmente a partir da década de 1950, em função do crescimento urbano acelerado estimulado pela industrialização

da capital federal e as migrações intrarregionais. Tal fato teria sido responsável por criar um imaginário negativo atribuído a região, como aponta Silva (2015).

um lugar inóspito pela falta de atuação do Estado consagrou-se, trazendo em seu bojo a discussão sobre a forma de inserção da Baixada à cidade do Rio de Janeiro, se complementar com alguma autonomia, ou se complementar de forma subalterna, como periferia (Silva, 2015, p.4).

Além dos fatores ligados à precariedade de infraestrutura e de uma suposta ausência do Estado, um elemento há mais passa a repercutir nos discursos que definem e qualificam a região: a violência.

Anna Lúcia Enne, pesquisando sobre memória e identidade na Baixada Fluminense chama a atenção para o papel da mídia na construção de representações sobre a região. Para autora, foi a partir da década de 1970 que os jornais de grande circulação passam a vincular notícias sobre a região como “espaço marcado pela violência e pela ausência de leis” (Enne, 2002, p.106).

Analisando dois jornais de grande circulação e tiragem distribuídos na cidade do Rio de Janeiro e RMRJ, Enne mostra que nas últimas cinco décadas a mídia vem contribuindo muito para a cristalização de um olhar estigmatizante e preconceituoso sobre a Baixada.

Dentre as notícias analisadas pela pesquisadora, é possível identificar que grande parte estão relacionadas a homicídios ocorridos em Nova Iguaçu, Caxias, Queimados, Nilópolis, São João de Meriti e Japeri. Neste sentido, há uma vinculação entre violência como fator social e sua localização no espaço geográfico da Baixada Fluminense representado pelo conjunto dos referidos municípios.

José Alves (2003) em pesquisa sobre a história da violência na região, utiliza como recorte geográfico os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Queimados e Japeri. Em seu trabalho, os altos índices de homicídios entre estes municípios serviram “como matéria-prima a partir da qual se produziu a vinculação da região com a violência, sobretudo através dos meios de comunicação”. (Alves, 2003, p.15).

Para Alves (2003), a imprensa, através de suas produções diárias, teria sido responsável por produzir, a partir da década de 60, interpretações sobre a região a partir de diferentes dimensões políticas e sociais das quais a violência se destacava nos principais noticiários. Para o autor, graças à imprensa “diariamente tomava-se conhecimento das execuções sumárias que ocorriam na” região mais violenta do mundo” (Alves, 2003, p.19).

O recorte de baixada utilizado por Alves se aproxima dos que foram definidos pelas Fundrem⁴ quem criou as Unidades Urbanas Integradas de Oeste – UUIO⁵, em 1975. A definição de Baixada Fluminense proposta pela Fundrem era constituída pelas UUIO que englobavam os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Queimados e Japeri.

Atualmente, tal recorte é utilizado pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) do estado do Rio de Janeiro, onde os municípios da Baixada Fluminense figuram como 3ª instância, dentre as Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP).

Neste sentido, ainda que as comissões de saneamento inicialmente tenham sido responsáveis por criar os primeiros recortes e representações sobre a região, entendemos que foi a partir da instituição da RMRJ e das UUIO é que se constituiu um recorte e um imaginário geográfico e social baseado em representações negativas vinculadas ao conjunto dos municípios localizados do lado oeste da Baía de Guanabara.

A proximidade da região com a cidade do Rio de Janeiro e sua transformação em periferia urbana conurbada ao passo em que a violência se expandia para além de seus limites geográficos, atingindo de forma generalizada toda a RMRJ, inclusive a capital, fará com que o status de “região mais violenta do mundo” (op.cit) seja modificado a partir da década de 1990.

De acordo com Enne, durante a década de 1990

essas representações associando a BF à “violência” começam a ser atenuadas nos grandes jornais (...) alguns fatores são determinantes para esta mudança de concepção: a propagação da ideia de que a violência se generalizou, atingindo principalmente a cidade do Rio de Janeiro; a criação dos cadernos sobre a *Baixada* (no *Dia* e no *Globo*, semanalmente; no *JB*, através de edições especiais lançadas no decorrer da década), oferecendo uma outra visão sobre a região; a criação da Linha Vermelha, que, ao diminuir o tempo para vencer a distância geográfica, teria causado também um impacto sobre a distância social; a ação dos movimentos sociais a partir da década de 80, que teriam conseguido transformar o cenário social da *Baixada*; a percepção de que a região seria um “mercado consumidor” potencial; o surgimento de uma preocupação das autoridades políticas locais em construir imagens positivas para seus municípios; a própria ação destes

⁴ A Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro - Fundrem foi criada em 1975 e seu principal objetivo era integrar ações e políticas entre os municípios da recém criada região metropolitana. Com a promulgação da Constituição Federal os estados e municípios passaram a ter mais autonomia e, em 1990 foi extinta a Fundrem. <https://www.modelarametropole.com.br/rmrj/>

⁵ As Unidades Urbanas Integradas de Oeste foi uma subdivisão intrametropolitana realizada pela Fundrem. A UUIO era formada pelos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. Para Silva (2015), embora os critérios de classificação não fossem claros o suficiente para agrupar os quatro municípios em uma sub-região, os documentos apontavam que esta tinha como origem a antiga Vila de Iguassú.

agentes, que teriam conseguido mostrar que existe uma “outra Baixada” (Enne, 2002, p.107).

Ainda que na visão de Enne as leituras e representações sobre a região tenham sofrido mudanças positivas nas últimas décadas, do ponto de vista geográfico, a região se manteve como periferia metropolitana, não apenas por sua localização marginal à cidade do Rio de Janeiro, mas também, como aponta Abreu (2006), por apresentar elevado grau de estratificação social entre os seus municípios e a metrópole.

Para o autor, “o alto grau de estratificação social do espaço metropolitano do Rio de Janeiro, na atualidade, é apenas a expressão mais acabada e um processo de segregação das classes populares que vem se desenvolvendo no Rio há bastante tempo” (Abreu, 2006, p.6). Ainda para o autor, o núcleo urbano hipertrofiado, tenderia a “concentrar a maior parte da renda e dos recursos urbanísticos disponíveis, cercado por estratos urbanos periféricos cada vez mais carentes de serviços e de infraestrutura à medida em que se afastam do núcleo, e servindo a população de baixa renda” (Idem).

Para o autor citado, enquanto periferia intermediária, a Baixada Fluminense teve o seu crescimento populacional induzido por um duplo movimento:

através da expulsão das populações mais pobres residentes no núcleo ou na periferia imediata (migração intra-metropolitana) e por meio do deslocamento de pessoas que, vivendo fora da Área Metropolitana, principalmente no próprio Estado do Rio, mudam-se para a cidade do Rio de Janeiro atraídas pelas possibilidades de emprego e que, por não poderem aí se localizar, acabam se radicando nas suas cercanias (Abreu, 2006, p.21).

Para Albuquerque (2021), a Baixada Fluminense se configura como uma “periferia por excelência”, em função de seu crescimento demográfico acelerado a partir da década de 1950 e das diferenças socioeconômicas geradas pela distribuição desigual de equipamentos urbanos e de políticas públicas entre esta e o núcleo metropolitano.

Ainda segundo o autor, a distribuição desigual de bens e equipamentos urbanos na produção do espaço metropolitano carioca, fez com que se criasse o que foi chamado de “geografia imaginativa” sobre a Baixada Fluminense. Em suas palavras:

toda essa construção material associada à Baixada Fluminense acaba a conduzindo para a construção de uma geografia imaginativa, a qual, de acordo com Driver (2005, p. 144), são ‘[...] representações de lugares que estruturam o entendimento de mundo das pessoas e consequentemente ajudam a moldar suas ações’. Nesse sentido, a geografia imaginativa

referente à Baixada Fluminense a associa a atraso socioeconômico, violência e carências de múltiplas naturezas (Albuquerque, 2021, p.80).

1.2 Baixada Fluminense: aspectos sociais.

Atualmente, a Baixada Fluminense conta com 3.587,435 habitantes somando-se todos os 13 municípios, portanto, 30% da população que vive na RMRJ. Do total dos municípios, São João de Meriti é o que apresenta a maior densidade demográfica, com 12.521,64 h/km², e Guapimirim a menor, com 144,22 h/km².

O grande contingente populacional que hoje ocupa a região teve origem tanto nas migrações interestaduais e intrarregionais, sobretudo aquelas oriundas da região nordeste do país durante os anos 1950-60 e 1970, quanto daquelas ligadas ao movimento intrametropolitano, no qual grande parte da população mais empobrecida passou a migrar da região central (capital) em direção à periferia.

O processo de ocupação da região a partir da década de 1950 não ocorreu de forma homogênea, sendo que aquelas áreas localizadas nas cercanias da capital federal eram o local privilegiado para onde se deslocava a população empobrecida oriunda dos movimentos migratórios. Bairros como a Pavuna, por exemplo, limítrofe a São João de Meriti, historicamente possui forte ligação com a Baixada devido aos fluxos comerciais e de pessoas que se deslocam diariamente entre estes espaços.

O rápido crescimento populacional nos municípios que compõe a região, nas últimas décadas, não foi acompanhado de infraestrutura capaz de atender o grande contingente de pessoas. Soma-se a este o problema da violência, que como já visto, longe de ter sido resolvido, na verdade generalizou-se, sendo que os municípios localizados na Baixada, em geral apresentam percentuais de letalidade violenta maiores, quando comparados aos demais municípios da RMRJ.

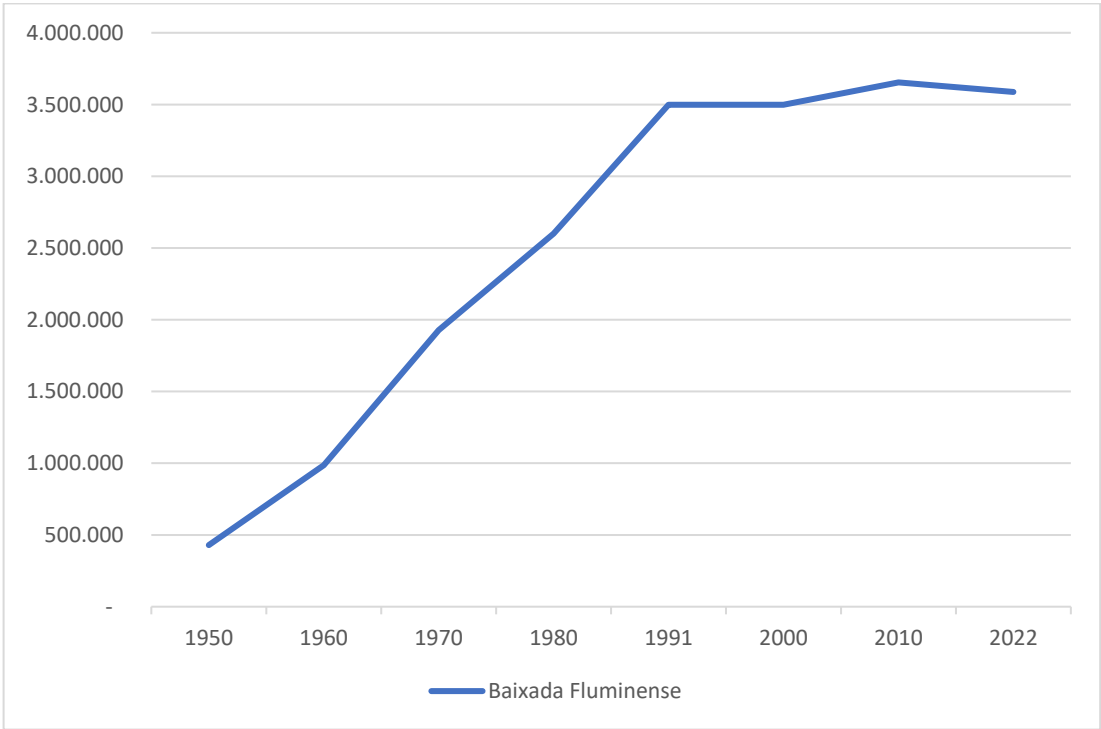
Tabela 2 - População, área total e densidade demográfica: estado do Rio de Janeiro, Região Metropolitana e Baixada Fluminense, 2022.

Localização	População total	Área KM ²	Densidade (hab./km ²)
Estado do Rio de Janeiro	16.054,52	43.780,00	366,96
Região Metropolitana	11.686.286	8.325,18	2.726,00
Baixada Fluminense	3.587,43	-	-
Belford Roxo	483.087,00	77,82	6.116,20
Duque de Caxias	808.152,00	467,32	1.729,00

Guapimirim	51.696,00	356,06	144,22
Itaguaí	116.841,00	272	413,44
Japeri	96.289,00	82,45	1.178,61
Magé	228.127,00	385,7	583,78
Mesquita	167.128,00	39,06	4.059,56
Nilópolis	146.774,00	19,39	7.568,40
Nova Iguaçu	785.882,00	520,8	1.509,62
Paracambi	41.375,00	179,4	216,7
Queimados	140.523,00	72,92	1.850,76
São João de Meriti	440.962,00	35	12.521,64
Seropédica	80.596,00	284	303,92

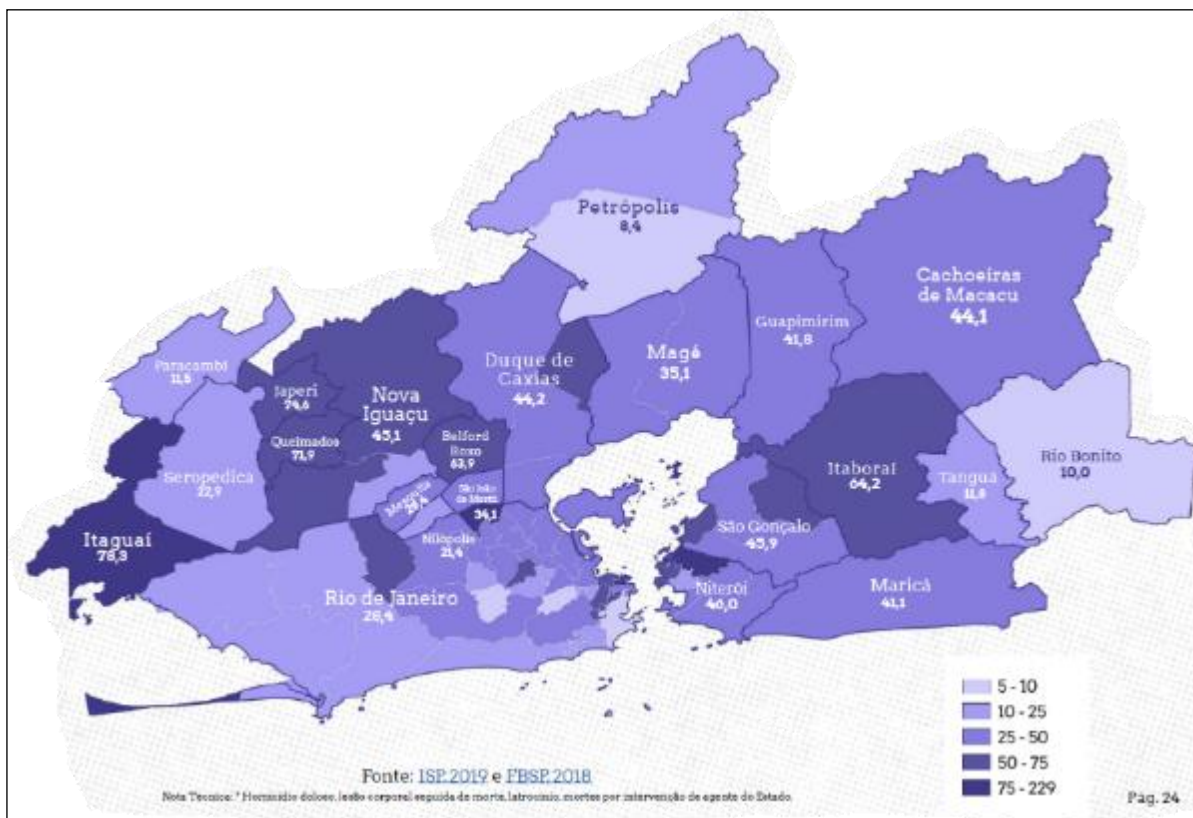
Fonte: IBGE, 2022

Gráfico 1 - Evolução populacional da Baixada Fluminense.



Fonte: IBGE, com intervenção do autor, 2024.

Figura 4 - Mapa da letalidade violenta na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



Fonte: Casa Fluminense, 2020.

Nova Iguaçu e Duque de Caxias são os principais polos regionais da Baixada. Os dois municípios concentram maior parte do PIB regional, das atividades econômicas e de serviços, sendo que em Duque de Caxias o percentual mais elevado do PIB tem como fontes de arrecadação principalmente os setores de comércio e serviços e aqueles ligados às indústrias automobilísticas e petroquímica.

Em relação aos aspectos sociais da região, o Índice de Bem-Estar Urbano – IBEU dos municípios que compõe a Baixada Fluminense varia, sendo menor o de Japeri 0,573, e maior o de Nilópolis, 0815. O IBEU é um índice que mensura o nível das condições urbanas necessárias para se viver nas cidades. Para isso, leva em consideração indicadores como mobilidade, condições ambientais e habitacionais, atendimento a serviços coletivos e infraestrutura (IBEU, 2010).

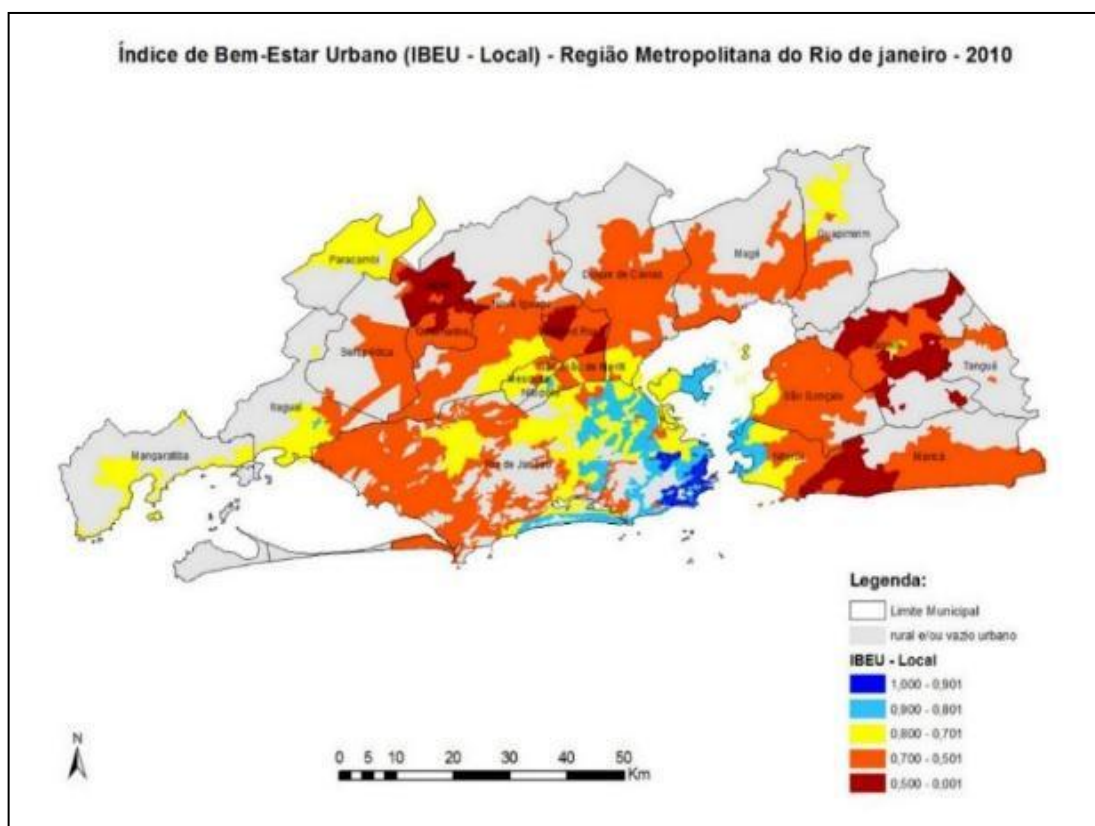
Ainda em relação ao IBEU, a maioria dos municípios da região apresentam valores abaixo de 0,7 nos indicadores de mobilidade e infraestrutura. São João de Meriti, por exemplo, em relação aos indicadores de mobilidade e infraestrutura apresenta valores de 0,598 e 0,665, classificados como ruim.

Tabela 3 - PIB per capita municipal na Baixada Fluminense, 2022.

Município	PIB per capita (Mi)	Posição no ERJ
Belford Roxo	R\$ 17.156,71	90º
Duque de Caxias	R\$ 57.170,07	19º
Guapimirim	R\$ 21.920,68	71º
Itaguaí	R\$ 76.916,73	13º
Japeri	R\$ 14.395,69	92º
Magé	R\$ 19.237,20	84º
Mesquita	R\$ 14.796,57	91º
Nilópolis	R\$ 18.782,18	87º
Nova Iguaçu	R\$ 21.559,06	76º
Paracambi	R\$ 21.902,80	72º
Queimados	R\$ 28.636,92	50º
São João de Meriti	R\$ 18.935,50	86º
Seropédica	R\$ 56.977,34	20º

Fonte: IBGE, 2022.

Figura 5 – Mapa do IBEU local da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – 2010.



Fonte: Observatório das Metrópoles, 2010.

Analisando o IBEU, a maioria dos municípios da região apresentam valores abaixo de 0,7 nos indicadores de mobilidade e infraestrutura. São João de Meriti, por exemplo, em relação aos indicadores de mobilidade e infraestrutura apresenta valores de 0,598 e 0,665, classificados como ruim.

Diante do exposto, na próxima seção contextualizaremos o município de São João de Meriti. Por ser um município localizado na Baixada Fluminense e que conta com a maior densidade demográfica do país, São João de Meriti enfrenta desde sua formação até os dias atuais problemas sociais de diversas ordens, principalmente relacionados a infraestrutura urbana e violência, reafirmando sua posição periférica em relação a metrópole.

1.3 O município de São João de Meriti

No contexto do desenvolvimento territorial fluminense, o município de São João de Meriti ganhou importância por suas condições históricas, sociais e geográficas que ajudaram a moldar a produção do espaço que viria a se tornar parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a 2ª maior metrópole país.

Historicamente, o território que hoje constitui o município esteve ligado ao processo de ocupação inicial das terras recém “descobertas” no entorno da Baía de Guanabara, ora servindo como área de produção agrícola, ora como entreposto comercial para o interior da colônia.

Com o fim do período colonial e o declínio da produção mineradora e agrícola, aliada as intervenções estatais em parceria com a iniciativa privada, já no início do século XX, o município começa a experimentar um rápido e elevado crescimento de sua população urbana, tornando-se atualmente um dos municípios com a maior densidade demográfica do país.

Por sua proximidade com a então capital federal, o município funcionou como espaço de atração populacional para a população pobre “expulsa” das áreas centrais da capital federal, e também por imigrantes camponeses do interior do estado atraídos pela possibilidade de emprego na indústria. No contexto nacional também abrigou imigrantes oriundos dos fluxos Nordeste-Sudeste, principalmente a partir da década de 1950. Assim, nas próximas sessões serão apresentados alguns aspectos históricos e atuais que constituem parte da formação territorial de São João de Meriti.

1.3.1 Histórico, formação territorial e urbanização

De acordo com Medeiros (1958), a ocupação inicial de São João de Meriti esteve relacionada “ao desenvolvimento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, cujos primeiros governantes buscaram alargar sua jurisdição pelas terras que margeiam a baía de Guanabara” (Medeiros, 1958, p.19).

Como era característico do modelo de ocupação portuguesa àquela época, a fundação inicial de uma Freguesia ocorria a partir da construção de uma capela, geralmente construída por um donatário e doada à igreja. Assim, “a atividade religiosa foi a principal responsável por agregar a população no entorno dos que se tornariam os principais núcleos urbanos da região”. (Simões, 2006, p. 62)

Segundo Torres,

O processo de ocupação do que seria o atual território iniciou-se a partir de 1647 com a construção de uma pequena capela que recebeu o nome de São João Batista de Itraiponga, que deu nome à localidade. Em 1660, em função das condições de conservação da capela anterior é construída uma nova capela em local mais próximo ao rio Miriti, e que deu nome à Freguesia de São João de Meriti. Já no final do século XIX é construída uma nova capela, que recebe o nome de São João Batista de Meriti, no local onde hoje se encontra, após ter passado por obras de reestruturação, a atual Igreja Matriz, no Centro (Torres, 2008, p. 208).

A efetiva ocupação de São João de Meriti passou a ocorrer de forma mais significativa em meados do século XVII em diante, em função das *plantations* de cana-de-açúcar e do extrativismo vegetal da madeira que se desenvolviam na região e abasteciam o centro colonial.

Dados históricos sobre a região, apresentados por Medeiros (1958), mostram que no ano de 1730 a população que fazia parte da freguesia de Meriti era de aproximadamente 1.730 habitantes. Já no ano de 1821, 2.264 habitantes, sendo que deste, 1.568 eram constituídos por escravizados, e 696 por homens livres.

Durante o século XVIII, a já freguesia de São João de Meriti tornou-se um importante entreposto para aqueles que saíam da corte em direção às áreas mineradoras nas Gerais,

ao lado das muitas fazendas existentes, os rios Meriti e o Sarapuí eram as principais vias de transportes de mercadorias.... Em suas margens havia 14 pontos, todos com grande serviço de canoagem (Torres, 2008, p. 209).

Com o passar do tempo, em função do intenso desmatamento pelo qual vinha passando a região, e pelo assoreamento dos cursos fluviais daí decorrentes, agravaram-se os problemas de infraestrutura e saúde.

Ainda em Torres, 2008:

O rio Meriti foi grandemente navegável até meados do século XIX, mas a partir dessa época, entrou em declínio., devido ao intenso desmatamento em suas cabeceiras e nas suas margens. Obstruíram-se os cursos d'água; o matagal cobriu extensas áreas às suas margens, o leito, turvado pelo assoreamento, transformou-se em pântano. Por volta de 1855 a região foi atingida por uma febre, chamada cóleras-morbo, pela malária e o impaludismo, todas estas doenças causadas pelo assoreamento dos rios e o desmatamento nas suas margens (Torres, 2008, p. 208).

Assim, até meados do século XIX o que se percebe é a grande importância que os cursos fluviais tiveram no povoamento e desenvolvimento de São João de Meriti, o que ocorreu em toda a região.

Com o fim do período escravagista e o declínio da economia agrária na região, baseadas na monocultura açucareira, bem como as epidemias de cólera morbo, parte das terras que constituem a região são temporariamente abandonadas, entrando em estado de decadência econômica.

Após período de declínio econômico e populacional, São João de Meriti passou por importante fase de recuperação, estimulado principalmente pelo desenvolvimento de infraestrutura de saneamento e rede de transportes.

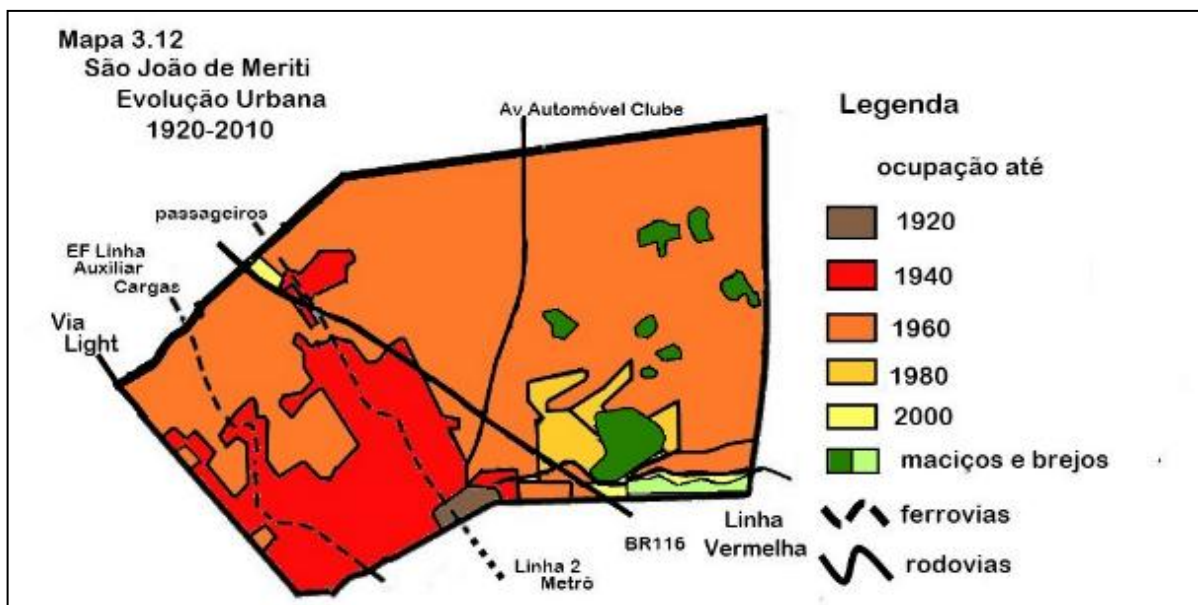
Com o declínio definitivo das atividades agrárias em toda a região da Baixada Fluminense, a urbanização passou a comandar a ocupação e o crescimento populacional no município, principalmente daqueles localizados nos limites com a cidade do Rio de Janeiro, como São Joao de Meriti.

Tabela 4 - Evolução populacional do município de São João de Meriti, RJ.

Ano	População total
1950	76.462
1960	190.516
1970	302.394
1980	398.819
1990	425.772
2000	449.476
2010	458.673

Fonte: IBGE, com intervenção do autor, 2024.

Figura 6 - Mapa da evolução urbana no município de São João de Meriti, RJ.



Fonte: Simões, 2011, p.124.

Como pode ser observado na figura 6, os primeiros núcleos de ocupação urbana se iniciaram na década de 1920 no limite com o Distrito Federal, e onde hoje é limítrofe com o bairro da Pavuna, expandindo-se durante a década de 1940, principalmente em torno das ferroviárias que, inicialmente servindo ao transporte de cargas passaram a fazer serviços de passageiros, estimulando os loteamentos e ocupação em suas margens.

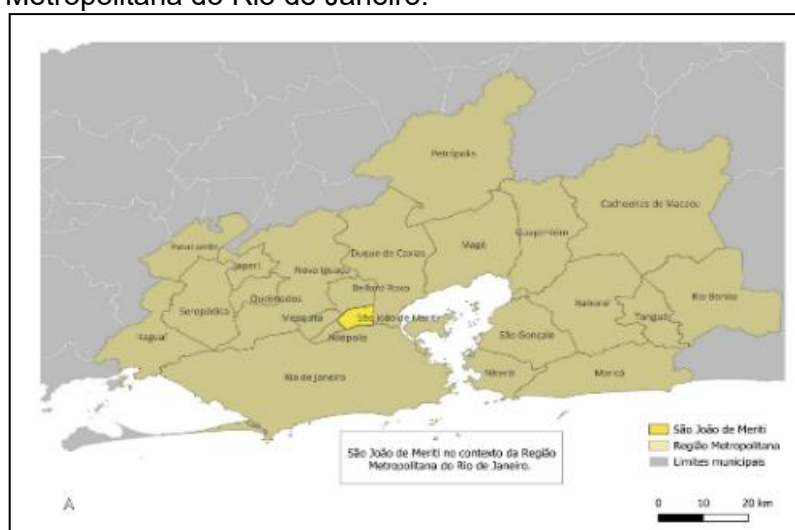
Além do crescimento urbano e populacional, no ano de 1947, São João de Meriti emancipasse-se de Duque de Caxias juntamente com o município de Nilópolis. Para Simões (2006), a emancipação teve como motivação a atuação de grupos políticos locais que buscavam atrair recursos e investimentos para a localidade que outrora estavam concentrados no município de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, dos quais São João de Meriti já fez parte.

Para Simões, ainda que a autonomia administrativa de São João de Meriti tenha sido alcançada com a emancipação em 1947, a “autonomia política real só se dará ao longo da década de 1950 pois inicialmente a política de São João continuará sendo controlada por políticos iguaçuanos” (Simões, 2006, p.152).

1.3.2 Localização e aspectos gerais

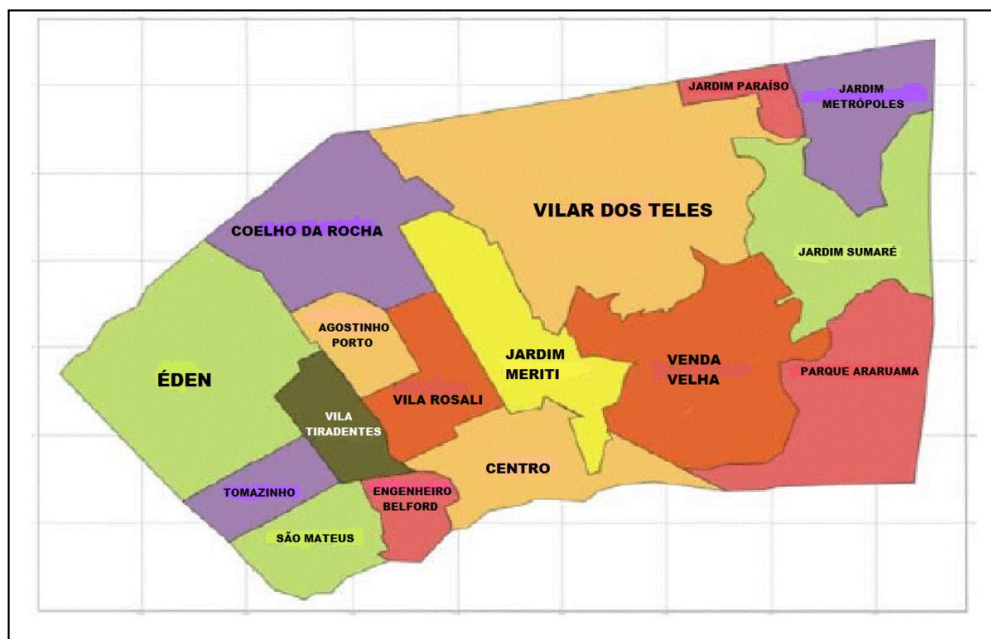
O território de São João de Meriti, localizado na Baixada Fluminense, limita-se a norte com o município de Belford Roxo; ao sul, com o Rio de Janeiro; a Leste com Duque de Caxias e a oeste com Nilópolis e Mesquita. O Município compõe-se de quatro distritos: 1º Distrito – São João de Meriti; 2º Distrito – São Mateus; 3º Distrito – Coelho da Rocha, e o 4º Distrito – Araruama. (Lei orgânica de São João de Meriti).

Figura 7 - Mapa de São João de Meriti no contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



Fonte: IBGE, 2022, com intervenção do autor, 2024.

Figura 8 - Mapa dos bairros de São João de Meriti.

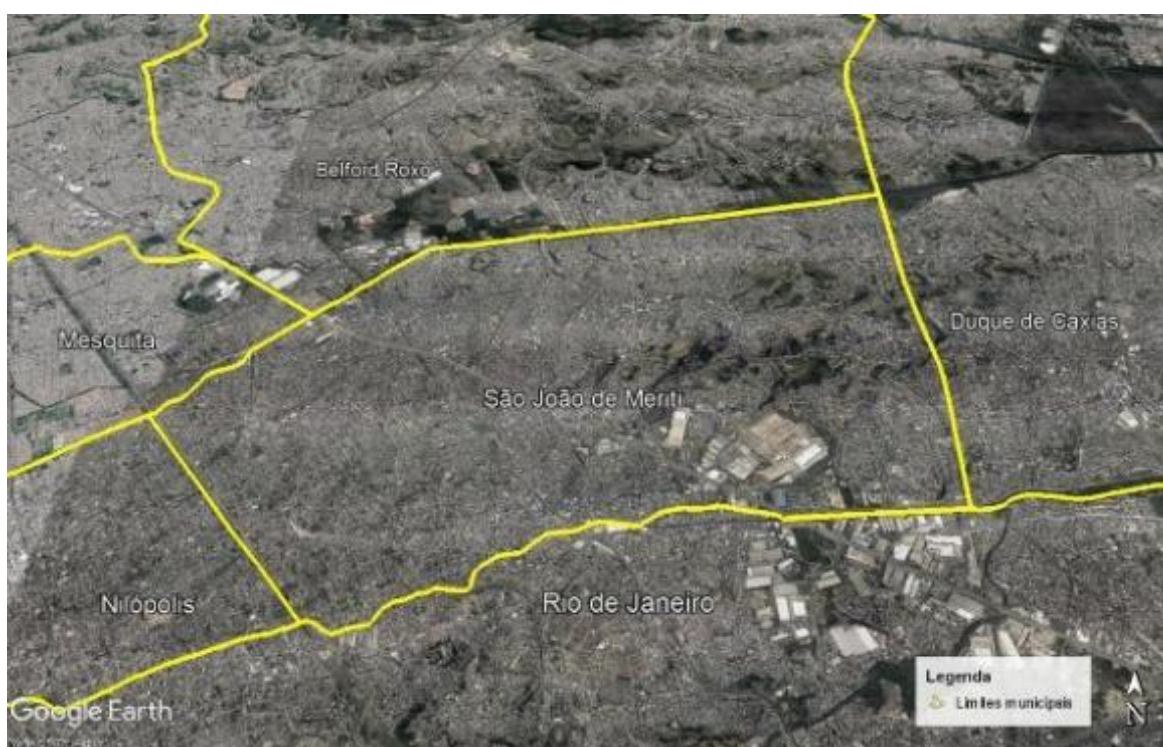


Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano – SMDU, 2022.

Com população total de 440.962,00⁶ habitantes e uma área territorial de 35.216 km², São João de Meriti possui a maior densidade demográfica do Brasil e uma das maiores da América Latina, sendo por vezes conhecido como “formigueiro humano”.

O município é 100% urbanizado, estando conurbado com os municípios vizinhos. Segundo o Plano Diretor municipal, possui 170.07 domicílios permanentes ocupados, sendo 86,95% do tipo casa, estando a maior parte localizados em lotes, o que lhe confere “altas taxas de ocupação do solo e baixo coeficiente de aproveitamento” (Revisão do Plano Diretor Municipal, 2020, p. 43).

Figura 9 - Mapa de São João de Meriti no contexto de conurbação metropolitana.



Fonte: *Google Earth*, com intervenção do autor, 2024.

De acordo com o IBGE, em 2019⁷, do total de domicílios no município, 13.247 estavam situados entre 43 favelas e comunidades urbanas⁸, cuja população era de 47.332 habitantes.

⁶ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-joao-de-meriti/panorama>

⁷ <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html>

⁸ Para o Censo Demográfico de 2022, o IBGE substituiu a denominação aglomerados subnormais para Favelas e Comunidades Urbanas, sem modificar a metodologia de identificação e coleta de dados em relação a estes espaços.

A organização de base territorial municipal, como indicada pelo Plano Diretor (2006), se dá em duas parcelas:

I - Uma parcela mais plana, formada pelos bairros de São João de Meriti, São Mateus, Éden, Tomazinho e Vila Rosali, com alta densidade demográfica, loteamentos mais antigos, sendo a região praticamente urbanizada e mais árida; II - A outra parcela da cidade, cuja topografia é formada por alguns morros e pelos bairros de Vilar dos Teles, Venda Velha, Parque Araruama, Praça da Bandeira e Jardim Metrópole, onde foram implantados loteamentos mais recentes, e se localizam a maioria dos assentamentos subnormais (Plano Diretor, 2006, p. 7).

As áreas localizadas à oeste possuem características ligadas a formação histórica do município. É também onde se encontra a Igreja Matriz, o Centro e a região da Feirinha da Pavuna que embora esteja localizada em bairro do Rio de Janeiro atende grande número de pessoas oriundas de São João de Meriti.

Figura 10 - Vista da igreja Matriz, no Centro.



Fonte: O autor, 2023.

Com grande quantidade de estabelecimentos comerciais, o Centro é atendido por diversas linhas de ônibus, pelo Ramal Belford Roxo da Supervia e pela estação

de metrô da Pavuna que comporta grandes fluxos de passageiros oriundos de São João de Meriti e de outros municípios da Baixada Fluminense.

Figura 11 - Foto do acesso a estação ferroviária Pavuna/São João de Meriti.



Fonte: O autor, 2023.

Na porção oeste do município estão localizados subcentros de bairros, como os de Éden e São Matheus, que oferecem serviços e comércios pouco diversificados. No bairro de Éden localiza-se também uma estação rodoviária que oferece trajetos municipais e intermunicipais.

Estes bairros são atravessados pelo traçado ferroviário da antiga e extinta Linha Auxiliar, que serviu como linha de passageiros até a década de 1960, e que fazia a ligação dos bairros mais antigos com a Estrada de Ferro Central do Brasil, na estação da Pavuna e Costa Barros.

Atualmente, a antiga Linha Auxiliar transformou-se em linha de transporte cargueiro, e ao que parece poucos moradores conhecem sua origem, destino e utilidade, pois a ferrovia não possui estações nos bairros por onde passa, fazendo

destes apenas lugares de passagem. Das antigas estações da Linha Auxiliar, Tomazinho, São Matheus e Éden, apenas a de São Matheus preserva a estrutura original do prédio, com algumas alterações ocasionada pela construção de moradias irregulares no anexo da estação, nas demais, os prédios originais encontram-se demolidos.

Assim, estes bairros contam com poucas opções de transportes que não sejam os ônibus. Como forma de resolver a questão da mobilidade nestes bairros, a prefeitura construiu ciclofaixas ligando os bairros de Tomazinho, São Matheus e Engenheiro Belford (Centro). A proposta da prefeitura é expandir a ciclovia até os bairros de Éden e Coelho da Rocha, articulando estes a estação rodoviária da Praça da Bandeira, na porção leste do município.

O trajeto iniciado no bairro de São Mateus foi ampliado para implantação de ciclovias no bairro Engenheiro Belford e no bairro Tomazinho, na parte sul do município. O primeiro trecho tem extensão de 523 metros e uma área urbanizada de 7.716,87 m², e o segundo, com 1.183 metros e área urbanizada de 9.125 m². (Costa; Alcantara, 2020, p. 13).

Ainda, na porção oeste do município estão localizadas as estações de Vila Rosali, Agostinho Porto e Coelho da Rocha. Estas pertencem ao ramal Belford Roxo da Supervia, e ligam estes bairros a estação São João de Meriti-Pavuna, no Centro.

O bairro de Vila Rosali conta com dois cemitérios, sendo um municipal e outro israelita. Ao lado do cemitério israelita está em fase de conclusão a construção de um prédio onde funcionará um crematório. No bairro de Eden também há um cemitério que funciona ao lado de uma escola estadual e do outro lado da Dutra, na porção leste do município também há outro cemitério.

A presença de quatro cemitérios no município chama a atenção tendo em vista o alto adensamento populacional, a quase ausência de áreas verdes e as poucas opções de espaços públicos abertos voltados ao lazer.

Sobre a presença de áreas verdes, o município conta com apenas 30% de áreas verdes dispersas por algumas vias públicas, além de um horto municipal no bairro Grande Rio. Há também seis Áreas de Proteção Ambiental – APA e um Parque Natural, perfazendo um total de 669.649 m². (Secretaria Municipal de Meio Ambiente, 2018).

Todas as APAs estão localizadas na porção leste municipal, em regiões de morros, mais acidentadas e onde o processo ocupacional é mais recente, estimulado sobretudo pela construção da Rodovia Presidente Dutra.

Já na parte leste do município, fica a sede da prefeitura, no bairro de Jardim Meriti. É na porção leste que também se encontra o bairro de Vilar dos Teles. Este foi um importante polo têxtil ligado a produção de jeans durante a década de 1970, beneficiado principalmente pela construção da Rodovia Presidente Dutra (BR-016).

Atualmente Vilar dos Teles funciona como um subcentro de comércios e serviços onde estão localizados a maior parte do comércio de vestuário e agências bancárias da região. É também o maior bairro em extensão territorial municipal e de maior contingente populacional.

A Avenida Automóvel Clube interliga Vilar dos Teles ao Centro e a estação metroviária da Pavuna formando entroncamento com a Rodovia Presidente Dutra. Às margens da rodovia, no bairro Parque Barreto, encontra-se o shopping Grande Rio e ao longo da via há a presença de diversos estabelecimentos comerciais e galpões de logística de grande porte.

Na parte leste do município também se encontram a maior parte das comunidades urbanas. Estas localizam-se às margens do rio Sarapuí, no limite com Belford Roxo e nos bairros próximos a Vilar dos Teles, onde os terrenos se apresentam mais íngremes com a presença morros.

De acordo com o Plano Diretor (2006), o município encontra-se fragmentado em três partes: pela Via Dutra e pela Estrada de Ferro Central do Brasil, constituindo-se em sérias barreiras à vida econômica e funcional da mesma e ainda “formando verdadeiras ilhas urbanas em Coelho da Rocha, em Vila Rosali, Agostinho Porto e o trecho do Centro de São João de Meriti”. (Plano Diretor, 2006, p.7).

Como consequência desta fragmentação, ocorre o desenvolvimento desigual entre os bairros, “por força de seu isolamento e acessibilidade dificultada em função das poucas passagens que sobrecarregam todo o sistema” (idem).

Em relação aos aspectos sociais, o município possui o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM em 0,719, abaixo do estadual e nacional. A população é composta por 218.104 pessoas do sexo masculino e 240.569 do sexo feminino. Do total populacional, 292.074 pessoas se declaram pretas ou pardas,

161.265 se declaram brancas, 4.753 amarelas e 453 indígenas⁹ (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas - IPEA, 2021).

O rendimento médio da população é de 996,41, sendo maior entre os homens, 1.136,01, e menor entre as mulheres, 814,44. O rendimento médio também apresenta uma pequena variação entre negros e brancos, sendo de 1.117,04 para brancos e 929,02 para negros¹⁰ (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas - IPEA, 2021).

Em relação aos aspectos educacionais, o IDEB municipal para o Ensino Médio é de 3,9, bem abaixo da média estadual que é de 5,7 (Inep, 2021). A taxa de analfabetismo entre a população de 15 anos ou mais é de 3,38%, acima da média estadual, sendo maior entre negros, 3,8% e menor entre brancos, 2,77%. O IDHM-Educação é de 0,694, abaixo da média nacional que é de 0,757, (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas - IPEA, 2021).

O município possui um total de 359 estabelecimentos escolares. Deste total, 125 estabelecimentos pertencem a rede pública e 234 a rede privada. Em relação ao número de matrículas, há 64.621 estudantes matriculados, dos quais 46.668 matrículas no Ensino Fundamental e 17.953 no Ensino Médio. Do total de matrículas, 41.626 estão alocadas na rede pública e 38.282 na rede privada¹¹ (Inep, 2021).

Nos últimos cinco anos, em função da pandemia de Covid-19 houve um aumento considerável na migração de estudantes de escolas privadas para a rede pública. Segundo levantamentos, na rede estadual houve um aumento de 26 mil matrículas, o que corresponde a 17% do total¹².

Diante da contextualização, nas próximas seções serão apresentados o bairro e a escola com base em elementos históricos, geográficos e sociais que caracterizam estes espaços como lugares no contexto do urbano e da cidade.

1.3.3 O bairro Éden

⁹ Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas -IPEA data. Dados municipais São João de Meriti: demografia e desenvolvimento humano. Disponível em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>

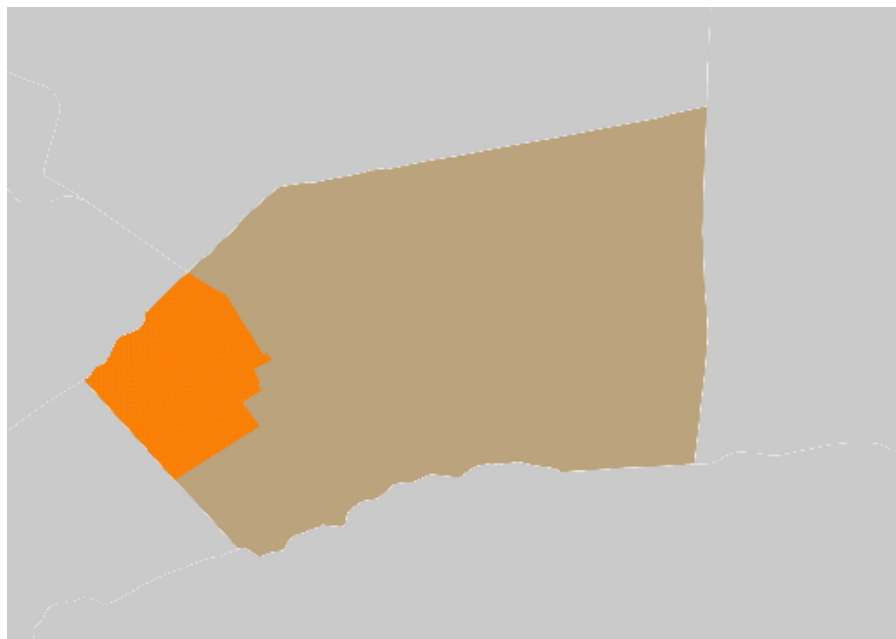
¹⁰ Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas -IPEA data. Dados municipais São João de Meriti: Renda. Disponível em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>

¹¹ BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. Censo Escola da Educação Básica, 2021. Disponível em: <https://censobasico.inep.gov.br/censobasico/##/>

¹² <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sobe-numero-de-alunos-de-escolas-particulares-que-migraram-para-publicas-no-pais/>

O bairro de Éden fica localizado no 3º distrito municipal, Coelho da Rocha, sendo o 2º maior bairro em população e área, com 62.559 pessoas e 4.112.290 km², respectivamente (Plano Diretor, 2020). É também um dos bairros de ocupação mais antiga.

Figura 12 – São João de Meriti destacando o bairro de Éden.



Legenda: localização do bairro de Éden no contexto municipal.

Fonte: IBGE, com intervenção do autor, 2023.

Figura 13 – Localização do bairro de Éden.



Fonte: *Google Earth*, com intervenção do autor, 2023.

O nome Éden teria sido uma analogia à ideia de paraíso, tendo sido assim batizado pelos antigos proprietários de terras que tinham interesse em promover o loteamento das propriedades. O progresso ficaria por conta da Linha Auxiliar que atravessa o bairro e onde havia uma estação, à época denominada Itinga. Aliás, tal denominação deriva do tupi guarani que significa água limpa, já que naquela época a população utilizava água de poços artesianos. Em 1933 com a construção de uma nova estação no mesmo local, o bairro passou a denominar-se Éden¹³.

Há uma lenda local que atribui a mudança do nome Itinga para Éden em função da presença de uma mulher que vivia às margens da linha férrea e era conhecida como “A bruxa de Itinga”. Como relata Rocha (2004), “a lenda foi criada pela empresa de loteamento para chamar atenção para o local. Com o tempo acrescentou-se à história o detalhe de que a personagem se escondia na estação, então abandonada” (Rocha, 2004, p. 52.).

Segundo Schreiner (2023), o jornal Crítica (RJ), modelo de imprensa sensacionalista à época, publicou uma reportagem em 1929 onde uma senhora chamada Violante Belloni Pires era acusada de praticar feitiçaria na localidade. Para a autora, a referida “bruxa” era assim denominada pela prática de rituais que estavam muito mais ligados “às religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, do que ao paganismo da mitologia greco-romana (Schreiner, 2023, p.53).

Reza a lenda que com a morte da “bruxa”, as autoridades locais mudaram o nome da estação para Éden como forma de expurgar os maus espíritos e ao mesmo tempo atrair novos compradores para os lotes.

Atualmente, e ao que parece, poucas pessoas conhecem a história que deu nome ao bairro, principalmente os mais jovens. Na estação ferroviária que serviu como referência ao lugar restou apenas uma parede branca cercada por entulhos e lixos, e ao lado de onde passa a atual linha ferroviária cargueira, que poucos sabem de onde vem e para onde vai.

¹³ http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_auxiliar/eden.htm

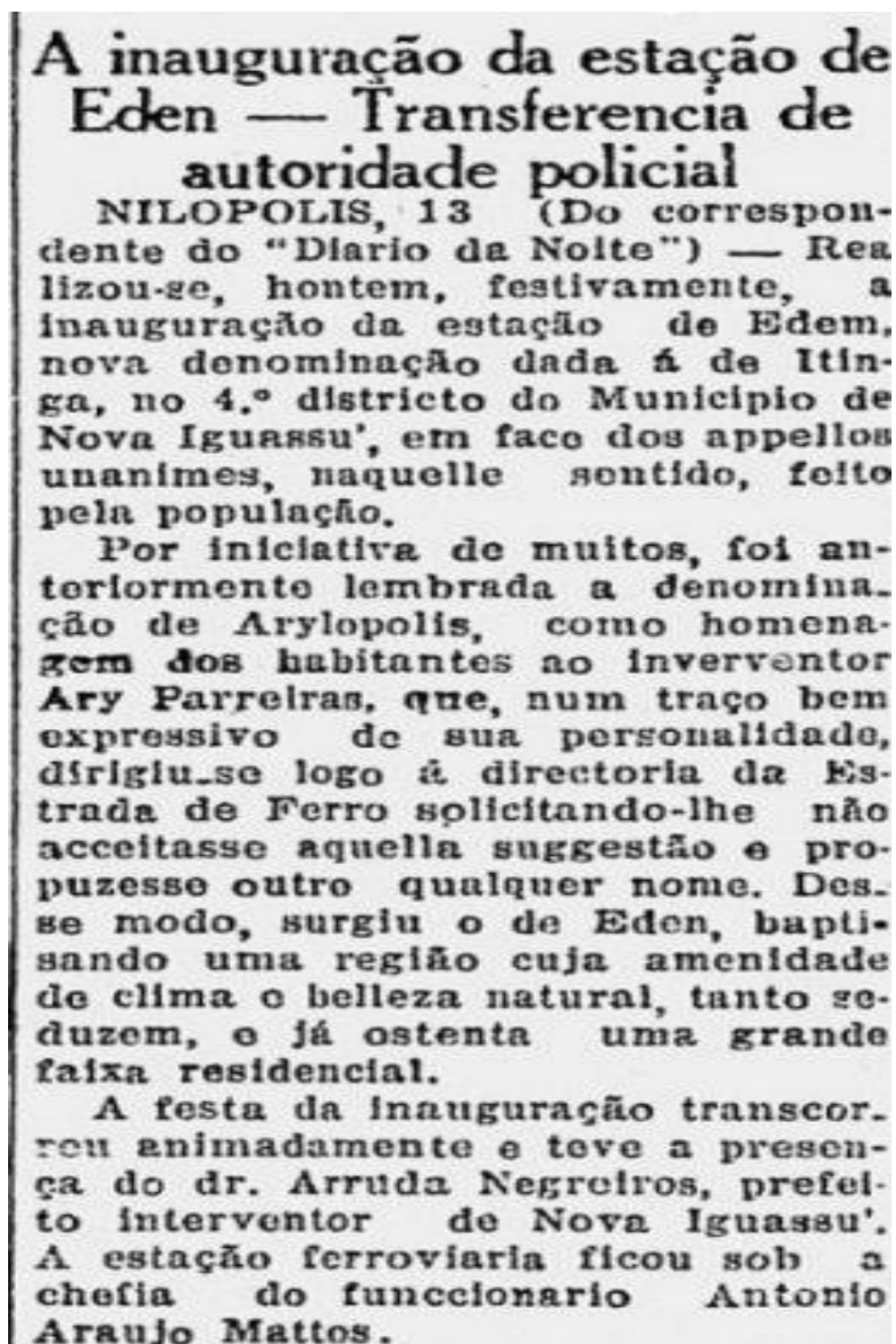
Figura 14 - Anúncio de loteamento à venda em Éden pela empresa Parque Fluminense, 1930.



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 2023¹⁴.

¹⁴ Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_rj_auxiliar/eden.htm

Figura 15 - Matéria jornalista anunciando a inauguração da estação de Éden, 1933.



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 2023.

1.3.4 Aspectos atuais

O bairro de Éden encontra-se conurbado nos limites municipais com Nilópolis e Mesquita, tendo como marcadores limítrofes a Via *Light* e o rio Sarapuí. Em seu entorno encontram-se os bairros de Coelho da Rocha, Agostinho Porto, Vila Tiradentes e Tomazinho.

Internamente, o bairro está organizado em sub-bairros e localidades, dentre as quais Grande Rio, Vila Jurandy, Vila Norma e Gato Preto. A praça principal, conhecida como Praça de Éden, é uma das principais referências e onde estão localizados a maior parte dos estabelecimentos comerciais bem como a rodoviária de Éden que oferece serviços de transportes municipais e intermunicipais.

O bairro está articulado a Rodovia Presidente Dutra através da Avenida Presidente Kennedy e a Nilópolis através da rua Elizário de Souza. O bairro também é atravessado pelos trilhos da MRSV logística, antiga Linha Auxiliar. Desativada para o transporte de passageiros na década de 1960, os trilhos da antiga estrada de ferro, por onde hoje passam trens cargueiros, configura um não-lugar, já que sua atual função e características não possuem elos com os bairros, a não ser como locais de passagem.

O sub-bairro de Vila Norma e Gato Preto ficam no limite com o município de Nilópolis, e especialmente Vila Norma é bastante conhecido pela presença de pequeno comércio local. Sobre Vila Norma, este teria sido fundado em 1950 por famílias de imigrantes nordestinos que assim batizaram a localidade.

Ainda sobre Vila Norma, nos últimos anos muitos jovens vêm se referindo ao local como “Complexo de Vila Norma”. Não se sabe ao certo o motivo para tal denominação, mas é possível que esteja relacionada à presença do tráfico na localidade já que alguns estudantes e moradores alegam o aumento da presença de barricadas e de pontos de venda de drogas nas ruas. A ideia de complexo estaria assim relacionada a territórios dominados pelo tráfico.

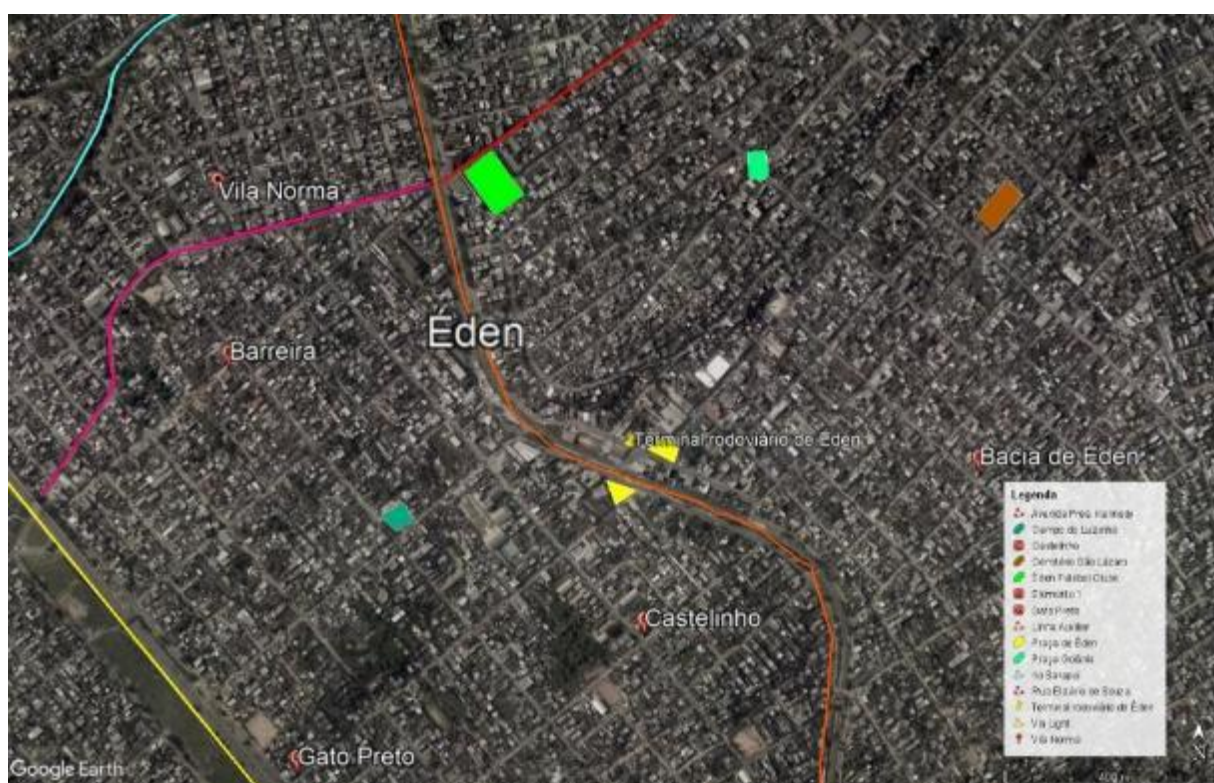
Em uma roda de conversa realizada durante a pesquisa, uma das estudantes referiu-se ao bairro de Vila Norma como uma favela. Outra estudante, moradora do local alegou que o bairro seria favela “*apenas em algumas partes*”. Quando perguntadas sobre o que caracterizaria o local como uma favela, ambas se referiram a presença do tráfico de drogas e das operações policiais.

Há no bairro outras localidades apontadas por estudantes e moradores como “comunidades” ou “favelas”. Sem fazer distinção dos termos, no geral, referem-se a lugares onde há a presença ostensiva do tráfico e operações policiais com certa

frequência, além das barricadas que nos últimos anos tem se espalhado por diversos pontos de São João de Meriti. Dentre os locais mais mencionados, e que também é lugar de moradia de muitos estudantes e moradores, podemos citar a Bacia, o Castelinho, Buraco Quente e Barreira.

Ainda no bairro, há a presença de diversas praças, porém, as mais conhecidas e frequentadas pelos estudantes são as praças de Éden e a Goiânia. Na primeira, observa-se o uso misto do espaço, muito frequentado por pessoas de diferentes idades, em função do comércio local e da rodoviária localizada em suas proximidades. Além do comércio, o entorno da praça também é ocupado por algumas residências e centros religiosos, como é o caso da Paróquia Nossa Senhora das Graças, que por vezes promove eventos e festividades na praça.

Figura 16 - Mapa de localidades no bairro de Éden.



Fonte: *Google Earth*, com intervenção do autor, 2023.

Aliás, entre os estudantes e moradores a praça de Éden é conhecida por dois nomes: praça do Mercado e praça da Igreja. A primeira, além de compor parte do comércio dá acesso ao calçadão de Éden, onde se encontram diversos estabelecimentos comerciais, incluindo barraqueiros e pequenas lojas. Já a Praça da Igreja dá acesso a comunidade do Castelinho e é muito utilizada pelos jovens como ponto de encontro. Durante uma atividade de campo, ao passarmos pela praça,

alguns estudantes fizeram questão de frisar que a praça da igreja é o local preferido para encontros e conversas, e que a praça do mercado era frequentada apenas para a compra de lanches.

Figura 17 - Mapa da praça de Éden.



Fonte: *Google Earth*, com intervenção do autor, 2023.

Figura 18 – Praça de Éden.



Fonte: O autor, 2023.

Na praça Goiânia, observa-se que o uso do espaço está mais ligado ao lazer por parte dos jovens que se reúnem no local aos finais de semana para conversar e ouvir músicas, o que se tornou motivo de conflito entre estes e os moradores do local que, com frequência acionam a polícia para resolver “problemas de desordem”.

Alguns relatos apontam que também na Praça Goiânia já ocorreram episódios envolvendo tiros e execução de jovens, o que teria dado ao local certa fama de “perigoso”. Mesmo assim, em conversas com os estudantes foi possível identificar com certa unanimidade que a referida praça é o local preferido para encontros aos finais de semana.

Figura 19 - Mapa de localização da Praça Goiânia.



Fonte: *Google Earth*, com intervenção do autor, 2023.

Além das praças como equipamentos de lazer, o bairro possui poucos lugares destinados a promoção da cultura e do entretenimento. Alguns moradores mais antigos relatam que no passado realizavam-se eventos como carnaval e festas juninas no bairro, mas que por causa do aumento da violência estas festas teriam sido proibidas pelo poder público local.

Figura 20 - Trecho da Praça Goiânia.



Fonte: O autor, 2023.

Também no bairro há o Éden Futebol Clube. Com sede próxima a linha do trem, o espaço é utilizado por moradores para a realização de campeonatos, festas e demais eventos, sendo necessário o pagamento de taxas. O espaço é bastante amplo, mas ao que parece subutilizado, especialmente entre os jovens que praticamente não mencionam o local em suas experiências com o lugar.

Da mesma forma, nas proximidades com a Rodovia Pres. Dutra há uma Vila Olímpica administrada pela Secretaria de Esporte e Lazer de São João de Meriti, onde são oferecidas atividades gratuitas a população, mas que também pouco aparece na fala dos jovens quanto as suas experiências no bairro e no entorno. Por outro lado, o Campo do Luizinho, assim conhecido e batizado pelos moradores aparece na fala dos jovens como local onde são realizados campeonatos e eventos locais e que agrupa um grande número de pessoas em dias de eventos.

Outros lugares que também aparecem como locais de lazer segundo os jovens são os bailes *funks*, promovidos em algumas comunidades, e no próprio espaço de algumas ruas, dentre as quais a chamada “rua do meio”. Localizada entre a

comunidade da Bacia e Castelinho, a rua é bastante referenciada pelos jovens como local de encontro e lazer.

Figura 21 - Campo do Luizinho.



Fonte: O autor, 2023.

Embora o bairro seja densamente ocupado e com poucas opções de espaços abertos voltados ao lazer e entretenimento, há um cemitério situado ao lado de uma das escolas mais antigas do município, o Colégio Estadual Governador Roberto Silveira. A escola fica ao lado do cemitério e devido à proximidade passou a ser conhecida por muitos no bairro como “Caveirinha”.

No total, há 11 principais escolas no bairro que atendem ao Ensino Fundamental e Médio, bem como uma creche. Do total de escolas, quatro pertencem a rede pública estadual e uma a rede pública municipal. As demais são escolas da rede privada, e algumas são bastante conhecidas no bairro como é o caso do Colégio Fluminense, uma das escolas privadas mais antigas do bairro e que durante muito tempo serviu de referência aos moradores por promover eventos integrados com a comunidade.

Desde 2021, em função da pandemia de covid, a escola está em processo de falência e ao final do ano corrente (2024) deve encerrar totalmente suas atividades.

1.4 CIEP 397 PAULO PONTES

Nessa seção apresentaremos o CIEP 397 – Paulo Pontes. Localizado no bairro de Éden. A escola foi fundada no ano de 1994 e fez parte do projeto de implantação dos Centros Integrados de Educação Pública, CIEP. A proposta original dos CIEPs era promover um modelo de educação popular que fosse capaz de acolher e integrar a comunidade no processo educativo, oferecendo além de atividades pedagógicas em tempo integral, assistência social aos alunos e às famílias.

Segundo o seu idealizador, Darcy Ribeiro, “o CIEP é uma verdadeira *escola-casa*, que proporciona aos seus alunos múltiplas atividades” (Ribeiro, 1986, p.47). Ainda, do ponto de vista cultural, os CIEPs tinham como objetivo a valorização da cultura e do saber local de modo que buscando promover “...uma relação mais ampla com a comunidade, a escola se integra a esta, contribuindo para a educação coletiva e ao mesmo tempo promovendo o estreitamento dos laços através de atividades culturais” (Ribeiro, 1986, p. 49).

Neste sentido, apresentaremos os aspectos da localização, estrutura física e funcional do CIEP 397 Paulo Ponte ao longo de sua existência. Enquanto instituição pública de ensino, e por sua importância no processo de socialização e escolarização dos jovens, a escola se constitui em um espaço de referência local para estudantes e moradores do entorno, e nos últimos anos, como será visto, vem passando por importantes mudanças em seus aspectos políticos e pedagógicos.

1.4.1 Localização e entorno

O CIEP 397 Paulo Pontes está localizado no bairro de Éden, próximo aos limites entre os municípios de São João de Meriti, Nilópolis e Mesquita, recebendo alguns estudantes oriundos destes dois últimos.

A localização da escola, por se tratar de um CIEP, obedeceu, como sugere Moreira (2020), critérios de escolhas que levaram em consideração os municípios que contavam com altos contingentes de população empobrecida e que apresentavam déficit de atendimento escolar. Também estava incluído neste critério, a disponibilidade de terrenos que pudessem abrigar a ampla estrutura física dos CIEPs.

Figura 22 - Mapa de localização do CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: *Google Earth*, com intervenção do autor, 2024.

Em suma, “a estratégia inicial na busca por esses terrenos era misturar visibilidade, praticidade e necessidade, todavia encontrar esses terrenos para a construção dos CIEPs não foi um trabalho fácil”. (Moreira, 2020, p. 252, grifo meu).

Em conversa informal com Nádia, moradora do bairro e que atuou como inspetora de alunos no CIEP 397 desde sua inauguração (1994) até o ano de 2016, fui informado de que antes da construção da escola, o local compreendia um grande terreno baldio.

Na escolha dos terrenos que constituiriam os CIEPS, as disputas de interesses políticos partidários teriam atrasado a implantação de diversas escolas, cuja previsão inicial era a construção de 500 unidades até o final do primeiro mandato de Leonel Brizola. Assim, como alternativas a tais dificuldades, “a equipe de arquitetura projetou uma versão compacta dos CIEPs, composta apenas pela construção do Prédio Principal, tendo em sua laje a instalação da Biblioteca e do Ginásio”. (Moreira, 2020, p. 254).

No caso do CIEP 397, como o terreno é menor do que os demais CIEPs, a biblioteca foi construída no interior do prédio principal.

O entorno da escola caracteriza-se pela presença de casas que foram construídas em terrenos loteados, tornando a densidade das ocupações bastante elevada. É comum a presença de diversas construções em um mesmo lote e famílias numerosas ocupando um mesmo terreno ou casa.

As vias que dão acesso à escola no geral possuem pavimentação em estado de conservação bastante precário, sendo comum a presença de lixos e entulhos principalmente no entorno da linha férrea. Além disso, as calçadas são estreitas e pouco convidativas ao uso dos pedestres.

Figura 23 - CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

No entroncamento das ruas que dão acesso à escola a falta de sinalização torna o trajeto de estudantes e moradores arriscado. Alguns relatam que no local já ocorreram diversos acidentes e atropelamentos, e que já foi feito abaixo-assinado pelos moradores solicitando a prefeitura a instalação semáforo no local, mas até os dias atuais nenhuma providência foi tomada.

Figura 24 – Rua Ten. Pedro Gomes Martins.



Legenda: Rua de acesso à escola.

Fonte: O autor, 2023.

Seguindo o perfil do município, é praticamente inexistente a presença de áreas arborizadas nos bairros próximos à escola. Há dois anos, por iniciativa de um projeto social local, foram plantas mudas de árvores e espécies arbóreas ao lado da linha férrea, mas devido não conservação o local foi novamente tomado por lixos e entulhos.

A presença de equipamentos culturais e de lazer no entorno da escola é praticamente nula. Há um campo de futebol que pertence ao time local, mas que é pouco utilizado pelos estudantes, alguns alegam nunca terem tido a oportunidade de conhecer o espaço.

Há mais ou menos 300 metros de distância da escola localiza-se a Vila Olímpica de São João de Meriti, mas que também parece ter pouca visibilidade e frequência por parte de estudantes e moradores.

Ao lado da linha férrea, recentemente moradores, por iniciativa própria construíram uma pequena quadra onde diversos estudantes se reúnem para jogar vôlei nas horas vagas. Aliás, os “campinhos” improvisados e as poucas praças

existentes no bairro parecem ser os principais locais de encontro entre os estudantes fora do espaço escolar.

Figura 25 – Entroncamento com a linha férrea.



Fonte: *Google Street View*, 2023.

Durante o horário de entrada é comum observar diversos estudantes que se deslocam para a escola a pé. Geralmente são moradores do entorno. Há um grande fluxo de estudantes oriundos de uma localidade próxima a escola, denominada Barreira.

A localidade fica na rua de acesso à Via Light e ao município de Nilópolis. A presença do tráfico já foi relatada por professores, estudantes e funcionários, onde no passado os “*meninos*”¹⁵ pulavam o muro da escola para vender drogas, sobretudo quando a mesma funcionava em horário noturno.

Atualmente não ocorrem mais situações como as mencionadas anteriormente, porém, é comum durante os finais de semana crianças que moram no entorno pularem o muro para jogar bola no espaço da escola, o que demonstra a importância de espaços como os CIEPs em contextos como os do bairro, ao mesmo tempo em que

¹⁵ Expressão utilizada para se referir a traficantes de drogas.

evidencia mudanças e contradições no contexto educativo, já que os CIEPs foram criados com o intuito de integrar escola e comunidade.

1.4.2 Trajetória e quadro funcional

A construção da escola iniciou-se no ano de 1993 e sua inauguração ocorreu em 1994, portanto, nos últimos anos do segundo mandato do então governador Leonel Brizola (1991-1994). Até o ano de 1995, a escola fez parte do Programa Especial de Educação – PEE que previa a implantação dos CIEPs, porém, embora sua estrutura arquitetônica seja semelhante à de um CIEP, nela funcionou o chamado Ginásio Público de caráter experimental.

De acordo com Santos (2008), no “âmbito do Programa Especial de Educação que criou os CIEPs, os Ginásios Públicos ^{aparecem} como possibilidade de reverter situações de insucesso e fragilidade do sistema de ensino médio” (Santos, 2008, p.10). Neste sentido, como mostra a autora, os Ginásios Públicos ofertavam além de educação em período integral e parcial, educação noturna à distância, através dos “cursos de Madureza¹⁶ I e II, atendendo a estudantes de 6ª a 8ª séries e do ensino médio, respectivamente” (idem).

O curso funcionava por módulos e os estudantes agendavam a data dos exames finais de acordo com sua disponibilidade. Neste método de ensino, os docentes eram os professores da própria instituição.

No caso do CIEP 397 Paulo Pontes, o curso de Madureza funcionou até o ano de 1995, quando tem seu fim e a escola passa a atender, além do Ensino Fundamental II (5º à 8º série), o Ensino Médio no período noturno.

Até o ano de 1995, por um diretor geral juntamente com dois diretores pedagógicos, um diretor comunitário, um diretor de manutenção e o diretor do Madureza. Por pleito eleitoral realizado junto à comunidade escolar no mesmo ano, foi eleita uma nova direção, composta por Diretora Geral e Diretora Adjunta, que permaneceram no cargo até o ano de 2018. No mesmo ano, a escola passou por

¹⁶ Era o nome dado ao curso de educação de jovens e adultos estabelecido pela LDB de 1961, no qual jovens de 16 a 19 anos poderiam concluir o antigo ginásio ou colegial sem a necessidade de frequentar às aulas, apenas com a realização de exames finais. Posteriormente a lei foi alterada pelo decreto nº 706/69 que estendia o programa também a maiores de 19 anos. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10709.htm

mudanças em seu quadro diretivo e pedagógico. Por plebiscito foi eleito um novo corpo diretivo.

Com a extinção do ensino noturno em 2018, a escola passou a atender o Ensino Médio durante o turno da manhã e o Ensino Fundamental à tarde. Sobre a extinção do ensino noturno, não se sabe ao certo quais foram as motivações que levaram a secretaria de educação a tomar tal decisão, mas como sugere a fala de professores mais antigos, a evasão e a baixa demanda da comunidade seriam as principais razões.

A partir de 2019 a escola começou a passar por novas mudanças em seu quadro de funcionamento em função da implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC que instituiu o progressivo aumento da carga horário e de uma nova organização curricular baseada em grandes áreas de conhecimento e itinerários formativos¹⁷.

Assim, a partir de 2019, após a gradativa extinção do Ensino Fundamental, as turmas de Ensino Médio, seguindo novas orientações da secretaria de educação passaram a funcionar em horário integral.

Importante destacar que, com as mudanças ocorridas no quadro de funcionamento da escola, houve redução significativa do número de docentes em função do fechamento das turmas de Ensino Fundamental e da progressiva reforma curricular que vem sendo implementada desde a aprovação da BNCC. Disciplinas como Geografia, História, Sociologia e Filosofia, por exemplo, não são mais oferecidas aos estudantes que precisam complementar a carga horário cursando as disciplinas eletivas oferecidas por diferentes itinerários formativos.

Atualmente, a escola conta com 22 professores em seu quadro docente, sendo cinco nas áreas de Ciências Humanas (Geografia, História, Filosofia e Sociologia), 8 na área de Linguagens (Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Espanhola) quatro na área de Ciências Matemáticas e cinco na área de Ciências da Natureza e Biológicas. Os professores lecionam tanto as disciplinas do currículo regular quanto

¹⁷ A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm

àquelas compostas pelo itinerário formativo, como Reforço Escolar, Estudos Orientados, Projeto de Intervenção e Pesquisa, Empreendedorismo e Projeto de Vida.

A escola conta com 352 estudantes divididos entre cinco turmas de Ensino Médio, sendo cinco turmas de 1º ano, três de 2º ano e três de 3º ano. Do total, 165 estudantes são do sexo masculino e 187 do sexo feminino. Quanto a distribuição por cor/raça, 84 estudantes se declaram pardos, 36 negros, 30 brancos e 202 não declararam, de acordo com informações fornecidas pela secretaria da instituição, em 2023.

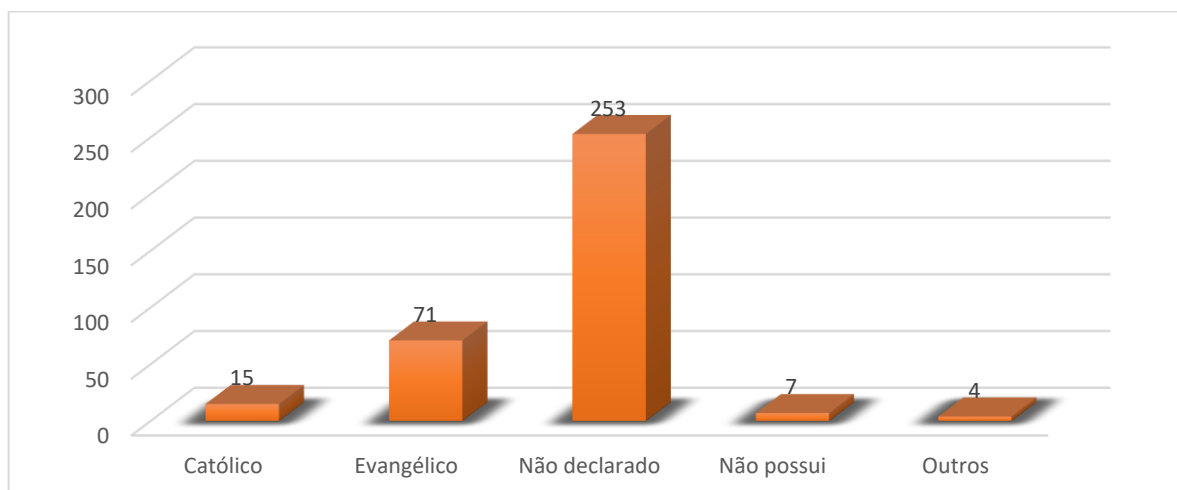
Tabela 5 - Distribuição por cor/raça, CIEP 397 Paulo Pontes, 2023.

	Total
Branca	30
Parda	84
Negra	36
Não declarada	202

Fonte: Secretaria escolar, 2023.

Em relação ao perfil religioso dos estudantes, 15 se declaram católicos, 71 evangélicos, 8 declaram não possuir religião, 4 se declaram de outras religiões e 254 não declararam qualquer credo ou crença.

Gráfico 2 - Distribuição dos estudantes, por religião/credo, 2023.



Fonte: Secretaria escolar, 2023.

A maioria dos estudantes matriculados na escola são moradores dos bairros de Éden, Vila Norma, Tomazinho e Vila Zumira. Estes bairros ficam localizados nas

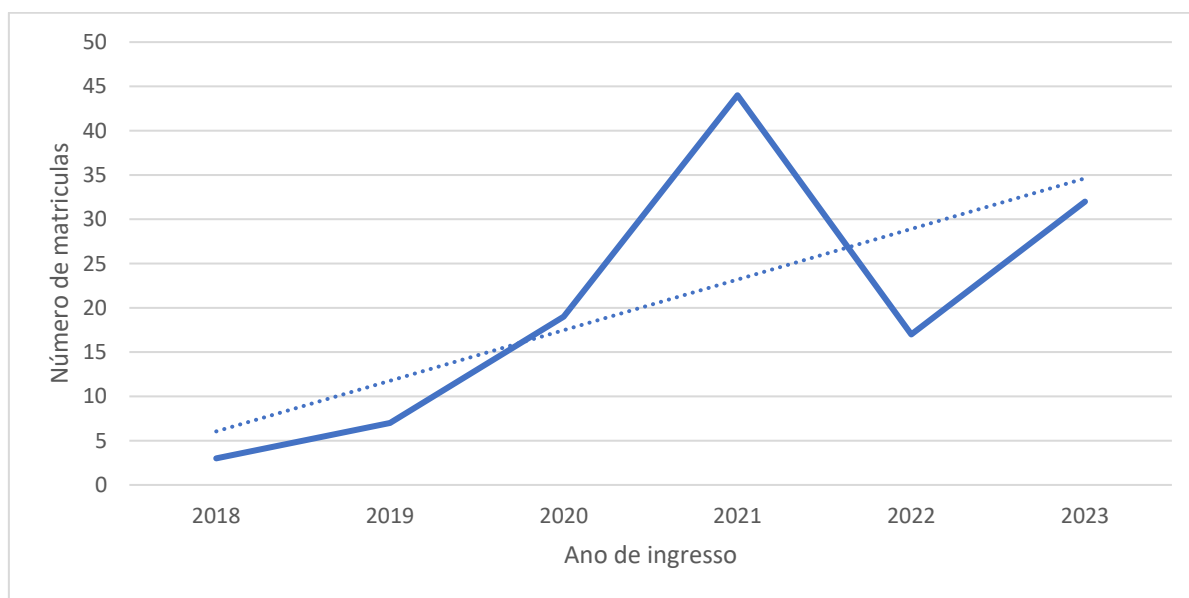
imediações do bairro de Éden. Há também alguns poucos oriundos de municípios vizinhos, como Nilópolis e Mesquita.

Nos últimos quatro anos houve aumento considerável no número de matrículas de estudantes oriundos da rede privada de ensino, o que pode ter como causa a pandemia de COVID-19 e o aprofundamento da crise econômica. Há também a possibilidade de que o número de estudantes oriundos da rede privada tenha crescido em função da implementação do ensino em tempo integral e do itinerário formativo em empreendedorismo.

Observa-se também que nos últimos anos, em função da implementação do ensino em tempo integral, diversos estudantes que pedem transferências para unidades de ensino em meio período devido a necessidade de trabalho e renda, bem como para frequentar cursos de formação profissional.

Neste sentido, o ensino integral tal como vem sendo ofertado, estaria na verdade funcionando como “filtro” no qual somente aqueles estudantes que podem passar o dia se dedicando aos estudos, permaneceriam matriculados na escola.

Gráfico 3 - Evolução do número de matrículas oriundas da rede privada de ensino, 2023.



Fonte: Secretaria escolar, 2023.

Em relação ao desempenho da instituição, o IDEB da escola é de 3,7, abaixo do municipal, 4,3 e do estadual, 5,1 (Inep, 2023)¹⁸. A taxa de aprovação é 91,9%, maior entre as turmas do 3º ano e menor entre as do 1º ano. A taxa de distorção idade-

¹⁸ Ideb (2023) por escola, município, UFs e grandes regiões. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>

série na escola é de 22,3%, abaixo da média municipal e estadual que é de 30,4% e 29,5%, respectivamente (Inep, 2021).

O quadro de funcionários é composto por três merendeiras e quatro funcionários de apoio, sendo um porteiro e três serventes, que compõe o quadro de funcionários terceirizados. Há também três inspetores de alunos, uma agente de biblioteca, um secretário e uma secretária escolar, todos estatutários.

1.4.3 Infraestrutura

A estrutura física da escola conta com quatro pavimentos: o térreo, onde fica a entrada, o estacionamento e o pátio principal, um espaço bastante amplo onde também está localizado o refeitório, no qual são servidas três refeições ao dia: lanche, pela manhã, almoço ao meio-dia e lanche da tarde.

Figura 26 - Vista do estacionamento, CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023

Figura 27 - Vista do pátio, CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 28 - Vista do refeitório, CIEP 397 Paulo.

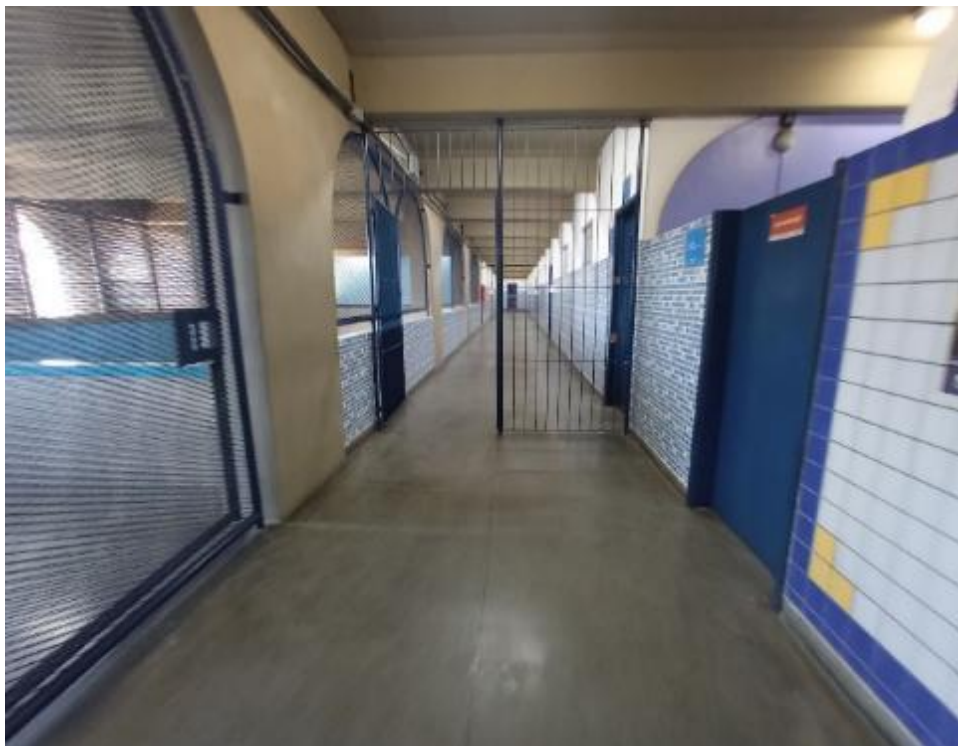


Fonte: O autor, 2023.

Nos três pavimentos superiores encontram-se as salas de aulas, direção, sala de professores, auditório, secretaria escolar, biblioteca e quadra poliesportiva, onde

também funciona uma sala de dança. No primeiro pavimento funcionam 3 salas de aulas, a biblioteca, a sala dos professores, a direção e a secretaria. Já no segundo pavimento funcionam 11 salas de aulas e um laboratório de ciência.

Figura 29 - Corredor de acesso às salas de aula do 3º pavimento.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 30 - Aplicação de provas.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 31 - Biblioteca escolar. CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 32 - Auditório - CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

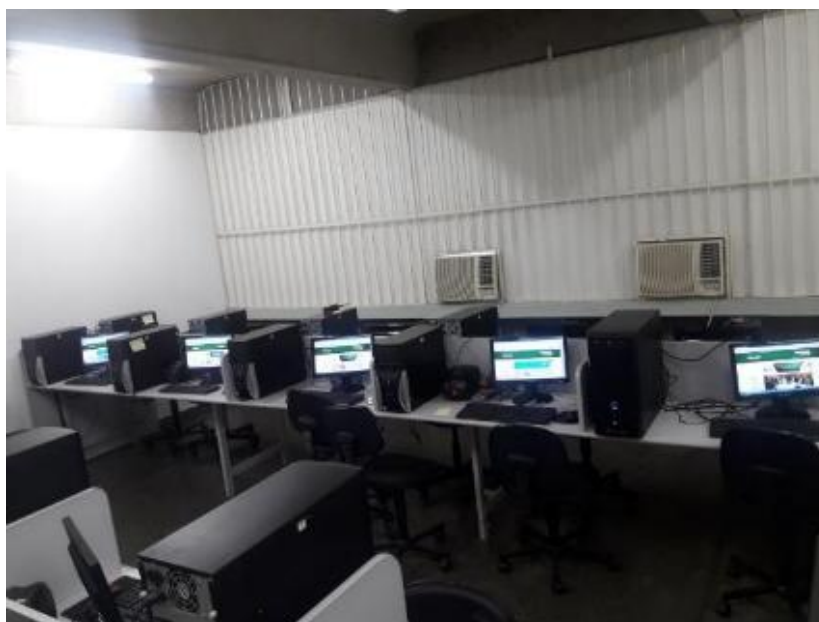
Figura 33 - Vista da quadra poliesportiva - CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

Além do laboratório de ciências, a escola também conta com um laboratório de informática. O laboratório possui 20 computadores, que são subutilizados devido à falta de funcionários que possam auxiliar os estudantes no uso dos equipamentos.

Figura 34 - Laboratório de informática - CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 35 - Laboratório de ciências - CIEP 397
Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

Em 2022, a escola implementou um espaço voltado ao uso de tecnologia e ao desenvolvimento criativo. A sala *Maker* foi criada para que os estudantes possam desenvolver atividades diversificadas com o apoio e uso de notebooks, internet, projetor. A sala conta com 30 notebooks, e sua organização é bastante flexível, com o intuito de promover maior interação e dinâmica durante as atividades.

Figura 36 - Sala Maker - CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

Nos últimos anos, a escola vem recebendo um considerável aumento no número de estudantes classificados como Pessoa com Deficiência (PcD). Em função das dificuldades apresentadas por muitos desses estudantes, e por vezes pela própria equipe pedagógica em lidar com determinadas questões de aprendizagem, no segundo semestre de 2023 a escola passou a contar com uma sala de recursos voltada ao atendimento especial para este público.

No conjunto geral, a escola é ampla, com infraestrutura física bastante conservada e que ao longo do tempo vem passando por manutenções. Inicialmente, como era padrão nos prédios onde funcionavam os CIEPs, os muros da escola eram baixos e as salas de aulas possuíam paredes semiabertas. Com as mudanças institucionais, os muros foram aumentados e colocados gradeamentos, e as salas de aulas foram totalmente fechadas.

Em conversa com a ex-diretora da instituição, fui informado de que o fechamento das salas de aulas teria ocorrido por demanda dos próprios professores, que se queixavam do barulho, e em função da colocação de aparelhos de ar-condicionados, exigindo que fossem totalmente fechadas.

Como aponta Mignot (2001), o projeto arquitetônico dos CIEPs foi desenvolvido por Oscar Niemeyer e “expressou a preocupação pedagógica em proporcionar aprendizagem, mas sobretudo em favorecer a aquisição de hábitos, atitudes, valores” (Mignot, 2001).

Em relação a este assunto, Moreira *et al* (2018), apontam que as salas de aulas semiabertas estavam previstas no projeto de construção dos CIEPs como forma de reeducar professores e alunos quanto ao tom de voz durante as aulas ao mesmo tempo em que buscavam “ensinar novas formas de comunicação e de comportamentos no espaço escolar” (Moreira *et al*, 2018, p.13).

Neste sentido, as mudanças atuais pelas quais vem passando a arquitetura dos CIEPs, com o aumento dos muros e gradeamento apenas mudou aspectos da forma espacial, mas o objetivo se manteve o mesmo: o controle dos corpos.

Sobre a colocação de gradeamentos nos muros da escola, a ex-diretora relatou que eram constantes o comércio entre ambulantes e os alunos através dos muros baixos durante o horário do recreio, e que por isso a colocação de grades foi necessária. Além disso, ocorreu na escola, no ano de 1999, o assassinato de um estudante em frente ao portão principal da entrada.

O jovem estudava na escola, tinha 16 anos e teria se envolvido em uma rixa com outro jovem por questões relacionadas a namoro. Na ocasião do assassinato, o jovem estava em pé ao lado de fora do portão da escola e teria sido alvejado a tiros.

À época, tal fato teria tido grande repercussão entre a comunidade escolar que, em reunião com a direção e com o apoio da comunidade elaboraram ofício à secretaria de educação solicitando recursos para a colocação de gradeamentos nos muros.

Ainda segundo a ex-diretora, naquela época outras escolas do bairro também estavam em processo de gradeamento dos muros dado o crescimento dos episódios de violência do entorno. Aliás, sobre a violência, ela também relatou que em tempos passados, segundo sua percepção, a violência no bairro era bem mais explícita que atualmente, e ouviam-se muitos relatos de alunos que não podiam estudar em determinadas escolas em função de rivalidade entre facções criminosas.

A antiga diretora também relatou a existência de algumas comunidades no entorno dos bairros vizinhos os quais a escola atende, e que por três ou quatro vezes a mesma recebeu ordens do tráfico para interromper as atividades.

No ano corrente, depois de um longo período, ocorreram novamente situações de violência que mobilizaram o bairro e que vem repercutindo negativamente no funcionamento das escolas do entorno, incluindo o CIEP 397, onde muitos estudantes faltam às aulas ou necessitam sair mais cedo devido a episódios de confronto em determinados pontos do bairro.

Também fomos informados pela antiga diretora que havia certa dificuldade para a escola matricular novos alunos e, em sua visão tal dificuldade se dava pela “*má fama*” que os CIEPs possuíam de serem escolas voltadas ao público mais empobrecido. Além do estigma negativo atribuído à escola, a entrevistada mencionou também que o prédio fica “*escondido*” entre as ruas do bairro, em uma parte pouco visível, e isso poderia explicar a baixa procura da comunidade.

Desta forma, as mudanças na política educacional ocorridas nas últimas décadas aliada ao atual contexto social e econômico tem alterado a forma e o conteúdo da escola à medida em que a sua estrutura física passa não mais a atender aos propósitos de integração entre escola e comunidade, bem como o conteúdo (ensino e currículo) passa por novas reformulações.

Como visto, embora a escola seja um CIEP, cuja proposta inicial era a integração à comunidade, bem como a integração entre os diferentes espaços, nos últimos anos as mudanças ocorridas em sua estrutura física aliada as mudanças

curriculares em curso sugerem a normatização e maior controle do espaço aliada a elaboração de um currículo mais técnico, racional e liberal.

1.4.4 Cotidiano e uso do espaço escolar

Como sugere Junqueira (2010), o cotidiano escolar acontece dentro e fora da sala de aula em situações rotineiras ou acontecimentos singulares os quais criam diferentes experiências de ensino, aprendizagem e saberes. Para o autor, é através das experiências cotidianas, dentro ou fora da sala de aula que “cada sujeito se constitui, se transforma, dá e modifica os significados atribuídos a si mesmo, ao mundo e à vida (Junqueira, 2010, p. 149).

O início do dia letivo acontece às 07:15 da manhã de segunda a sexta. A escola não funciona aos sábados. Dentro do horário estipulado para o início das aulas os estudantes têm 15 minutos de tolerância e são comuns àqueles que ultrapassando o limite são impedidos de entrar. A questão dos atrasos, por ser corriqueira acaba se tornando um assunto bastante comentado nas primeiras horas da manhã e nas reuniões pedagógicas. Alguns alunos se queixam por não poderem entrar, alegando que com isso perdem o dia de aula. Alguns professores e a direção alegam que é necessário o cumprimento do horário dentro do que é estabelecido pelo regimento escolar, para que os alunos desenvolvam senso de responsabilidade.

As situações nas quais os estudantes justificam os seus atrasos são bastante variadas e vão desde esperas demoradas nos pontos de ônibus até questões familiares e dificuldades para acordar cedo. Em determinada reunião pedagógica, a direção da escola sugeriu que os atrasos ocorreriam principalmente em função das poucas horas de sono durante a noite.

De fato, as 07:30 da manhã, é possível observar certa dificuldade dos alunos em manter o foco e a atenção nas aulas. Em minha experiência como professor percebo que o “ritmo” tende a “acelerar” após às 09:15, quando termina o recreio e começam os últimos tempos de aula no turno da manhã.

No turno da tarde as aulas iniciam às 13:15 e encerram às 16:20. No total são 10 tempos de aula e, ao contrário dos primeiros horários da manhã, observa-se maior interação dos estudantes nas salas de aulas e maior movimentação pelos corredores.

Durante os intervalos, os grupos se dividem por entre os corredores e o pátio da escola. A maior parte fica concentrada no pátio, onde formam rodas de conversas,

jogam *Ping-pong* de mesa e futebol. No primeiro piso alguns aproveitam o tempo livre na biblioteca, onde utilizam o espaço para conversas, jogar cartas e para tomar de empréstimo algum livro.

Anualmente, a escola promove alguns eventos que movimentam a rotina escolar. Dentre os eventos, o intersalas é o mais aguardado pela maioria dos estudantes. Trata-se de um torneio de futebol realizado todos os anos, nos quais as diferentes turmas disputam entre si.

Geralmente os times de cada turma são representados pelos meninos, mas no ano de 2021 um dos times contou também com a participação de uma menina jogando entre eles. Além do torneio de futebol é realizado, no mesmo período, torneio de queimada, vôlei e *ping-pong*.

Outro evento que também movimenta bastante a rotina da escola é o Café Cultural. Trata-se de um evento incluído na programação da escola desde 2019 e que tem como objetivo a apresentação de trabalhos de pesquisas, cujo tema é definido anualmente pela equipe pedagógica.

Os trabalhos apresentados são divididos entre turmas a partir de um tema central. Por exemplo, em 2023, o tema do seminário envolveu temáticas culturais relacionadas a diferentes grupos de países.

No que diz respeito a interação e socialização entre os estudantes, embora as turmas sejam seriadas e compostas a partir de critérios variados, é possível observar certa diversidade de grupos que se formam em cada uma delas. Observa-se também bastante interação entre as diferentes turmas, principalmente nos horários de recreação, intervalo e em eventos que integram toda a escola.

Em conversas com os estudantes, é possível conhecer melhor o espaço do bairro e os seus locais de moradias. Quando questionados sobre o que costumam fazer nos momentos livres quando não estão estudando, alguns dizem não sair ou sair pouco de casa, seja por proibição dos pais ou devido as poucas opções lazer que o bairro e o município oferecem. Outros relatam frequentar as poucas praças que existem no entorno.

Em determinadas situações, quando ao término das aulas, alguns permanecem no espaço da escola, reunidos em grupos ou individualmente. E quando questionados sobre permanecerem na escola mesmo após o término das aulas, muitos alegam não ter o que fazer em casa.

Ao que parece, para alguns a escola se apresenta como espaço de encontro, possibilidade de aprendizagem e ascensão social. Para outros, a frequência escolar parece estar vinculada a obrigatoriedade, seja por parte dos responsáveis ou pela necessidade de aquisição do diploma escolar como forma de inserção no mercado de trabalho.

É comum que alguns estudantes peçam transferência para outras unidades escolares devido a incompatibilidade entre o horário integral e a necessidade de obter trabalho e renda, seja por motivações próprias ou por necessidade familiar. Outros alegam que não estão se adaptando ao horário integral em função da grande quantidade de matérias que precisam ser cursadas.

Sobre a situação colocada no parágrafo anterior, López (2008) entende que ao entrar na escola, a criança ou jovem leva consigo determinadas predisposições, dentre as quais podem ser citadas a disponibilidade de tempo, que resulta de fatores externos à escola, mas que influencia nas trajetórias escolares dos jovens.

Assim, questões que afetam a rotina dos estudantes, sejam familiares, pessoais ou relacionadas aos seus locais de moradia, geralmente convergem para o ambiente escolar de diferentes maneiras. Por exemplo, embora esta seja uma escola pública que atende basicamente ao público de baixa renda, é possível observar acentuadas diferenças socioeconômicas e de composição familiar entre os grupos, e que acabam revelando diferentes formas de relação com a escola e com o lugar onde está inserida.

Desta forma, é possível pensar a dimensão educacional para além do espaço escolar, como processo dialético que envolve a escola, o bairro e a família. Particularmente, nos interessa a dimensão da escola e do bairro, entendidos como espaços educacionais que, via de regra são articulados pelos próprios estudantes através do ir e vir diário durante o ano letivo.

Neste sentido, pensar a escola no espaço urbano exige, em cada caso, um olhar apurado sobre as questões que envolvem o contexto socioespacial em que a instituição está inserida, bem como a relação que os estudantes e a própria escola estabelecem com o seu espaço circundante.

Assim, as experiências que os jovens desenvolvem com a cidade podem revelar questões que atravessam o cotidiano escolar, articulando este ao bairro, à cidade no contexto da atual dimensão da vida urbana, marcada pela racionalização e segregação do espaço urbano.

1.5 Espaço, cidade e lugar: breves considerações.

Diante do exposto na seção anterior, faz-se necessário uma breve explanação a respeito das noções de espaço, cidade e lugar. Embora sejam noções que se diferenciam quanto a escala geográfica e significados, possuem forte interação do ponto de vista espacial.

Pensando a produção do espaço como fruto de práticas espaciais, Lefebvre (2013) propõe analisá-la sob a tríade: *espaço percebido*, *concebido* e *vivido*. Ainda que para fins didáticos as três dimensões possam ser analisadas separadamente, no plano da prática elas se encontram imbricadas, podendo sobrepor-se ao longo do processo.

Assim, o espaço percebido seria o espaço da prática, através do qual se realiza a vida cotidiana (uso do tempo) e a realidade urbana. O espaço concebido seria o espaço dos planejadores, urbanistas, enfim o espaço dominado sobre o qual se projeta determinada representação. Já o espaço vivido corresponde aos espaços de representações através dos quais os indivíduos utilizam simbolicamente os seus objetos. Trata-se do espaço dominado, no qual ocorrem as experiências individuais e coletivas.

De acordo com Alves (2007, p.559), é na dimensão do vivido que surge a possibilidade de “subverter a lógica do concebido”, podendo ser “o início de uma tomada de consciência dos processos de dominação social e, como potência utópica, da construção de estratégias de luta e transformação social”.

Para Ronilk (2004)

a cidade atual é como se fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece o seu lugar e se sente estrangeiro nos demais (Ronilk, 2004, p. 40).

Neste contexto, um bairro seria parte integrante deste quebra-cabeças, um lugar na cidade no qual seria possível percorrer a pé (SOUZA, 2013) e estabelecer relações mais ou menos próximas de vizinhança. Como sugere Carlos (2007), no contexto das cidades, os bairros corresponderiam ao plano da vida e dos indivíduos na escala do local, sendo “o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (Carlos, 2007, p.17)

Neste sentido, a rua, a praça, o bairro seriam considerados enquanto “espaços vividos, apropriados através do corpo”. Os percursos realizados pelos habitantes

funcionariam como “mediações espaciais, ordenadas segundo as propriedades do tempo vivido” (idem).

Embora o processo de globalização em curso tenha remodelado a noção de lugar, tendo em vista a aceleração dos fluxos e a produção de não-lugares (Carlos, 2007), enquanto dimensão espacial esta noção é carregada de sentidos. Para Tuan (1983) o lugar está relacionado diretamente às experiências vividas por meio das quais os indivíduos atribuem valores e significados ao espaço.

Sendo assim, “o lugar se diferencia do espaço”, o “espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1983, p. 7).

Martins (2021), citando Yi-Fu-Tuan (1980), “lugar é um conceito polimórfico, pois se apresenta sob variadas formas, a depender da realidade vivida por cada pessoa em seu ambiente” (Martins, 2021, p. 4).

Ainda em Tuan (1983), o lugar aparece como fruto da percepção que os sujeitos mantêm com os ambientes construídos, resultando em diferentes experiências com os ambientes.

Já para Relph (2014, p.21), o lugar se apresenta como importante forma de compreensão entre as relações que articulam os sujeitos com o mundo globalizado. Assim sendo, na ciência geográfica, a distinção entre “lugar e lugares” seria fundamental, pois

a Geografia como estudo de lugares se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo de lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo (*op.cit*).

Desta forma, o autor propõe o estudo do lugar baseado em seus diferentes aspectos, tais como: lugar como reunião, lugar como localização, fisionomia do lugar, espírito de lugar (identidade), sentido de lugar, raízes e enraizamento, interioridade, lar, lugar-sem-lugaridade, exclusão/inclusão, construção e fabricação de lugares.

Em suma, para Relph, o lugar caracteriza-se por “suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco”. (Relph, 2014, p.31)

Desta forma é que propomos investigar e refletir sobre as experiências urbanas de jovens estudantes moradores da Baixada Fluminense considerando o lugar como

sinônimo de espaço vivido na cidade, considerando as diferentes correntes de pensamento.

Assim, propomos as seguintes questões como eixo de investigação da pesquisa: Quais práticas e usos do espaço do bairro estão presentes no cotidiano dos estudantes? Quais suas experiências na cidade e com a cidade? Quais são as representações dos jovens em relação ao bairro e a escola? Diferenças renda, raça ou gênero interferem nas experiências desses jovens com a cidade e a escola?

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

O objetivo deste capítulo é apresentar o processo de escolha e definição dos procedimentos metodológicos adotados para a elaboração da pesquisa, assim como breve caracterização dos sujeitos que participaram da mesma.

Escolha e definição dos procedimentos metodológicos

A metodologia adotada para investigação e análise das questões colocadas foi do tipo qualitativa, e contou com a realização de caminhadas pelo bairro, rodas de conversas e observação do cotidiano escolar. Ressalta-se que o principal procedimento metodológico esteve focado na realização de caminhadas pelo bairro, estratégia de pesquisa inspirada na metodologia de percurso comentado (*parcours commenté*) (Thibaud, 2001).

Os demais procedimentos serviram de suporte após a realização das caminhadas e foram fundamentais para o aprofundamento das observações e análises realizadas pelos estudantes durante o percurso.

Dentre os procedimentos, mencionamos também que foram realizadas entrevistas semiestruturadas, sendo uma com a antiga Diretora Geral da escola, outra com uma professora aposentada e outra com uma antiga moradora do bairro e que também foi professora de Biologia na instituição durante a década de 90. Esta última, está com 89 anos, nasceu e cresceu no bairro de Éden, antigo Itinga.

As entrevistas foram realizadas no ano de 2022 e tiveram como objetivo conhecer a história da escola e do bairro contadas por pessoas que trazem relatos e informações de tempos passados, sobre os quais não foi possível encontrar material bibliográfico e documental satisfatórios. Portanto, através das entrevistas foi possível interpolar as informações com aquelas presentes nas referências bibliográficas sobre a Baixada Fluminense, o município de São João de Meriti, o bairro e a escola, possibilitando o esclarecimento de determinadas informações ainda confusas.

Ainda sobre as entrevistas, é importante ressaltar que, por ora, estas serviram apenas como elemento exploratório inicial, não sendo consideradas e analisadas em profundidade para esta pesquisa. Tarefa que se estenderá para trabalhos futuros.

O levantamento de dados e mapas em órgãos oficiais de pesquisa, tais como os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA data), bem como o levantamento de referenciais

bibliográficos sobre os principais eixos temáticos da pesquisa foram fundamentais para o momento inicial e exploratório da pesquisa, bem como para o aprofundamento de análises.

Também foram coletados dados junto à secretaria escolar, onde no ato da matrícula, os estudantes e responsáveis precisam preencher a ficha de “cadastro dos alunos”. Neste cadastro, constam dados e informações que foram esquematizadas e apresentados no primeiro capítulo da pesquisa. Os dados coletados e apresentados aqui correspondem ao recorte dos últimos seis anos, 2018 a 2023. A opção por este recorte temporal teve como motivação mudanças na gestão escolar e no currículo que ocorreram nestes últimos anos, considerou-se também as mudanças causadas pela pandemia de Covid e seus possíveis impactos locais.

Os dados de 2024 não foram analisados em função da etapa atual na qual se encontra a pesquisa, porém, é possível que com a inclusão destes, algumas modificações possam ocorrer no perfil dos estudantes. No entanto, isto poderá ser (re) considerado em análises futuras.

Entre as fases de campo e de escrita foram produzidos materiais fotográficos, mapas, áudios e vídeos como instrumentos de pesquisa. A utilização das fotografias teve função ilustrativa e não é objeto de análise deste trabalho. Já as gravações de áudio e vídeo serviram como recurso adicional extremamente importante para a descrição e análise das rodas de conversas.

Embora a metodologia inspirada nos percursos comentados sugira que o desenvolvimento da atividade seja registrado em áudio e vídeo, assim como foram as rodas de conversas, em função da ausência de equipamentos mais sofisticados (requeríveis para atividades externas) as observações e relatos foram registradas em caderneta de campo.

Os mapas de autoria do pesquisador foram produzidos a partir de bases cartográficas fornecidas pelo IBGE e foram fundamentais, pois permitiram a prática do exercício cartográfico, tão caro ao professor e pesquisador no campo da Geografia, e ao mesmo tempo possibilitou a ampliação e o aprofundamento do conhecimento sobre a região, sobre o município, o bairro e a própria escola, pois embora atue na instituição há alguns anos, o processo de pesquisa permitiu reformular visões e estereótipos construídos ao longo dos anos em que atuo na instituição.

Os demais procedimentos, como as rodas de conversas, realizadas logo após as caminhadas, permitiu a melhor compreensão das observações realizadas durante

a caminhada pelo bairro, já que durante o percurso a ambiência e a interação entre os participantes dificultaram a escuta.

As rodas de conversas aconteceram logo após as caminhadas, na biblioteca da escola. O planejamento inicial era que após a atividade os participantes mapas (croquis) contendo os percursos realizados entre casa-escola. No entanto, em função de questões relacionadas ao horário da atividade, os participantes foram convidados a produzir os mapas e entrega-los em outro momento. Em alguns casos particulares foi possível acompanhar a produção dos mapas.

Figura 37 - Roda de conversas - Grupo I.



Fonte: O autor, 2023.

A adoção de diferentes estratégias de pesquisa permitiu o aprofundamento das observações realizadas no decorrer das atividades, trazendo à luz questões mais complexas sobre a experiência desses jovens com a cidade.

Na condição de professor de Geografia da instituição desde 2014, a tarefa de escolher e reunir os estudantes para a realização das atividades foi bastante facilitada, no entanto, a ambiguidade da posição que ocupo, por vezes provocou ‘confusão’ entre as atividades referentes ao ensino da disciplina e aquela referente à pesquisa.

A abertura da instituição à pesquisa também foi facilitada, porém, em função de atribuições e mudanças na rotina e no calendário escolar, foram necessárias algumas alterações e ajustes no planejamento das mesmas.

Sobre a posição que ocupa o pesquisador e ao mesmo tempo ator na escola, Peregrino (2010) salienta que tal posição, limítrofe, situa-se

entre a proximidade que dificulta o estranhamento, facilita a adesão acrítica ao objeto estudado, mas permite a ocupação de posições múltiplas, e de papéis diversos, apontando uma complexidade na construção de quadros que uma visão “de fora” dificilmente conseguiria incorporar; e um distanciamento que se arriscará sempre a imobilizar o objeto e a burocratizar a análise. É na aposta em uma proximidade que estranhe e numa distância que não imobilize que construo o espaço de onde observo. (Peregrino, 2010, p.27).

Figura 38 - Roda de conversas - Grupo II.



Fonte: O autor, 2023.

Assim, considerando a reflexão da autora é que construo o espaço de onde observo. A escola, enquanto espaço social inserido em contexto mais amplo, seria “como lugar de observação, como ponto e posição de onde são visíveis fenômenos que não se esgotam em absoluto, no lugar que tomamos como “Mirante””. (Peregrino, 2010, p. 30).

Ainda segundo a autora, se o objeto da pesquisa

é sempre expressão de relações sociais, então é necessário estudá-lo como produto e também como agente das relações sociais que expressa; como

campo onde se entrecruzam as pressões externas e internas que o delimitam, ampliando a compressão não só do objeto em si, mas também de seu entorno. (Peregrino, 2010, p. 31).

Dito isto, nas próximas seções serão apresentados os critérios de definição dos estudantes que participaram da pesquisa, bem como um breve perfil dos grupos. Também nas próximas linhas são relatadas as experiências com a pesquisa tendo como inspiração a metodologia de percurso comentado.

O terceiro capítulo traz o relato dos percursos realizados pelos grupos, a partir do qual são analisados os seguintes aspectos: circulação, práticas, usos e representações do bairro. Para fins de análises, os participantes da pesquisa foram divididos em dois grupos, conforme a realização dos percursos e das rodas de conversas. Assim, o Grupo I foi formado por 5 (cinco) estudantes que realizaram a atividade no dia 31 de julho, e o Grupo II, composto por 7 (sete) estudantes que realizaram a atividade no dia 10 de agosto.

Na próxima seção são apresentados os critérios que definiram os participantes da pesquisa, bem como uma breve caracterização do perfil de ambos os grupos.

Definição e caracterização dos participantes da pesquisa

A definição dos estudantes que participaram da pesquisa teve como recorte a trajetória escolar. Assim, foram selecionados estudantes que tem suas trajetórias vinculadas a rede pública de ensino, e aqueles da rede privada.

Tabela 6 - Origem escolar

Origem	Total
Rede Pública	7
Rede Privada	4
Rede Pública/Privada	1

Fonte: O autor, 2023.

No total, foram selecionados 15 estudantes para participar da pesquisa, porém, houve desistência de 3 (três) que alegaram motivos pessoais. Sendo assim, e por questões de logística, participaram da pesquisa 12 estudantes, com as seguintes características, conforme a descrição dos dados abaixo.

A coleta dos dados organizados e apresentados nesta seção foi realizada por meio de formulário de pesquisa eletrônico, contendo informações sobre dados

peçoais, como nome, idade, sexo, raça/etnia, renda, mobilidade, histórico escolar e acesso a bens e serviços.

Entre os participantes da pesquisa, seis (6) informaram ser do sexo masculino e seis (6) do sexo feminino. Perfil semelhante ao da instituição, que possui o número um pouco maior de estudantes que se declaram do sexo feminino.

Tabela 7 - Distribuição, por sexo.

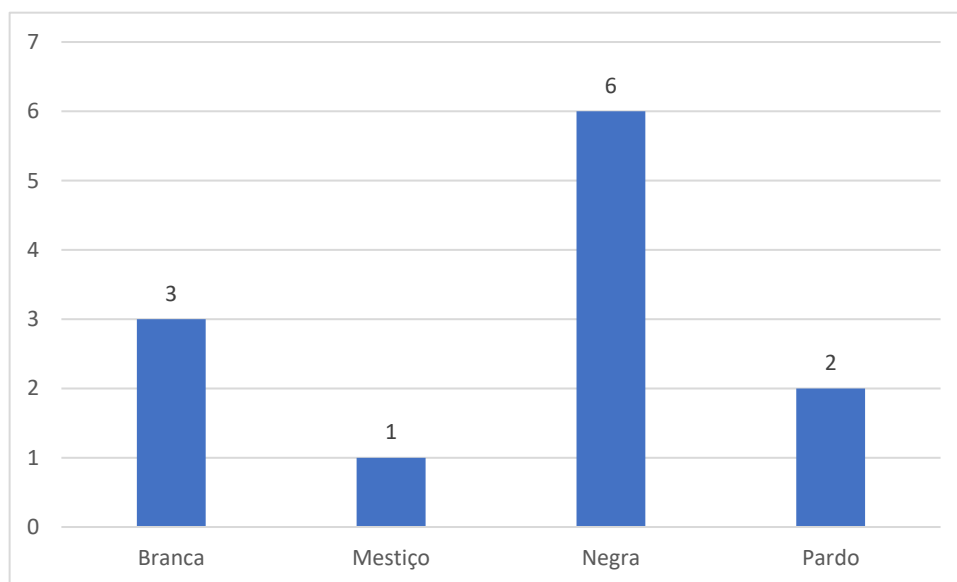
Sexo	Total
Feminino	6
Masculino	6

Fonte: O autor, 2023.

Em relação a faixa etária, esta varia entre 16-19 anos, sendo um com 16 anos, oito com 17, um com 18 e um com 19 anos de idade.

No que se refere a divisão por raça, foi utilizado o critério de autodeclaração, no qual seis participantes declararam-se da cor/raça negra, três branca, duas pardas e uma mestiça. Os que se autodeclaram negros ou pardos constituem a maior parte, seguindo o mesmo perfil da instituição.

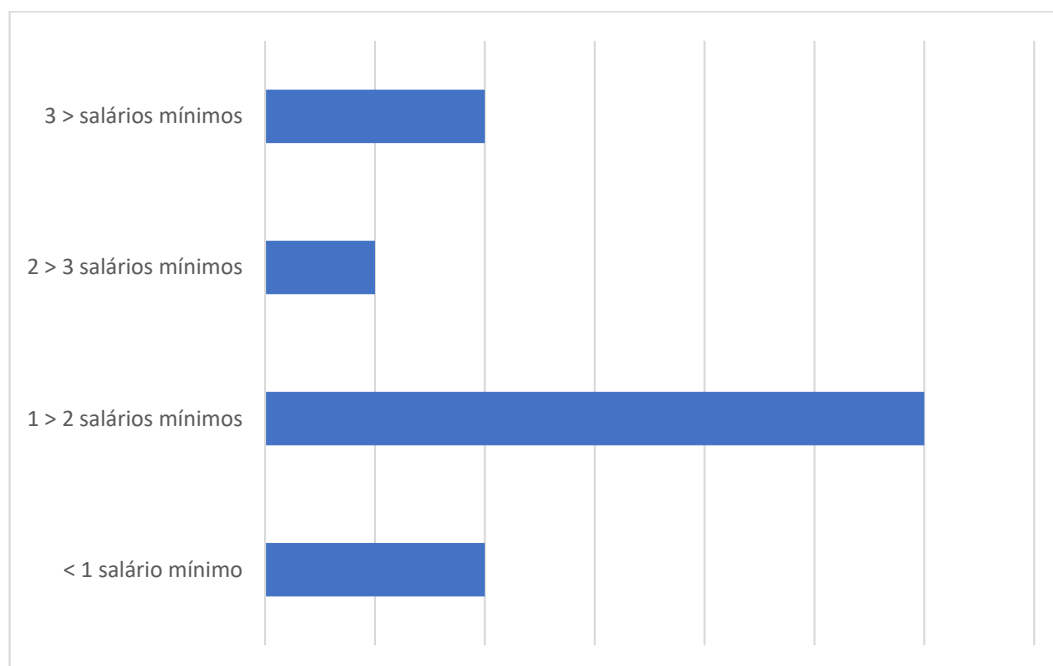
Gráfico 4 - Distribuição por cor/raça.



Fonte: O autor, 2023.

No tocante à renda familiar, seis dos participantes declararam renda que varia entre um e dois salários mínimos, um participante declarou renda familiar de dois a três salários mínimos, dois declararam renda familiar maior que três salários e dois declararam renda familiar menor que um salário mínimo.

Gráfico 5 - Renda familiar.



Fonte: O autor, 2023.

Dentre os 12 participantes, cinco informaram que suas famílias são beneficiárias de algum tipo de programa de transferência de renda, como o Bolsa Família. Destes cinco, todos pertencem ao grupo de estudantes oriundos da rede pública de ensino.

Em relação a composição familiar (Gráfico 7), todos responderam que vivem com mães, pais, irmãos ou irmãs. Dentre as respostas, destaca-se a presença materna na composição familiar de todos. Em alguns casos, ocorre que a mãe é a principal responsável pela criação e sustento do lar, sem a presença paterna.

Sobre o acesso à bens e serviços, todos os participantes responderam possuir *smartphones* e acesso à internet, passando em média 11 horas por dia conectados à rede. Dentre os conteúdos acessados, foram mencionados jogos, conteúdos educativos (estudo e pesquisa), notícias em geral e redes sociais.

A maioria dos conteúdos de acesso mencionados coincidem com as respostas dadas em relação a *hobbys* e momentos de lazer nas horas vagas, como ler, jogar online, assistir filmes e séries, navegar na internet, sugerindo maior uso da internet.

A maioria dos conteúdos de acesso mencionados coincidem com as respostas dadas em relação a *hobbys* e momentos de lazer nas horas vagas, como ler, jogar online, assistir filmes e séries, navegar na internet, sugerindo maior uso da internet.

Sobre ter acesso à leitura, questão que constava no questionário, dos doze estudantes, um respondeu não ter acesso a livros, mas se interessar por leituras, e dois responderam ter acesso a livros, mas não se interessar por leituras.

A questão sobre leitura foi elaborada pensando no acesso a livros como forma de acesso a bens culturais, considerando que por sua numerosa população, o município de São João de Meriti possui apenas quatro bibliotecas públicas, sendo que as demais estão localizadas em escolas e em outras instituições, tais como no Sesc, localizada no centro. Observa-se, por exemplo, a subutilização das bibliotecas escolares, geralmente por falta de funcionário de apoio em algumas escolas.

Outro aspecto abordado sobre o grupo participante foi em relação à mobilidade. Duas perguntas foram elaboradas: *qual meio de locomoção utilizam para chegar à escola e quais espaços já frequentou ou frequenta fora do município de São João de Meriti.*

Em relação ao meio de locomoção utilizado para chegar à escola, metade respondeu que se descola a pé, sendo que dois responderam ir a pé ou de ônibus, evidenciando a proximidade de suas residências com a instituição.

Tabela 8 - Meio de locomoção - Trajeto casa-escola – Frequência.

Meio de locomoção	Total
Caminhada	5
Ônibus	4
Ônibus/Caminhada	2

Fonte: O autor, 2023.

Sobre frequentar lugares fora do município onde moram, a frequência das respostas mostra que o município do Rio de Janeiro e os demais municípios da Baixada Fluminense são os locais mais frequentados, seguidos por alguns municípios da Região dos Lagos, como Cabo Frio, Araruama e Rio das Ostras. No geral, a frequência a estes espaços ocorre por motivo de consumo (shoppings, principalmente), lazer, visita a parentes e/ou amigos.

Tabela 9 – Circulação - Frequência.

Local	Total
Baixada Fluminense	4
Região dos Lagos	3
Minas Gerais	2
Rio de Janeiro (capital)	7
Resende	1
São Paulo	2

Fonte: O autor, 2023.

O questionário também buscou obter informações a respeito das percepções e ideias que os estudantes tem em relação ao bairro onde vivem e em relação a Baixada Fluminense. Dentre os aspectos mencionados por eles, a relação de vida comunitária com o bairro e a violência foram os que mais apareceram nas respostas.

Alguns relatos chamaram a atenção pela leitura crítica e realista, e ao mesmo tempo pela visão positiva que possuem do lugar onde moram e da própria região como um todo. Aqui destaco alguns desses relatos.

“Éden, SJM-RJ: é um bairro maneiro em São João de Meriti, tem uns rolês legais e muitas lojinhas e comércios. A galera é de boa, mas a segurança às vezes é preocupante. Tem várias opções de transporte, então dá pra chegar fácil em outros lugares. No geral, é um bairro massa pra morar e curtir com os amigos” (...18 anos).

“Nunca andei por toda a baixada, porém o que eu já vivi explicita muito o que ela representa pra mim. No geral, um lugar com uma ampla população e muito variado, onde é facilmente perceptível a desigualdade nele presente. A violência, a pobreza, a falta de acesso a serviços públicos em determinados lugares em que eu já estive refletem a clara desorganização e negligência a qual são submetidos. Pessoalmente, já fui assaltado aqui, meus avós não moram em lugares tão agradáveis e muitas vezes ando com medo na rua se estou sozinho. Entretanto, ando tendo a oportunidade de conhecer mais a cultura e a identidade da baixada. Tenho frequentado muitos teatros, por exemplo, onde esse potencial meio apagado externamente tem sido pontuado como símbolo de digno reconhecimento”. (...17 anos).

“Lugar aonde existe tantos talentos, histórias de superação, contos inimagináveis, e esperança no coração de muitas crianças e adolescentes...” (...17 anos).

No tocante aos dados da tabela e aos relatos, as palavras que mais aparecem nas respostas estão relacionadas a violência (1º), a precariedade de infraestrutura (2º), a desigualdade social (3º), evidenciando uma percepção negativa sobre a região, no entanto, vida comunitária (4º) e cultura (5º) aparecem como elementos potenciais para a transformação da realidade.

Tabela 10 - Percepções sobre a Baixada Fluminense -
Frequência.

	Total
Precariedade da infraestrutura urbana	7

Violência	9
Cultura	4
Desigualdade e pobreza	6

Fonte: O autor, 2023.

Considerando as características dos participantes por grupos, o Grupo I é composto por três participantes do sexo masculino e duas participantes de sexo feminino. Já o Grupo II é composto por quatro integrantes do sexo feminino e três integrantes do masculino.

Em relação a origem escolar, no Grupo I, quatro participantes são oriundos de escolas privadas e um é oriundo da rede privada e pública, tendo cursado o primeiro segmento do Ensino Fundamental na rede privada e o segundo segmento em escola pública. Já no Grupo II, todos os são oriundos da rede pública.

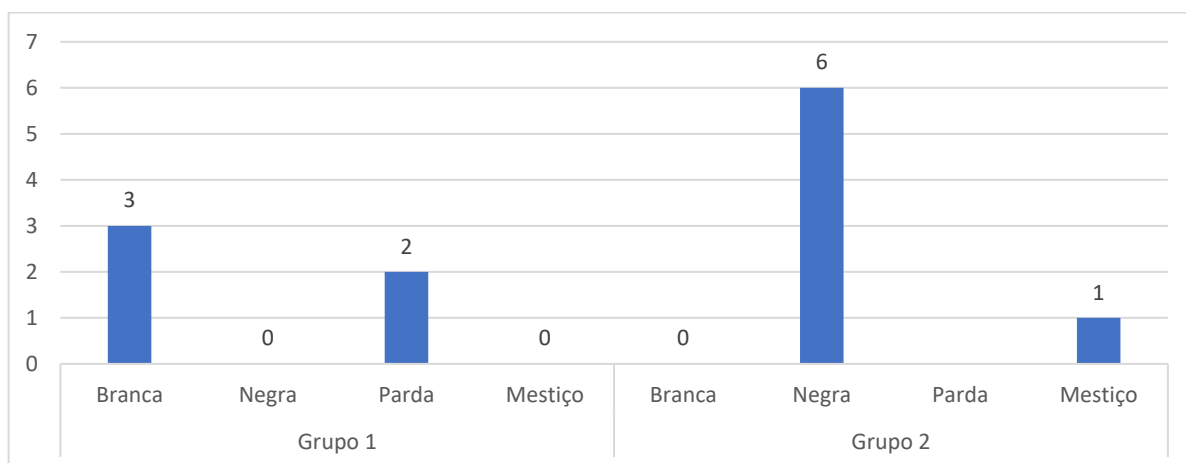
Foi solicitado aos estudantes que apontassem as principais diferentes observadas por eles entre a rede pública e a rede privada de ensino, considerando suas experiências. Em um dos relatos, um estudante considerou que a diversidade foi a principal diferença observada por ele entre ambas as redes de ensino.

“Nas escolas públicas, a gente encontra uma galera mais diversificada, com pessoas de diferentes realidades. Nas privadas, muitas vezes, a maioria é de pessoas com um perfil socioeconômico similar”. (...17 anos).

Outro estudante fez um brevíssimo relato, sem aprofundar a questão. Para ela, a principal diferença observada seria em relação a *“Diferença de tratamento de raça”* (...16 anos).

Ao consideramos a distribuição dos grupos de acordo com a autodeclaração de cor/raça, dos cinco participantes do Grupo I, três se autodeclaram brancos e dois pardos. Já no Grupo II, a maior parte dos participantes autodeclararam-se da cor/raça negra, e um se autodeclarou mestiço.

Gráfico 6 - Distribuição dos grupos, por cor/raça.



Fonte: O autor, 2023.

Em relação a renda familiar dos grupos, embora haja pouca diferença, o Grupo I apresenta renda familiar maior em relação ao Grupo II, onde dois (2) participantes declararam renda inferior a um salário mínimo.

Gráfico 7 - Gráfico 9 - Renda familiar, por grupo.



Fonte: O autor, 2023.

Na próxima seção serão apresentadas algumas considerações que fundamentam a metodologia de percurso comentado para o estudo do urbano e da cidade, bem como as possibilidades de sua aplicação como metodologia de pesquisa em educação envolvendo o estudo do urbano no contexto do bairro e da escola.

2.3 O percurso comentado como possibilidade de pesquisa em educação e cidade

A caminhada pelo bairro foi inspirada na metodologia de percurso comentado de Jean Paul Thibaud (2001). O percurso comentado é uma estratégia de pesquisa

que consiste em investigar as ambiências dos espaços habitados pelos cidadãos através de suas percepções sensoriais. Thibaud considera que a materialidade do espaço urbano “passa pelo crivo da percepção sensorial e revela as qualidades do que é vivido no ambiente construído” (Thibaud, 2012, p. 18).

O autor aponta que as transformações pelas quais vem passando as cidades nas últimas décadas estariam despertando o interesse de pesquisadores pelo ambiente sensorial dos habitantes das cidades, sugerindo sua aplicação como ferramenta interdisciplinar, sobretudo no campo das ciências sociais (Thibaud, 2013).

Em suas proposições, Thibaud interessa-se pelas ambiências do espaço urbano, considerada não apenas como o espaço construído, mas como aquele emerge das relações com os pedestres. Assim sendo, “trata-se de aproximar as ambiências mais em termos de fluxos do que de lugar” (Thibaud, 2013, p. 101).

Para Thibaud, uma ambiência pode ser “definida como espaço-tempo experimentado pelos sentidos...”; O Autor enfatiza a atividade de percepção dos sujeitos e o papel das práticas sociais na concepção sensível do ambiente construído permitindo, dessa forma, que se preste maior atenção às tonalidades afetivas da vida urbana. (Thibaud, 2012, p. 9).

Assim, a referida metodologia seria uma alternativa ao estudo das ambiências por enfatizar o movimento dos corpos no espaço, valorizando os sentidos e a percepção.

No processo de planejamento e elaboração do percurso, Thibaud propõe ainda a construção de um protocolo de itinerários urbanos, de modo que ao longo do trajeto os participantes alterem o planejamento inicial, permitindo ao pesquisador acessar as experiências sensoriais dos cidadãos “não apenas na percepção situada, mas também na percepção em movimento” (Thibaud, nossa tradução, 2001, p. 5).

Em direções similares à proposta de Thibaud, Jolé (2005) e Freire (2021) propõem ferramentas metodológicas que busquem compreender as relações dos cidadãos a partir do “andar coletivo” (Jolé, 2005) e do “andar junto” (Freire, 2021).

Para Jolé, o andar coletivo se constitui em um “instrumento de exploração da cidade para fins cognitivos, reflexivos e de criação” (Jolé, 2005, p. 424). Para o pesquisador envolvido no processo da pesquisa, “a caminhada se torna o meio de enunciação da fala sobre o lugar percorrido e estudado” (idem).

Assim, o pesquisador se coloca no lugar de ouvinte, enquanto os participantes relatam suas observações e percepções sobre o espaço. Ao pesquisador cabe anotar o máximo possível dos relatos para posterior análise.

Ainda como sugere Jolé, a pesquisa sociológica que utiliza a metodologia de percurso comentado para o estudo do urbano e da cidade tem por objetivo “reunir, conjuntamente, a organização material, os fenômenos perceptíveis e as formas de agir e interagir” (Jolé, 2005, p. 426).

Já Freire aponta que

“circular pela cidade se impõe como condição do viver urbano, mas os modos de circulação na cidade são, em grande medida, constrangidos por certas condições dos sujeitos, como idade, gênero, classe social, estilo de vida e experiência cultural” (Freire, 2021, p. 104).

Para Vogel e Mello (2015) a variedade de espaços existentes nas cidades, públicos, privados, de uso aberto ou coletivo, interferem na prática cotidiana, na medida em que “estas práticas são, ao mesmo tempo, estruturadas “em função de” e estruturantes “com relação a” certos valores vigentes na comunidade” (Vogel; Mello, 2015, p. 294).

Segundo Carlos, a cidade como materialização das relações sociais, reproduz o modo de vida urbano, as “ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e uma cultura” (Carlos, 2008, p. 26).

Considerada em sua dimensão educadora, a cidade representa “não apenas as estruturas materiais nela existentes, mas também as relações imateriais que a sociedade estabelece com o espaço” (Alves, 2019, p. 24).

Neste sentido, o ato de andar junto ou o andar coletivo, se apresentam como possibilidade de pesquisas que buscam compreender as diferentes experiências dos sujeitos com a cidade, podendo estas serem analisadas a partir do recorte espacial do bairro e da escola, pensados como espaços de vivências e experiências cotidianas no contexto da cidade e do urbano.

3 CAMINHANDO PELO BAIRRO

O objetivo deste capítulo é apresentar uma breve relação entre a escola e o bairro no contexto da cidade e da vida urbana, assim como algumas considerações sobre a atividade de pesquisa envolvendo o “sair da escola”. Também neste capítulo apresentamos o processo de organização da atividade bem como a análise dos percursos realizados pelo Grupo I e pelo Grupo II.

3.1 A escola e o bairro

Peregrino (2010), com base nas formulações de Bourdieu e Passeron, entende que dentre outras funções “à escola (dentre outras instituições) cabe a reprodução das relações sociais de produção” (Peregrino, 2010, p. 55).

Como as relações sociais de produção envolvem também a produção do próprio espaço (Lefebvre, 2013), e este enquanto produto de relações sociais, contém os diferentes modos de produção e “não somente a produção material, mas também de vida, de cultura, do modo de ser urbano” (Alves, 2019, p. 552), entendemos que no contexto do espaço urbano, a escola não apenas assume o papel de espaço reprodutor, mas de lugar de encontros, conhecimento e agência de direito à cidade.

Neste sentido, pensar os processos de produção e reprodução do espaço na escala do lugar seria importante quando este se constitui no espaço vivido dos estudantes. De modo que sua compreensão deve considerar os processos globais e seus desdobramentos sobre a esfera do vivido.

Assim, bairro e escola constituem recortes possíveis para análise dentro do processo de (re)produção espacial, pois na escala microlocal constituem “espaços passíveis de serem experienciados intensa e diretamente no cotidiano” (Souza, 2013, p. 203).

Para Carlos (2007), no contexto das metrópoles, os bairros se constituem em lugares que tornam possíveis experiências mais imediatas dos indivíduos com a cidade.

é o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas...são os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito ao seu cotidiano e ao seu modo de vida, onde locomove, trabalha, passeia... (Carlos, 2007, p. 18).

Do ponto de vista das práticas e usos do espaço, os bairros podem se apresentar de maneira objetiva ou mesmo subjetiva, revelando conteúdo composicional (composição de classe, morfologia espacial), interacional (relações sociais) e simbólico (espaço vivido e percebido), como sugere Souza, 2013.

Para Vogel e Mello, a apropriação do espaço faz parte da dimensão do vivido e das experiências cotidianas, sendo as práticas espaciais reveladoras de teorias implícitas, “cuja a formulação se dá a partir de um sistema classificatório dos espaços e das atividades”, e que define determinado “aproveitamento do lugar” (Vogel e Mello, p.294, 2015).

Ainda, para os autores, “há nas cidades “espaços construídos fechados e, mais ou menos privados (casas, lojas, oficinas, escolas, igrejas, clubes), ao quais se opõe ao espaço aberto, de uso coletivo (largos, ruas calçadas, esquinas)”. (idem)

Neste sentido, pensando no contexto da cidade, as relações entre a escola e o bairro encontram-se atravessadas por diferentes questões, conflitos e representações do espaço urbano que se estruturam a partir de diferentes práticas.

Em Lopez (2008), a educação possui uma clara base territorial que é dada pela articulação dos diferentes fatores da vida social, política ou cultural, que interferem no modo como a escola se relaciona com os estudantes e vice-versa. Para o autor

as crianças que as escolas educam são cada vez mais heterogêneas, da mesma forma que são portadoras de recursos e disposições que expressam o conjunto da comunidade em que vivem, da sua vizinhança (Lopez, 2008, p. 344).

Ainda em López (2008), a democratização da educação e da escola pública fez com que sujeitos historicamente excluídos do acesso ao ensino, hoje inseridos nas escolas, colaborem para um cenário cada vez mais heterogêneo, tanto do ponto de vista socioeconômico quanto cultural.

Para concluir esta seção algumas considerações devem ser feitas acerca da atividade que foi desenvolvida. A primeira delas envolve o “sair da escola”. Ao que parece, há uma tendência ao “enclausuramento” que hoje envolve as instituições de ensino formal na cidade, principalmente a escola.

O enclausuramento diz respeito ao distanciamento em relação ao seu entorno imediato, negando a importância da relação entre a escola e o bairro no processo educativo. À escola, o bairro lhe parece um corpo estranho e ameaçador.

Partindo deste pressuposto, caminhar pelo bairro com grupos de estudantes suscita receios e preocupações por parte da instituição, sendo necessário que o planejamento dos trajetos fosse baseado em locais “conhecidos” e “menos perigosos” de acordo com critérios mais ou menos objetivos, ainda que posteriormente o trajeto das caminhadas tenha sido alterado pelos próprios estudantes.

Além disso, mudanças no calendário escolar e na rotina de funcionamento da instituição devem ser considerados para a realização das atividades, principalmente quando o pesquisador envolvido atua ao mesmo tempo como professor.

Como a atividade envolve a caminhada, a observação e o relato, é necessário que seja desenvolvida com grupo reduzido de estudantes, considerando que as ambiências da cidade interferem na escuta e no registro por parte do pesquisador.

Por fim, a caminhada pelo bairro se apresenta como uma importante ferramenta de pesquisa no campo educacional por desvelar as dinâmicas entre sujeito, espaço vivido e escola, considerando que os estudantes se constituem em verdadeiros elos entre cidade, bairro e escola.

3.2 Percursos propostos, percursos sugeridos e figuras de percurso.

A caminhada pelo bairro aconteceu com dois grupos em diferentes dias e horários. Com o Grupo I, composto por cinco estudantes oriundos da rede privada de ensino, a caminhada ocorreu no dia 31/07/2023, no período matutino, com início às 9:30 e término às 11:00. Já com o Grupo II, composto por sete estudantes oriundos da rede pública de ensino, a caminhada aconteceu no dia 10/08/2023, no período vespertino, com início às 13:30 e término às 15:45.

A definição dos dias e horários para a realização da atividade necessitou de ajustes, em função de alterações no calendário escolar, bem como da autorização dos responsáveis e da direção. Assim, embora a metodologia de percurso comentado exija um certo número de repetições, considerando e adaptando-a ao contexto escolar, foi possível realizar única caminhada com cada grupo.

Inicialmente foi elaborado itinerário de percurso, que foi apresentado aos participantes no momento inicial de cada caminhada. A predefinição do percurso foi elaborada de acordo com referências socioespaciais do pesquisador em relação ao bairro. Assim, considerei a escola com ponto de referência e ancoragem, ou seja,

onde se iniciou o percurso. Como ponto de chegada, defini a Praça de Éden, local onde se localiza a maior parte do comércio, a rodoviária e onde há uma quantidade maior de transeuntes. O caminho deveria ser percorrido tendo como referência o trecho da linha férrea que corta o bairro.

No momento inicial de cada percurso, solicitei aos estudantes que fizessem sugestões de caminhos para além do que estava sendo proposto. Os dois grupos sugeriram alterar o percurso inicial. Esse momento foi importante, pois a alteração do percurso permitiu identificar a circulação pelo bairro como um elemento relevante para a análise das diferentes práticas e usos do espaço. Também foi importante porque permitiu identificar diferentes valores e atitudes dos estudantes em relação ao lugar.

A leitura do mapa (Figura 43) ilustra a diferença de trajetos escolhidos pelos grupos durante o percurso. Os percursos realizados pelos estudantes levaram em consideração espaços com os quais estes possuem maior familiaridade.

Assim, na próxima sessão propomos a análise dos percursos realizados baseada nos seguintes aspectos: circulação, práticas, usos e representações do espaço do bairro.

Para auxiliar na análise dos percursos foram construídos mapas inspirados na tipologia de figuras de percurso, sugeridas por Thibaud (2013). Para o autor, as figuras de percurso permitem a tipificação dos fluxos dos pedestres de acordo com a “complexidade do trajeto, ritmo e postura do passante, tipo de caminhada e atitude, número de sequência que compõe o percurso, natureza da atividade, forma espacial e duração do trajeto” (Thibaud, 2013, p. 108).

Para esta análise, considerei tais critérios sugeridos pelo autor para analisar então a circulação, as práticas, os usos e as representações do espaço no entorno da escola. Considero que estes aspectos podem nos ajudar a melhor compreender as experiências dos jovens com a cidade, em contexto local.

Figura 39 - Percurso proposto e percurso realizado.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 40 - Tipologia e figuras de percurso.

Figuras de percurso	Tipos de presença	Dinâmica dos fluxos	Representações
Avanço rápido	Fluidez	Grande movimento do conjunto	→
Trânsito curto	Polarização	Ligação entre dois corredores	⌞—⌞
O eixo do trajeto	Ancoragem	A partir de um ponto de orientação	↘↗
Território de espera	Ociosidade	Ocupação ampla	⌵
Progressão casual	Desenvoltura	Avanço lento e flutuante	~
De pausa em pausa	Moderação	Aproximação por etapas	—●—●—●—
Curiosidade na passagem	Disponibilidade	Passagem ornada de atrativos	—/—/—/—
Corrida de obstáculos	Prova	Múltiplas rupturas dos ritmos e modos de andar	— — — — —

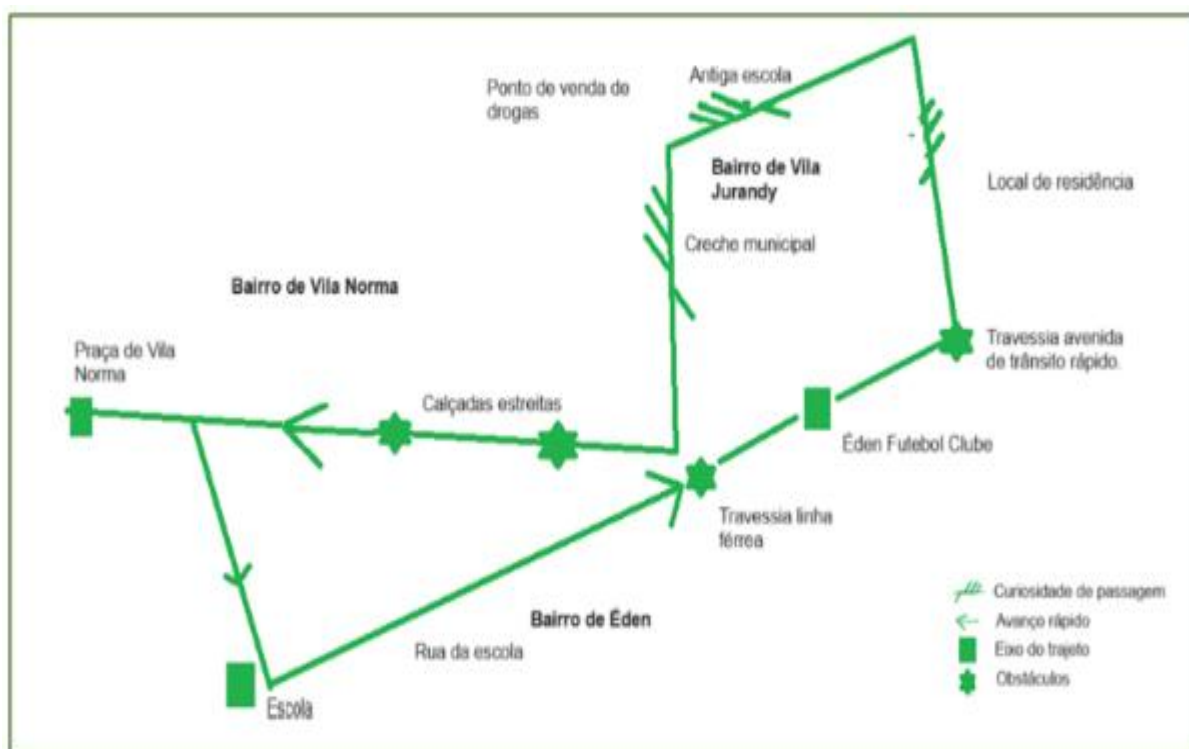
Fonte: Thibaud, 2013, p. 109

3.3.1 Grupo I

De acordo com a observação da figura 41, é possível perceber que a circulação do grupo se concentrou próximo ao entorno da escola. Na fala dos participantes, a razão para a escolha deste trajeto envolveu a proximidade com os locais de moradia e a casa de alguns amigos. Assim, pensando as figuras de percursos, temos a seguinte tipificação do trajeto realizado pelo Grupo I.

O percurso apresenta baixo grau de complexidade, dado que a circulação esteve restrita à escola e aos lugares de moradia. Não parece haver, na fala dos participantes, uso frequente das ruas ou praças como espaços de lazer e socialização, a circulação pelo bairro se dá principalmente quando realizam o trajeto casa-escola (Figura 42 – anexos) ou quando realizam algumas atividades ligadas ao consumo, possíveis de serem supridas no comércio local.

Figura 41 - Figuras de percurso - Grupo I.



Fonte: O autor, 2024.

Figura 43 - Preparação para a caminhada



Fonte: O autor, 2023.

Figura 44 - Início da caminhada - Grupo I



Fonte: Do autor, 2023

Na elaboração do trajeto houve preocupação com referenciais objetivos que localizam o bairro, como o nome das ruas. O trajeto é realizado de forma linear, os elementos referenciados dizem respeito ao comércio local, a praça e a linha do trem, por onde precisa atravessar para chegar à rua da escola.

No geral, a pouca frequência as ruas e praças parte da proibição dos pais, e se reflete na fala dos participantes sobre o medo de andar pelas ruas do bairro e associação da rua com aspectos negativos.

As praças aparecem como local de consumo (lanches, em geral) aos finais de semana em período noturno. A mesma praça foi escolhida como destino do trajeto pelos participantes, que ao chegarem no local e aproveitando a ocasião utilizaram algumas instalações para entretenimento.

Na tipificação do percurso, há o predomínio da figura de avanço rápido, caracterizado pela “ausência de acontecimentos relevantes ou cenas notáveis” (Thibaud, 2013, p. 109), durante a maior parte da caminhada, o que também pode ser ilustrado pelos mapas de trajetos elaborado pela maior parte dos grupos.

Em alguns momentos a caminhada foi interrompida por alguns obstáculos (Figura 45), dentre os quais podemos citar as ruas não sinalizadas e a linha férrea que corta a avenida e por onde caminhar merece atenção redobrada. A presença de buracos e calçadas e o aspecto arquitetônico do bairro foram observados e relatados pelos participantes como elementos que dificultam e desestimulam a circulação pelas ruas. Assim, “longe de serem fluidas ou contínuas, as caminhadas muitas vezes são submetidas a múltiplas rupturas do ritmo e do modo de andar” (idem, p.107).

O trajeto se apresenta de forma linear. As ruas e avenidas indicam apenas locais de passagem. O clube de futebol do bairro é representado como referência do trajeto (Figura 46 – anexos). Na escola, no clube e em casa, nota-se a presença de vegetação, contrastando com as ruas vazias e sem referenciais.

Em determinados trechos da caminhada surge a figura “curiosidade de passagem”, que marca a presença de signos ou sinais no espaço tornando o percurso “mais atraente e cativante” (idem), como o local de moradia de um dos participantes, sua antiga escola, e também a experiência negativa relatada por duas jovens ao entrarem por uma rua “errada” e se deparar com ponto de venda drogas.

Figura 45 - Passagem por obstáculo - Grupo I.



Fonte: O autor, 2023.

Ainda, durante o percurso tivemos a oportunidade de conhecer o clube de futebol do time local, “Éden futebol clube” (Figura 47). A rápida visita foi sugerida pelos próprios estudantes que relataram nunca ter conhecido o interior do local. Um dos estudantes que mora próximo ao clube, relatou que adentrou o local uma única vez, quando mais novo, mas que nunca participou de atividades promovidas no clube.

O clube, que foi fundado em 1938 (Figura 48), desde então com sede no bairro, conta com um amplo espaço onde são realizadas partidas de futebol (torneios locais, disputas amadoras e outros eventos comunitários) e onde também são realizados eventos privados e/ou abertos a comunidade. Moradores mais antigos do bairro relatam que no passado aconteciam grandes festas e eventos no local, atraindo pessoas de vários municípios da Baixada e do Rio.

Figura 47 - Éden Futebol Clube.



Fonte: Do autor, 2023.

Legenda: Visita ao Éden Futebol Clube

Figura 48 - Travessia de obstáculo na avenida Pres. Kennedy, saída do Éden Futebol Clube - Grupo I.



Fonte: O autor, 2023.

Em determinado trecho da caminhada um dos estudantes fez uma observação a respeito de uma determinada creche municipal do bairro. Ele relatou que certa vez sua mãe havia tentado matricular sua irmã na creche, mas que não conseguiu, porque receberam a informação de que as 200 vagas restantes estavam reservadas para um determinado vereador do município.

Ao longo do percurso, o grupo fez bastante observações sobre o comércio (Figura 49). Relatavam a presença da grande quantidade de comércios como algo positivo, em contrapartida às condições precárias de infraestrutura e segurança no bairro.

Questões de infraestrutura e segurança no bairro foram apontadas pelos estudantes que relataram sair poucas vezes de casa, apenas para ir à escola ou então para visitar a casa de alguns amigos. Todos informaram não frequentar muito as ruas e as praças por proibição dos próprios pais. Observaram também que no período noturno as ruas estão menos movimentadas, o que gera maior sensação de insegurança.

Como aponta Jacobs (2011) “se as ruas da cidade estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo”. No entanto, “quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas”. (Jacobs, 2011, p. 31).

Um dos estudantes, quando perguntado sobre o que achava do bairro, respondeu *“eu acho bom, não muito à noite, porque aqui a segurança...não é muito assim”, né...mas é bom* (...17 anos).

Ao chegarmos no bairro de Vila Norma (Figura 50), local de moradia de uma das estudantes, esta relatou que sua mãe dizia que, no passado, o bairro era menos ocupado, e havia mais espaços, as ruas eram pouco asfaltadas e as crianças, inclusive ela, tinham mais acesso às ruas. Segundo a mesma, *“antigamente não era tão perigoso como atualmente*”. (...16 anos)

De acordo com Souza (1989) os moradores de uma cidade não encaram o bairro da mesma maneira. Como sugere o autor, diferenças de classe, faixa etária e ocupação são capazes tanto de agregar diferentes valores ao bairro, como valores semelhantes.

Figura 49 - - Parada e observação do comércio local - Grupo I.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 50 - Parada na Praça de Vila Norma.



Fonte: O autor, 2023.

Perguntei a eles se no bairro ocorriam confrontos, tiroteios entre facções e uma das estudantes respondeu que seria *“mais para o outro lado do rio (Sarapuí), mas ali a polícia não entra muito porque sabe que têm barreira...para a polícia não conseguir fazer perseguição”*. (...16 anos).

Perguntei ainda se o local se tratava de uma favela e uma das estudantes respondeu que sim, e que também haviam outras favelas no bairro, como a Bacia de Éden. Perguntei então o porquê eles consideravam estes lugares como favelas *“porque lá é muito perigoso, tem ponto de venda de drogas”*, respondeu uma das estudantes.

Durante a roda de conversas, os questionei sobre o que costumam fazer nos momentos de lazer. Um dos estudantes falou sobre o Sesc, que funciona no centro de São João de Meriti, mas ressaltou também certa burocracia para utilização do mesmo. Disse que é a única área de lazer que parece existir em São João, além do shopping Grande Rio, que “eles” costumam frequentar.

Sobre as praças e ruas do bairro, a maioria dos estudantes responderam que frequentam à noite e durante os finais de semana com o objetivo de lanchar, apenas. Os questionei se usar a rua como área de lazer seria algo ruim e uma das estudantes respondeu que *“Aqui na Baixada consideram que uma pessoa que tá andando na rua, que não está fazendo o que tem que fazer e não tá estudando. Eles consideram que assim, tá muito na rua não tá fazendo o que tem que fazer”*. (...17 anos).

Há desta forma uma associação da rua com a ideia de local de passagem e ao mesmo tempo perigo. Um dos participantes, quando perguntado sobre os jovens do bairro que frequentam e fazem uso das ruas e praças como locais de lazer respondeu que *“eles têm um ritmo de vida diferente do que a gente tem. Eles gostam muito de usar...coisas ilícitas, ir para bailes funk...”*.

Quis saber se ele nunca já havia frequentado algum baile *funk*, e o mesmo respondeu que não. E continuou *“...eles têm muito assim, ritmo, sabe! Eles parecem que, eu não sei como é a relação com a família, mas eles parecem que vivem mais na rua do que na escola ou dentro de casa”*. (...17 anos).

Questionados se a violência seria motivo para não circular em determinados locais do bairro, um dos estudantes respondeu que *“adentrando a Vila Jurandy”*. Os motivos seriam a boca de fumo, o tráfico e os confrontos quando de incursões policiais no local. *“Não é um lugar legal de ser frequentado”*. Outra estudante reiterou que *“não é um lugar bonito, não é um lugar seguro...”* (...17 anos).

Ainda durante a caminhada, um dos estudantes fez observações a respeito do aspecto arquitetônico de algumas casas, que segundo ele chamam a atenção por serem casas muito antigas. Outro disse que não viu muita diferença de uma casa para outra, que todas são *“meio parecidas, meio que nenhuma se destaca...”* Disse não achar as casas muito feias, e que a impressão que tem é que *“as casas foram construídas pelos próprios moradores”*. (...17 anos).

De fato, como visto no primeiro capítulo desta, o processo de ocupação do município foi marcado pela predominância da autoconstrução, incluindo a construções de redes de esgoto improvisadas pelos próprios moradores.

Durante a roda de conversas, quis saber se eles gostavam do bairro e se pretendiam continuar morando no local futuramente. O grupo foi unânime em responder que pretendem se mudar do bairro e também do município.

Sobre a relação das pessoas com bairro onde vivem, Limonada e Randolph (2002) apontam que

as pessoas de alta renda comumente expressam satisfação, o que não é de surpreender pois estão onde estão por sua própria escolha e dispõem de meios para melhorar a qualidade do seu bairro. As pessoas de menor renda são menos entusiastas: as razões dadas porque gostam de sua área tendem a ser gerais e abstratas, ao passo que as razões dadas por não gostarem são mais específicas e concretas. (Limonad e Randolph, 2002, p.249)

Assim, em relação ao Grupo I, em uma tipificação mais geral, poderíamos concluir com a figura de trânsito curto, “uma vez que convoca a um trajeto bastante limitado” (Thibaud, 2013, p.110), revelando uma dimensão mais objetiva das práticas e usos do espaço: ir à escola, a casa do amigo, comprar lanches, etc. O bairro possui assim um caráter mais objetivo ligado a realização de atividades cotidianas.

Na visão do grupo, ambiência do bairro caracteriza-se por monotonia e clima de insegurança, não tendo muito a oferecer em termos de oportunidades, lazer e manifestações culturais.

Embora a circulação pelo bairro se apresente restrita, os participantes do grupo relataram conhecer e circular por outros espaços da região metropolitana, incluindo a capital e a própria Baixada Fluminense. No geral, a circulação tem como objetivo a busca por lazer (teatro, museus...) e casa de amigos e parentes. Também no grupo, alguns relataram circular por outros municípios mais distantes, como Cabo Frio, Arraial do Cabo e Rio das Ostras, para fins de lazer durante férias e visitas a parentes.

A representação do bairro, ao que parece vincula-se a aspectos negativos, tais como a precariedade de infraestrutura e de equipamentos urbanos, ausências,

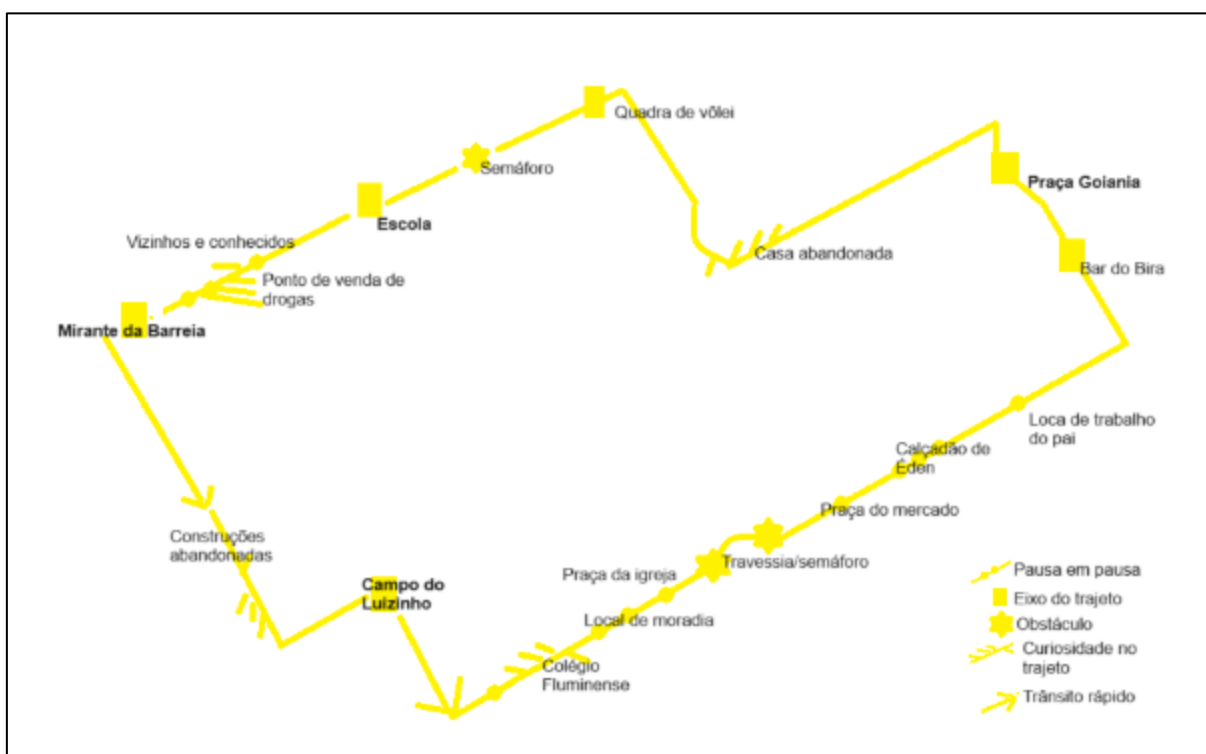
pobreza e violência. A relação com a escola, portanto, é um dos principais elos de articulação com o cotidiano do bairro.

A escola também aparece como espaço de socialização, onde as famílias se sentem mais seguras, e onde também haveriam garantias de ascensão profissional e social, incluindo a possibilidade de futuramente mudar-se do bairro e do próprio município.

3.3.2 Grupo II

Como pôde ser observado através da figura de percurso realizada pelo grupo (Figura 51), o trajeto realizado abrange uma área maior, afastando-se inclusive do entorno da escola. A tipificação do percurso revela eixos de trajetos mais estruturados no entorno de lugares ligados ao lazer, locais de moradias e curiosidades de passagem, como praças, comércio local, bares...

Figura 51 - Figura de percurso - Grupo II.



Fonte: O autor, 2024.

Em diversos seguimentos, o percurso assume a figura da pausa, revelando situações e/ou acontecimento de interesse envolvendo os lugares, como local de

moradia em uma comunidade, onde certa vez uma estudante relatou ter passado por situação de risco em função de confronto armado entre traficantes e policiais.

As pausas também trouxeram à tona a memória de lugares que num passado não distante serviam de ponto de encontro no bairro, ou evocavam lugares importantes e conhecidos – como um tradicional colégio (privado) do bairro que realizava eventos integrados com a comunidade e que fechou as portas no último ano.

Na elaboração do mapa de trajeto casa-escola (Figura 52 – anexos), a estudante especificou que às vezes vai a pé e às vezes prefere ir de ônibus. O trajeto a pé é realizado seguindo quase todo o percurso por caminho reto. Já o percurso de ônibus é realizado por um trajeto maior, porém, no mapa o trajeto feito a pé apresenta maior número de detalhes, tendo em vista que foram marcados diversos pontos de referência no bairro.

Um dos destinos escolhidos pelo grupo foi uma comunidade chamada Barreira (Figura 53). O nome do local é bastante sugestivo por tratar-se de uma localidade que tem a vertente à beira de um penhasco e de onde é possível ter uma visão panorâmica de parte dos municípios e bairros do entorno.

Trata-se de um território controlado pelo tráfico. Na entrada da comunidade há a presença do tráfico de drogas e barricada, como especificado por um dos estudantes na elaboração do mapa de trajeto casa-escola (Figura 54 - anexos). Perguntei a uma das estudantes se não haveria perigo de passar pelo local, e a mesma respondeu que todos ali se conhecem, alguns moram, outros possuem amigos. Seguimos até o ponto de destino.

Chegando ao local alguns estudantes chamaram a atenção para a presença de muitas casas abandonadas contendo rachaduras nas paredes. Segundo relataram, as famílias haviam saído das casas em função dos riscos de deslizamentos de terra em épocas de chuvas mais fortes.

De fato, a localidade possui visão panorâmica de parte do bairro e municípios vizinhos, porém as condições de conservação encontram-se bastante precárias, é comum a presença de lixo e matos excessivos no local. Alguns estudantes relataram gostar bastante do lugar apesar das questões que este envolve.

Figura 53 - Vista da Barreira.



Fonte: O autor, 2023.

Uma das estudantes disse considerar o local como um patrimônio. Perguntei o que ela considerava por patrimônio e a mesma respondeu “*ser algo que sempre vai estar ali!*” (...17 anos). A localidade, em sua visão, seria uma referência no bairro e da qual os moradores, apesar dos problemas, gostam do local.

Outro estudante apontou que a localidade poderia ser um ponto turístico no bairro e que a presença de pessoas fazendo uso de drogas no local não causaria nenhum desconforto aos moradores já estes estariam “*acostumados*” (...17 anos).

Sobre o aspecto mencionado, Limonad e Randolph (2002) sugere que, ao contrário do visitante, o morador do bairro, através da familiaridade, engendra aceitação e até afeição em relação ao bairro, pois “suas atitudes são complexas e derivam de imersão na totalidade de seu meio ambiente” (Limonad E Randolph, 2002, p. 72)

As figuras de trânsito rápido aparecem em locais pontuais, geralmente após uma parada (eixo do trajeto), acompanhadas por curiosidades do trajeto e períodos de pausas.

Após a parada no “mirante da Barreira”, perguntei qual caminho poderíamos fazer até a praça de Éden. Um dos estudantes sugeriu que fossemos até o Campo do

Luizinho (Figura 54) e de lá seguíssemos até a Praça da Igreja. O Campo do Luizinho é uma quadra de futebol de areia, bastante espaçosa e onde ocorrem campeonatos e torneios. O local também é bastante referenciado entre os estudantes e moradores como lugar de festas e eventos comunitários.

O campo do Luizinho e a praça de Éden apareceram em quase todos os mapas de trajeto casa-escola, evidenciando forte referenciais afetivos destes locais com a vida no bairro.

Saindo do Campo do Luizinho em direção à Praça de Éden (Figura 55), uma das estudantes, que é moradora de uma localidade próxima chamada de Castelinho, relatou que certa vez teve a “*oportunidade*” de presenciar um tiroteio enquanto voltava para casa, e que essa foi a única situação de perigo que passou sendo moradora do local. Ao passarmos próximo a entrada do Castelinho, a mesma apontou para uma barricada, mostrando os limites da comunidade onde começava e terminava.

Figura 54 - Caminhada em direção ao Campo do Luizinho – Grupo II.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 55 - Caminhada em direção à Praça de Éden.



Fonte: O autor, 2023.

Ao chegarmos a Praça de Éden, rapidamente alguns deles disseram “*essa aqui é a praça onde a gente fica*” referindo-se à Praça da igreja (Figura 56). Perguntei então se eles frequentavam a Praça do mercado, e responderam que somente durante o dia “*pra comprar lanches!*” (...19 anos).

Figura 56 - Vista da Praça da Igreja - Grupo II.



Fonte: O autor, 2023.

A Praça do mercado concentra a maior parte do comércio no bairro (Figura 57 e 58). É um subcentro de comércios. Nela encontram-se um hipermercado, lojas de ferramentas, papelaria, bares. O público frequentador da praça geralmente possui faixa etária mais avançada ou crianças acompanhadas dos pais.

Nas ruas intermediárias pode-se observar a presença de comércios de roupas e lanches, bem como moradias, como elaborado por um dos estudantes no mapa de trajeto casa-escola (Figura 59 – Anexos). Algumas casas próximas à praça apresentam faixadas arquitetônicas ao que parece mais antigas. Algumas possuem quintais com árvores e jardins.

Na chamada praça do mercado, uma das estudantes relatou que certa vez, ao frequentar o mercado localizado na praça foi perseguida e acusada de roubo por um dos seguranças. Em sua opinião, o episódio teria sido motivado por racismo. Durante a roda de conversas, a mesma estudante relatou já ter passado por situações semelhantes em outros lugares da cidade, geralmente *shoppings* e mercados.

Na ocasião da conversa, dois estudantes do sexo masculino relataram também que são frequentemente abordados pela polícia no bairro, e que geralmente são os mesmos policiais. Relataram também já teriam sofrido perseguição motivada por racismo em mercados e *shoppings* do bairro e do município.

Ainda na Praça de Éden, sugeri o retorno para a escola seguindo caminho pela linha do trem. Dois estudantes indicaram seguirmos o caminho de volta pelo calçadão de Éden em direção à Praça Goiânia, e de lá seguiríamos por um trecho da linha férrea até a escola. Perguntei se todos estariam de acordo e como a resposta foi positiva, seguimos pelo calçadão.

Figura 57- Aspecto do comércio local no calçadão de Éden.



Fonte: O autor, 2023.

Figura 58 - Trecho do calçadão de Éden – Grupo II.



Fonte: O autor, 2023.

Ao longo do trecho duas estudantes observaram que no bairro, inclusive nas imediações das praças haviam muitas igrejas, principalmente igrejas evangélicas.

Outro estudante observou que no geral as igrejas evangélicas são recentes, enquanto as poucas igrejas católicas seriam mais antigas.

A caminho da Praça Goiânia, paramos, por sugestão de dois estudantes, no Bar do Bira, onde fizemos uma pequena pausa para descanso devido ao sol forte. Na ocasião consumimos refrigerantes. Perguntei por que eles sugeriram o bar, e me responderam que é onde o refrigerante é mais barato e por ficar mais próximo à praça. O amplo espaço do bar e as mesas e cadeiras na calçada também foram mencionados como pontos positivos do local.

A Praça Goiânia (Figura 60) é bastante conhecida pelos jovens da região. Em atividades nas aulas de Geografia o local foi bastante referenciado em mapas e na fala dos estudantes. Uma moradora mais antiga e funcionária da escola relatou que há alguns anos atrás a praça era o *point* dos jovens, que se reuniam para conversar, namorar e ouvir música, mas que atualmente o movimento caiu em função da violência e que algumas execuções teriam ocorrido no local.

A praça é rodeada por moradias, possui poucas árvores e basicamente restringe-se a quadra, sendo rodeada por duas ruas principais construídas para a circulação de automóveis. Certa vez uma funcionária da escola relatou que moradores do local acionaram, por diversas vezes a polícia, por conta das festas e do som alto promovida pelos frequentadores da praça.

Durante a rápida passagem pela referida praça, alguns relataram que frequentam a praça com regularidade, mas que o movimento havia “caído” justamente por conta de episódios de violência e pela proibição de eventos por parte da polícia e reclamação dos moradores.

Após pequena pausa na praça, seguimos, novamente por sugestão dos estudantes, por rua intermediária que dá acesso à linha férrea, próximo à rua da escola. Em determinado trecho, uma estudante apontou para uma casa com aspecto arquitetônico mais antigo e pouco conservado, e disse não gostar da casa, que sente medo ao passa em frente. Perguntei o motivo e ela disse que ali vivia uma senhora já de idade avançada, e que pouco ou quase nunca era vista na vizinhança, e que por isso as pessoas teriam medo dela, associando-a à determinados rituais religiosos.

Figura 60 - Vista da Praça Goiânia.



Fonte: O autor, 2023.

Descendo pela rua em direção a linha férrea encontramos um grupo de mais ou menos 10 (dez) jovens, todos alunos e ex-alunos da escola. Eles jogavam vôlei em uma quadra (Figura 61) recentemente construída às margens dos trilhos. Perguntei quem havia construído a quadra e alguns não souberam responde. Outros disseram que a quadra teria sido construída por um morador do local que também era vereador municipal. Paramos para cumprimentá-los e seguimos em direção a escola, nosso destino final. A referida quadra, assim como as praças e a linha férrea aparecem nos mapas de trajeto produzidos pela maioria dos estudantes, tanto do Grupo I quanto do Grupo II.

Figura 61 - Vista do campo de futebol às margens da linha férrea.



Fonte: O autor, 2023.

De forma geral, os estudantes não mencionaram situações de perigo como fatores limitadores de seus deslocamentos pelo bairro, embora alguns episódios de assaltos ou confrontos tenham aparecido em suas falas. Em certa ocasião, uma das estudantes disse se sentir mais segura dentro da favela onde mora do que fora dela. Outro estudante concordou que sim.

Na fala de alguns há diferenciação recorrente entre o bairro e a favela onde moram. O Bairro seria uma referência espacial mais ampla, local de circulação e consumo, enquanto a favela seria o local de moradia, marcado por relações de vizinhança e maior sentido de pertencimento. Quando perguntados sobre o porquê consideram os seus locais de moradia como favelas, alguns responderam que seria uma comunidade, negando até certo ponto o uso do termo favela.

Perguntei então o que seria uma favela e na fala de alguns *“a favela são as pessoas”* ou que a favela estaria relacionada ao modo de vida que a define como tal, sendo *“diferente da cidade”*. Perguntei então se a favela não fazia parte da cidade, e um dos estudantes relatou que *“para as pessoas de fora, a favela é um outro mundo, uma realidade totalmente diferente. É um minimundo”*. (...17 anos).

Outro estudante relatou que diferente da cidade, a favela é um espaço isolado pela falta de infraestrutura, pelas incursões violenta da polícia, pelas condições de vida, e pelo fato de *“as pessoas cometerem crimes e acharem que é normal”* (...17 anos).

Na fala de alguns, há uma diferença fundamental entre a favela e a cidade, que seria marcada pela diferença de tratamento dada pelo poder público, incluindo a polícia. Para uma estudante, *“o tráfico existe em todos os lugares...”*, mas em uma favela, onde a maioria da população é pobre e negra, o tratamento dado pela polícia seria diferente, mais violento.

Outro ponto observado durante a caminhada e posteriormente relatados na roda de conversas foi o reconhecimento, por parte dos estudantes dos problemas de infraestrutura urbana e sociais do lugar, no entanto, demonstram bastante afeição pelo mesmo.

Durante a roda de conversa, perguntei se havia o desejo, por parte de alguns deles de mudar de bairro ou cidade, tendo em vista problemas apontados. Como já apontado por Souza (1989), a forma como um bairro é visto por seus moradores ocorre de maneira diferenciada a depender de fatores variados. Assim

o desejo e a possibilidade de mudar de bairro; a maneira como se vivencia o bairro onde se mora, como ele é visto, a imagem que dele se tem; a participação ou a não-participação dos indivíduos junto aos problemas e à vida do bairro; tudo isto está condicionado por uma dialética entre fatores objetivos - proletário/burguês, antigo no bairro/recém-chegado, inquilino/proprietário, jovem/velho -e valorações diferenciadas -vinculadas à diversidade de vivências da objetividade historicamente produzida. A apreciação dessa dialética é fundamental para se avaliar, sem parcializações, os vários tipos e os distintos níveis de participação na vida do bairro. (Souza, 1989, p.152)

Três dos estudantes responderam que sim, mas que a motivação não seria o lugar em si, as pessoas, mas as condições gerais de infraestrutura e acesso. Dois, ao contrário, responderam não ter interesse em se mudar do bairro.

Neste sentido, o desejo de mudar do bairro teria como motivação fatores objetivos, dada a precariedade de infraestrutura e serviços, e ao mesmo tempo (in)subjetivos marcados por vivências afetivas com o mesmo.

As ruas e as praças parecem ser os locais de lazer mais frequentados por estes estudantes no bairro, tanto dos meninos quanto das meninas. No entanto, as experiências se diferem em função do gênero e da etnia. Durante a roda de conversa,

três estudantes do sexo feminino relataram situações de assédio nas ruas do bairro, no transporte público e até mesmo dentro de uma igreja.

Assim, é possível perceber que as experiências individuais se diferem, mas encontram pontos em comuns quando se trata de fatores específicos, como gênero, local de moradia, raça e renda, o que poderia constranger a circulação e as experiências desses jovens com e na cidade.

Uma das estudantes, que também é *rapper* e apresentadora de rodas de rimas, diz que em função dessas atividades circula por diversos espaços do município e da capital, incluindo outras favelas e bairros. Diz também que por ser mulher, negra e pelo seu jeito de se vestir já sofreu constrangimentos por parte da polícia ou assédio de homens nas ruas.

A partir da leitura e análise, as práticas e usos do espaço do bairro estão mais relacionados ao lazer, sendo as experiências marcadas por relações de proximidade e afeto, o que Souza (1989) denominou de *Bairrofilia*, que seria “a afeição ou apego ao bairro”, (Souza, 1989, p.50)

No contexto do bairro, a escola foi pouco referenciada pelo grupo, sua representação se fez presente em mapas de trajeto casa-escola ou no relato de acontecimentos que teriam ocorrido durante o trajeto.

Figura 62 - Término da caminhada com o Grupo II - CIEP 397 Paulo Pontes.



Fonte: O autor, 2023.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada teve a pretensão de investigar e analisar as experiências de jovens estudantes com a cidade e na cidade, considerando as diferentes problemáticas no espaço urbano, e que atravessam o cotidiano dos indivíduos que habitam o espaço metropolitano da cidade do Rio de Janeiro, em particular na Baixada Fluminense, que como visto é um espaço marcado por intensa fragmentação do cotidiano e da vida.

Considerando as experiências individuais e dos grupos foi possível constatar que fatores como renda, gênero, idade, raça e trajetória escolar influenciam significativamente na relação destes jovens com o bairro, com a escola e com a cidade.

No primeiro grupo, observou-se também que as limitações em relação a circulação no bairro estão associadas a representações vinculadas a violência e onde supostamente não haveria “*nada de interessante pra fazer*”. Tal representação, ao que parece é reforçada pelas famílias que impõe restrições a circulação destes jovens pelo bairro e, em escala maior ao fato de que nas cidades atuais a noção de lazer está relacionada a mercantilização e consumo de determinados espaços, como os *shoppings*.

Durante a roda de conversas com o Grupo I, um dos participantes mencionou que além da própria casa e da casa de alguns amigos, seu principal local de frequência era a escola, percebida por ele como um espaço de possibilidade, que proporcionaria melhores condições de vida, e que permitiria a mudança, não apenas em relação a condição social, mas também em relação ao lugar, ou seja, a melhora nas condições de vida permitiria a mudança para outros espaços da cidade.

Em relação ao Grupo II, as observações e relatos apontam para relações de sociabilidade marcadas por maior proximidade afetiva com o bairro (*Bairrofilia*), tendo em vista que durante o percurso os participantes fizeram diversas paradas para cumprimentar conhecidos (vizinhos, amigos, parentes...), além de relatos ligados a experiências consideradas positivas no lugar. Tal aspecto teve como resultado observações e relatos de memórias acerca de experiências positivas em relação ao bairro.

Também em relação ao relato do Grupo II sobre experiências negativas vivenciadas no bairro, estas apareceram vinculadas a situações de racismo, assédio sexual e confrontos armados, que foram vivenciadas por alguns dos participantes.

Os usos do espaço estão, no segundo grupo, mais relacionados ao lazer e ao encontro com amigos. As praças e a frequência a festas e às ruas aparecem como espaços de lazer e socialização possíveis.

Em relação à escola, esta aparece como espaço de encontro entre os amigos e colegas, embora em alguns momentos tenha sido evidenciada por alguns devido aos seus aspectos normativos e disciplinadores, sendo que a permanência dos estudantes na escola é condicionada pelas famílias e pela necessidade de aquisição do diploma como forma de inserção no mercado de trabalho e melhoras das condições de vida. Como mencionado durante a pesquisa, as mudanças pelas quais a escola vem passando nos últimos anos (provocadas pela reforma do Ensino Médio e implantação do Ensino Médio Integral), poderia estar relacionada também a uma possível mudança de perfis dos estudantes que procuram a instituição, tendo em vista que o Ensino Médio Integral demanda disponibilidade de tempo, impossibilitando a alguns a realização de trabalhos no contraturno, sendo muito comum que nos últimos anos diversos estudantes tenham solicitado transferência para escolas de meio período.

As questões que envolvem a precariedade de infraestrutura urbana no bairro, a violência e as questões sociais foram relatadas pelos participantes não como um fim em si, mas como resultado de abandono político-governamental.

Assim, as análises sugerem que a relação dos grupos de estudantes com o bairro e a escola ocorrem de forma diferenciada em função de fatores já apontados.

Por sua vez a escola, no contexto da cidade, capaz de abrigar tanto diferenças quanto desigualdades, pôde ser analisada através de sua trajetória institucional e dos relatos de experiências dos estudantes.

Neste contexto, as análises sugerem que embora escola e cidade sejam espaços educativos (ALVES,2018), questões externas podem afeta-la de modo que isto implica em maior ou menor abertura do ambiente escolar ao seu entorno.

Como visto, ainda que a proposta dos CIEPs (objeto deste estudo) tenha sido inspirada por um modelo de escola que buscou a integração com o seu entorno, com a comunidade, o que se percebe na atualidade é sua reificação no contexto do bairro,

seja através de gradeamentos e levantamento de muros ou através de atividades pedagógicas em grande parte descontextualizada de seu entorno.

Sobre um possível distanciamento da escola em relação ao seu entorno, parece haver uma tendência mais geral motivada pelo discurso da violência, sobretudo e principalmente em escolas localizadas próximas às favelas e outros espaços considerados como “áreas de risco”.

A experiência da pesquisa na escola foi importante, pois possibilitou aos estudantes observações e reflexões mais apuradas sobre o lugar onde vivem, para além do cotidiano. Ainda que atuando na condição de pesquisador, o envolvimento dos estudantes com a pesquisa despertou leituras e reflexões críticas sobre o bairro, fundamentais ao letramento espacial no ensino da Geografia, disciplina a qual leciono.

Também a participação na pesquisa suscitou curiosidades por partes dos estudantes a respeito de como é elaborada uma pesquisa academia e os *porquês* de meu interesse em pesquisar sobre aquela escola.

Acredito também que a pesquisa envolvendo a escola pode vir a ser uma importante fonte para trabalhos futuros, tendo em vista que até a presente data não existiam trabalhos acadêmicos e pesquisas documentais envolvendo a escola e o bairro.

Na escala da região, foi possível constatar que embora as representações sobre a Baixada Fluminense tenham sofrido mudanças positivas nas últimas décadas (Enne, 2002), no contexto pesquisado ainda persistem visões e estereótipos negativos sobre este espaço.

Na função de pesquisador e professor de Geografia na instituição, a realização da pesquisa permitiu aprofundar conhecimentos sobre o espaço do bairro e da própria região, bem como conhecer melhor parte do público o qual a escola atende.

A relevância das análises e reflexões aqui colocadas também sugerem considerar as experiências docentes nos espaços da cidade e sua importância, na medida em que o processo de fragmentação do espaço urbano apresenta como consequência a desigual distribuição de recursos e equipamento urbanos, o que implica direta ou indiretamente o processo educacional para além dos muros da escola e possíveis desdobramentos sobre o trabalho docente.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006. 146 p.

ALBUQUERQUE, E. A. A. Baixada Fluminense: uma periferia por excelência. **GEOGRAFIA**, Londrina, v. 30. n. 1. p. 63 – 83, janeiro/2021. DOI: 10.5433/2447-1747.2021v30n1p63. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/40393>. Acesso em: 09 jun. 2023.

ALVES, A.R; BRANDENBURG, E.J.(org). **Cidades Educadoras**: um olhar acerca da cidade que educa. Curitiba: Intersaberes, 2018. 204. p.

ALVES, J.C.S. **Dos barões ao extermínio**: uma história de violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias, RJ: APPH, CLIO, 2003. 197 p.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escola da Educação Básica**. Brasília, DF: 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: out. de 2024.

BURGOS, M. B. O *efeito-favela* e os desafios à construção de uma escola pública popular. *In*: FREIRE, L.L, CUNHA, N.V (org.). **Educação e favela**: refletindo sobre antigos e novos desafios. Rio de Janeiro: Consequência editora, 2022. cap 1. p. 23-43.

CARLOS, A. F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. 85 p.

FREIRE, L. L. Entre a casa e a escola, a cidade: o ‘andar juntos’ como estratégia de pesquisa com criança. **Áltera**, João Pessoa, v. 2, n.13, p.102-124, jul/dez, 2021. 2447-9837. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/issue/view/2805>. Acesso em: 20 jul. 2023.

CASA FLUMINENSE. **Mapa da desigualdade, 2022**. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

CHRISTOVÃO, A. C. A vizinhança importa: uma pesquisa sobre desigualdades educacionais no Morro do Cantagalo. *In*: FREIRE, L.L, CUNHA, N.V (org.). **Educação e favela**: refletindo sobre antigos e novos desafios. Rio de Janeiro: Consequência editora, 2022. cap. 2. p. 45-63.

ENNE, A. L. **Lugar, meu amigo, é minha Baixada**: memória, representações sociais e identidades. 2002. 502 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

COSTA, M. M.; ALCANTARA, D. Mobilidade na periferia metropolitana fluminense: transporte ativo posto à prova em São João de Meriti, RJ. **Urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana**, Rio de Janeiro, n. 12, e20190286, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/urbe/a/yCsnCGn6jLZ3d4NHPjtX4rG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 out.2022.

GEISER, P. P. *et. al.* Estudos para a recuperação econômica da Baixada Fluminense. *In*: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário geográfico do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IBGE, 1952. n. 5.

GUEDES, M.; VIEIRA, H. Sobe número de alunos que migraram de escolas particulares para públicas no país. **CNN Brasil**, 04 ago.2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sobe-numero-de-alunos-de-escolas-particulares-que-migraram-para-publicas-no-pais>: Acesso em:01 jul. 2023.

BAIXADA. *In*: GUERRA, A.T. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 446 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Séries históricas e estatísticas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://serieestatisticas.ibge.gov.br/> Acesso em: 27 jan. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. **Dados municipais São João de Meriti**: demografia e desenvolvimento humano. [S.l: s.n], [20--?]. Disponível em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> Acesso em: 01 ago. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. **Dados municipais São João de Meriti**: renda. [S.l: s.n], [20--?]. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> Acesso em: 01 ago. 2023.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 296 p.

JOLÉ, M. Reconsiderações sobre o ‘andar’ na observação e compreensão do espaço urbano. **Caderno CRH, Salvador**, v.18, n.45, p. 423 429, set/dez, 2005. DOI:10.9771/ccrh.v18i45.18536. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18536>. Acesso em: 10 out. 2023.

JUNQUEIRA, R.D. Currículo, Cotidiano Escolar e Heteronormatividade em Relatos de Professoras da Rede Pública. *In*: Fazendo Gênero 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 23-26, 2010, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <http://docplayer.com.br/38928778-Curriculo-cotidiano-escolar-e-heteronormatividade-em-relatos-de-professoras-da-rede-publica.html> . Acesso em: 13 ago. 2022.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013. 467 p.

LIMONAD, E.; RANDOLPH, R. Cidade e lugar: sua representação e apropriação

ideológica. **Revista Brasileira De Estudos Urbanos E Regionais**, n. 5, p. 9, 2001. DOI:10.22296/2317-1529.2001n5p9. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/62>. Acesso em: 03 jul. 2024.

LÓPEZ, N. A escola e o bairro. Reflexão sobre o caráter territorial dos processos educacionais na cidade. In: RIBEIRO, L. C.Q. KAZTMAN, R. (org.) **A cidade contra a escola: segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro: Letra capital: FAPERJ: IPPES, 2008. p. 327-362.

MARTINS, K.S. Essência do Lugar como apreensão do vivido. In: XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE, 10-15., 2021, Edição online. **Anais** [...]. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-xiv-enanpege>. Acesso em: 08 out. 2023.

MEDEIROS, A. **Memória Histórica de São João de Meriti**. 1958. 75 p.

MIGNOT, A.C.V. Escolas na vitrine: Centros Integrados de Educação Pública (1983-1987). **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15 n. 42, p. 153-168, ago. 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/731>. Acesso em: 03 abr. 2023.

MOREIRA, L. S. **Dos barracões aos CIEPs: A Elaboração da Política Educacional Brizolista (1983 a 1987)**. 2020. 353 p. Tese (Doutorado em educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

OBSERVATORIO DAS METROPOLES. **Índice de Bem-Estar Urbano – IBEU Local**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://ibeu.observatoriodasmetrosoles.net.br/ibeu-rio-de-janeiro/> Acesso em: 02. jun 2023.

PEREGRINO, Mônica. **Trajetórias desiguais: um estudo sobre os processos de escolarização pública de jovens pobres**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PRADO, Walter. **História Social da Baixada Fluminense: das sesmarias a foro da cidade**. Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2000. 260 p.

RIBEIRO, Darcy. **O livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986. 157 p.

RIO DE JANEIRO (RJ). **Lei complementar 184/2018**. Dispõe sobre a Região Metropolitana do Rio de Janeiro [...]. Rio de Janeiro: Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, Disponível em: <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/f25edae7e64db53b032564fe005262ef/1865e2c565e1e547832583d1005da99f?OpenDocument&Highlight=0,10%2F2015>. Acesso em: 09 set. 2023.

ROCHA, A. S. A representação “ideal” de um território: exemplificando a Baixada Fluminense. In: **Revista Pilares da História**, Duque de Caxias, v. 10, n. 11, p. 20-30,

maio 2011. Disponível em: https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=1474. Acesso em: 05 maio 2021.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense**. Mesquita: Editora Entorno, 2011. 358 p.

ROCHA, André Santos. “Nós não temos nada a ver com a Baixada!” Problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. *In: Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, Nilópolis, v. 3, n. 4, p. 1-22, jan/jul, 2013. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/1063/0>. Acesso em: 02 jun. 2023.

ROCHA, André Santos. **Baixada Fluminense**: representações espaciais e disputas de legitimidade na composição territorial municipal. 2009. 141 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <https://posgeo-uff.com.br/teses-e-dissertacoes/>. Acesso em: 03 mar. 2022.

ROCHA, Jorge Luiz. Memória Ferroviária de uma cidade. *In: Pilares da história*. Duque de Caxias, v. 3, n. 4, p. 43-53, maio 2004. Disponível em: https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=1474 Acesso em: out. 2022.

RONILK. R. **O que é a cidade**. – São Paulo: Brasiliense, 2024. 43 p.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *In: Boletim paulista de Geografia*. São Paulo, n. 54. p. 81-100, abr. 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/issue/view/94>. Acesso em: 06 mai. 2023.

SANTOS, T. R. **Educação nos CIEPs**: o caso do CIEP 241 – Nação Mangueirense. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=128480. Acesso em: 02 abr, 2023.

SÃO JOAO DE MERITI (RJ). Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. **Revisão do Plano Diretor Municipal**. [S.l: s.n], 2020. Disponível em: <https://portal.meriti.rj.gov.br/?s=Plano+Diretor>. Acesso em: 04 jun., 2020.

SÃO JOAO DE MERITI. Secretaria Municipal de Ambiente e Sustentabilidade. **Mapa de localização das áreas verdes no município de São Joao de Meriti**. [S.l: s.n], 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1wNEI9glGBGqiT22tLY93FqQ5StD5L0AI/view> Acesso em: 05 jul, 2023.

SÃO JOAO DE MERITI (RJ). **Lei Complementar 89/2006**. Institui o Plano Diretor do município de São Joao de Meriti [...]. São João de Meriti: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, 2006. Disponível em:

lei_complementar_no_205_de_14_de_dezembro_de_2021.pdf. Acesso em 03 abr. 2022.

SCHREINER, B.C. **As reconstituições visuais de crime de Roberto Rodrigues no jornal Crítica (1929)**. 2023. 64 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/21126>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, L. H. P. Dê Recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: leitura de um território pela história. *In: Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, v. 3, n. 5, p. 48-63, jul – dez, 2013. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/1280> Acesso em: 10 set. 2023

SILVA, L. H. P. da. A invenção da Baixada Fluminense: UUIO da FUNDREM (1975/89) e a representação de uma região. *In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Espaço, Planejamento e Insurgências*, 16, 2015, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1666> Acesso em: 06 set, 2023.

SILVA, Lúcia Helena Pereira da. Hildebrando de Góes e sua leitura sobre a história da Baixada Fluminense. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 1, p. 107-119, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/12418> Acesso em: set. 2023.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **A cidade Estilhaçada** – reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense. Niterói, 2006. 291 f. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/18767> Acesso em: 05 nov. 2022.

SOUTO, Adriana Branco Correia. **Conquistar a terra das águas: engenharia, engenheiros e as intervenções de saneamento em Iguassú (RJ), 1894-1940**. 2021. 214 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53538>. Acesso em: 05 dez, 2022.

SOUZA, M. L. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. *In: Revista brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 51 n. 2, p. 139-175. Abr/Jun, 1989. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=7115&view=detalhes>. Acesso em: 05 dez, 2022.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013. 320 p.

THIBAUD J. P. A cidade através dos sentidos. *In*: **Cadernos PROARQ**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 3-16, jul. 2018. DOI 10.37180/ 2675-0392. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/18>. Acesso em: 03 jul. 2024.

THIBAUD, J. P. Ambiências de passagem – figuras, condutas, medidas. *In*: DUARTE, C.R. (org). **Novos olhares sobre os lugares**: ferramentas e métodos, da arquitetura à antropologia. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2013.

THIBAUD, J. P e.*al*. Les parcours commentés. *In*: THIBAUD, J. P (org). **L`espace urbain en méthodes**. [S.l.]: Editions Parenthèses, 2001. p. 79-99. Disponível em: <https://shs.cairn.info/psychologie-environnementale-100-notions-cles--9782100828289-page-175?lang=fr>. Acesso em: 03 jul. 2024.

TORRES, G. **Baixada Fluminense**: a construção de uma história: sociedade, economia, política. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: INEPAC, 2008. 271 p.

TUAN, Y.F. **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983. 260 p.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. da. O que um racionalista pode aprender no Catumbi. *In*: LIMA, R.K; MELLO, M.A.S; FREIRE, L.L (org). **Pensando o Rio**: políticas públicas, conflitos urbanos e modos de habitar. Niterói: Intertexto, 2015. 315 p.

ANEXOS

Figura 46 – Mapa de trajeto casa-escola – Grupo I



Legenda: mapa de trajeto casa-escola elaborado por estudante do 3º ano destacando o clube de futebol do bairro, a escola e a casa.
Fonte: Elaborado por estudante do 3º ano.

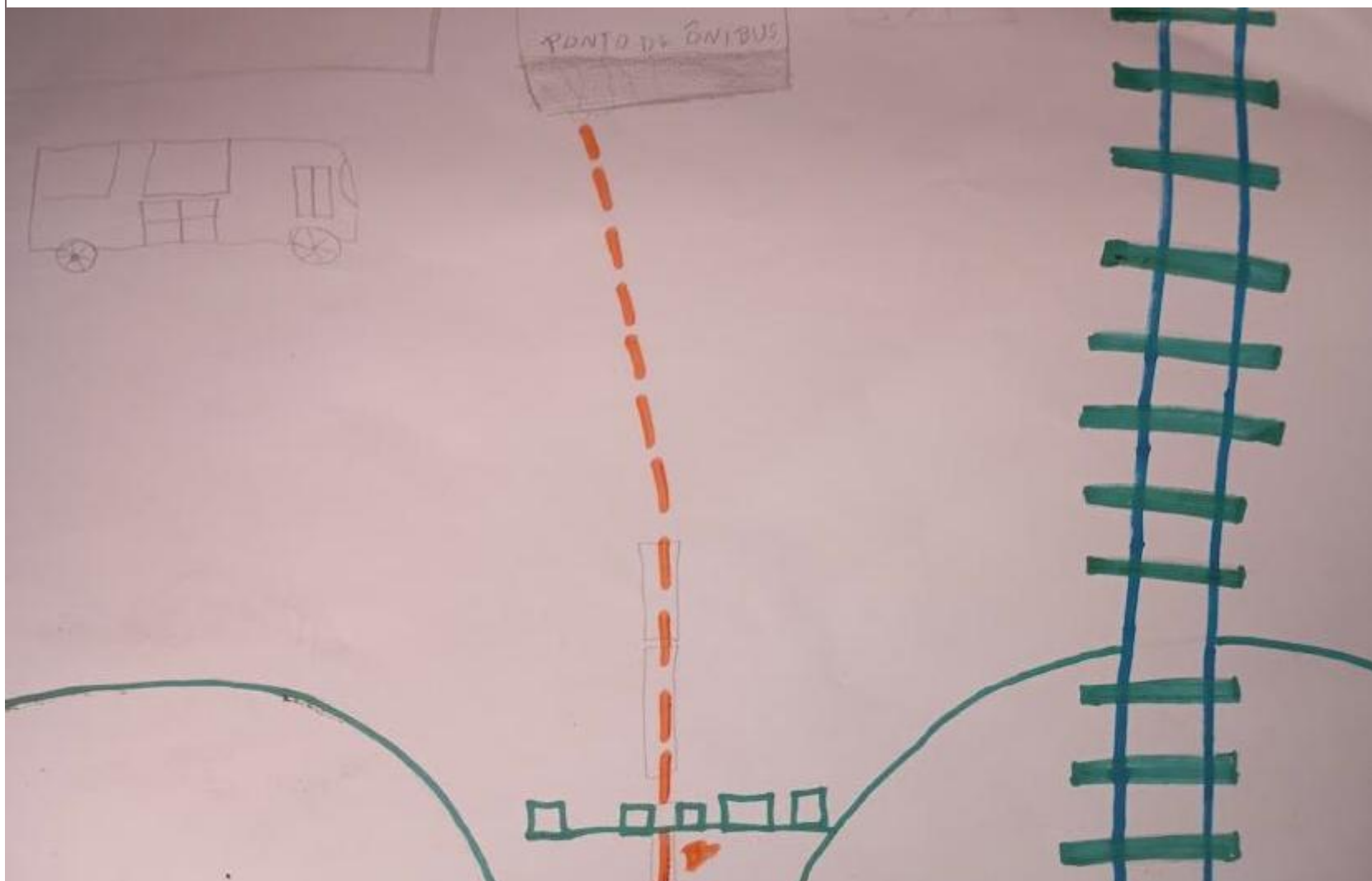
Figura 52 – Mapa de trajeto casa-escola – Grupo II



Legenda: Mapa de trajeto casa-escola elaborado por estudante do 2º ano representando o caminho até à escola realizado por transporte público e por caminhada.

Fonte: Elaborado por estudante do 2º ano.

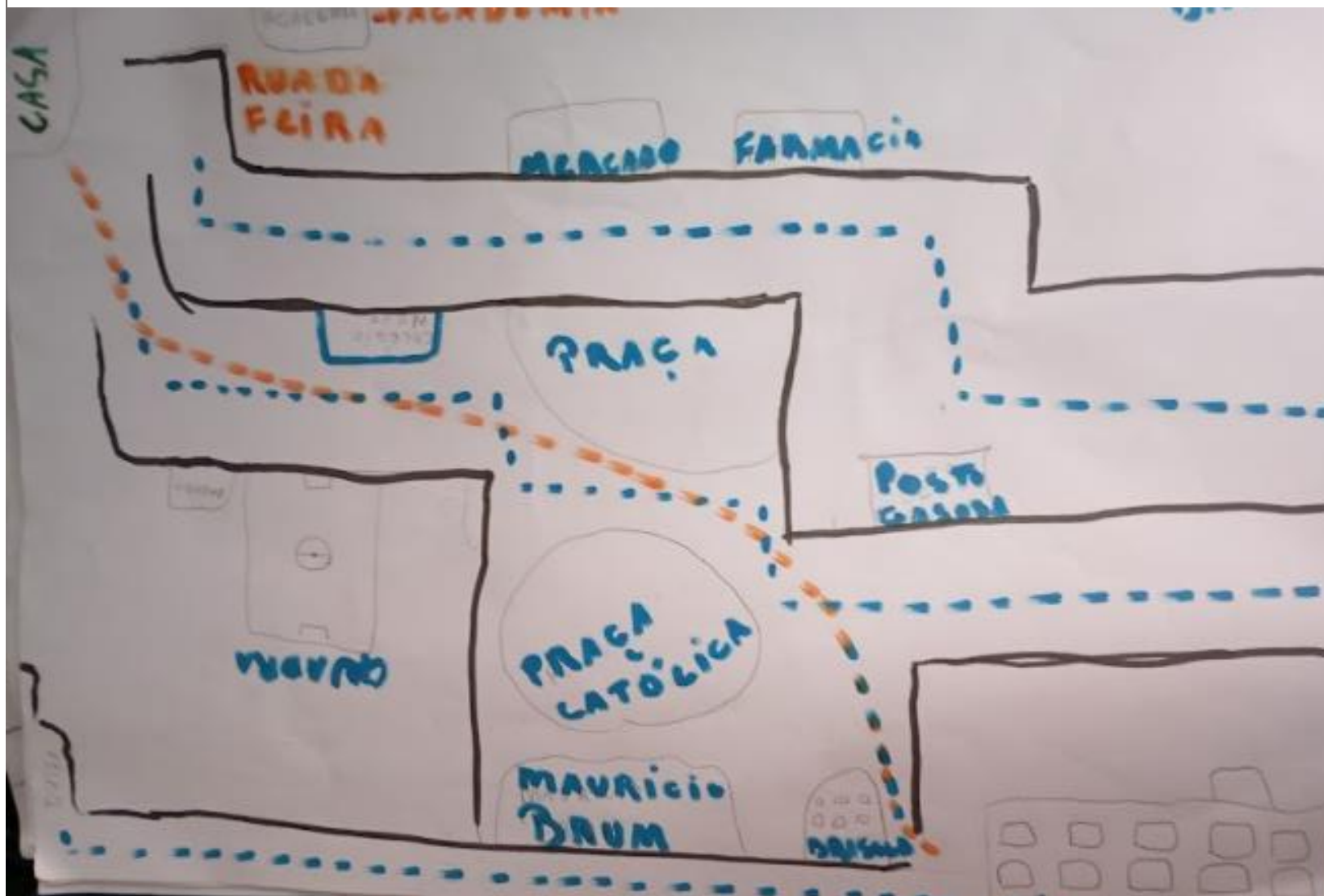
Figura 54 – Mapa de trajeto casa-escola – Grupo II



Legenda: Mapa de trajeto casa-escola elaborado por estudante do 3º ano destacando a presença de barricada no caminho até à escola.

Fonte: Elaborado por estudante do 3º ano.

Figura 59 – Mapa de trajeto casa-escola – Grupo II



Legenda: Mapa de trajeto casa-escola elaborado por estudante do 2º destacando a “praça da igreja” e o comércio local.

Fonte: Elaborado por estudante do 2º ano.